UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

MARIANA GOMES DA CRUZ

As tensões entre pós-estruturalismo e marxismo na obra de Norman Fairclough

Versão Corrigida
São Paulo
2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

As tensões entre pós-estruturalismo e marxismo na obra de Norman Fairclough

Mariana Gomes da Cruz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo

Versão Corrigida

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C957t

Cruz, Mariana Gomes da
As tensões entre pós-estruturalismo e marxismo na obra de Norman Fairclough / Mariana Gomes da Cruz ; orientador Paulo Roberto Gonçalves Segundo. - São Paulo, 2019.
95 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Norman Fairclough. 2. Análise Crítica do Discurso. 3. Discurso. 4. Marxismo. 5. Pós-estruturalismo. I. Segundo, Paulo Roberto Gonçalves, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do Orientador

Nome do (a) aluno (a): Mariana Gomes da Cruz

Data da defesa: 19/09/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da Comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 11/11/2019.

(Assinatura do Orientador)

CRUZ, M. G. **As tensões entre pós-estruturalismo e marxismo na obra de Norman Fairclough.** 2019. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Aprovada em: 19 de setembro de 2019

Banca Examinadora:

Presidente da Banca
Prof. Dr.: Paulo Roberto Gonçalves Segundo — Instituição: USP
Julgamento: Aprovada — Assinatura: _____

Profa. Dra.: Angélica Lovatto — Instituição: Unesp
Julgamento: Aprovada — Assinatura: _____

Profa. Dra.: Karina Falcone de Azevedo — Instituição: UFPE
Julgamento: Aprovada — Assinatura: _____

Profa. Dra.: Kelly Cristina de Oliveira — Instituição: IFSP
Julgamento: Aprovada — Assinatura: _____

À minha mãe, mulher nordestina e operária que construiu sua trajetória inevitavelmente pela luta. Ela me ensinou que é necessário reivindicar mudanças, manifestar-se, e, apesar dos tempos sombrios, permanece com um otimismo e uma coragem que me serviram de motivação para escrever esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito ao meu professor e orientador Paulo Roberto Gonçalves Segundo, que me aceitou enquanto orientanda com o mestrado já em andamento e ainda me apoiou quando o tema da presente dissertação tornou-se importante e inquietante demais para mim, substituindo uma escolha inicial que ia por um caminho completamente diferente. Seus apontamentos foram de extrema importância ao longo dos quase dois anos de desenvolvimento deste mestrado.

Agradeço à minha família, por me incentivar a sempre seguir em frente. O apoio diário do meu pai, João, das minhas irmãs, Rosana e Adriana, e da minha mãe, Neidia, foi facilitador dessa dissertação em diversos aspectos: dos momentos de descontração até os momentos de discussão política que me levam constantemente a refletir sobre as opiniões que partem do interior de uma família da classe trabalhadora.

Agradeço à professora Ziza e ao professor Cosme, que estiveram presentes em minha vida em outra etapa do desenvolvimento educacional, mas que certamente foram determinantes para a forma como encaro a sociedade hoje. Além disso, eles me inspiram imensamente na minha atividade como professora. Certa vez, eles me presentearam com um livro cuja dedicatória dizia: “Mariana, que a indignação de poucos se multiplique no bem de muitos”. Tomei-a como um conselho.

Agradeço ao Miguel, pelo apoio ao longo de toda essa jornada. Foram muitas as vezes em que ele me incentivou a insistir neste projeto, um projeto que requeria certa coragem pelo aspecto polêmico do debate principal. Agradeço-o também pelas conversas infinitas.

Por fim, agradeço às minhas amigas Laura, Nathália e Nayla, que estiveram presentes em momentos extremamente necessários para qualquer pessoa: os momentos de lazer. As risadas, as conversas, a união e o companheirismo significaram um respiro em meio à tensão de elaborar esta dissertação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 1721400.

Em nenhuma revolução o "justo meio" pode ser mantido, pois sua lei natural exige decisões rápidas: ou a locomotiva subirá a encosta histórica a todo vapor até o cume, ou, arrastada pelo próprio peso, voltará à planície de onde partiu, arrastando consigo para o abismo os que, sem esperança de salvação, com suas fracas forças, queriam detê-la no meio do caminho.

Rosa Luxemburgo, *A Revolução Russa*

RESUMO

CRUZ, M. G. **As tensões entre pós-estruturalismo e marxismo na obra de Norman Fairclough.** 2019. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Essa dissertação tem como objetivo compreender as tensões entre o pós-estruturalismo e o marxismo existentes na produção de Norman Fairclough. Ao longo das análises realizadas de obras fundamentais da teoria discursiva de Fairclough, constatou-se que não havia uma constante quanto ao posicionamento do autor sobre essas duas correntes de pensamento, mas, sim, a construção de uma tensão que se encaminhou gradualmente para a defesa de uma conciliação entre os pressupostos marxistas e pós-estruturalistas. Nesta pesquisa, argumentamos acerca da centralidade da instância discursiva nas ciências humanas (enquanto um aspecto decorrente do pensamento pós-estruturalista) estabelecendo diálogos com a obra de Fairclough. Ademais, baseamo-nos na análise das categorias de ideologia e de poder na produção desse autor para identificar os momentos de tensão. O posicionamento adotado ao longo das análises fundamenta-se na crítica marxista (especialmente nos trabalhos de Fredric Jameson [1991], Terry Eagleton [1991], Alex Callinicos [1993] e Perry Anderson [1998]), mas recorremos também aos trabalhos de François Lyotard (1979) e Michel Foucault (1976; 1994) em determinados momentos para dar suporte à compreensão desse debate.

Palavras-chave: Discurso; Análise Crítica do Discurso; Norman Fairclough; Marx; Foucault; Pós-estruturalismo; Marxismo.

ABSTRACT

CRUZ, M. G. **Tensions between Post-structuralism and Marxism in the work of Norman Fairclough**. 2019. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This dissertation aims to understand the tensions between Post-structuralism and Marxism in the production of Norman Fairclough. Throughout the analysis of fundamental works of Fairclough's discursive theory, we found no constant regarding the position of the author on these two currents of thought; instead, we detected the construction of a tension that gradually moved towards the defense of a conciliation between Marxist and Post-structuralist assumptions. In this research, we discuss the centrality of the discursive instance in human sciences (as a result of Post-structuralist thinking) by establishing dialogues with Fairclough's work. In addition, we analyze the categories of ideology and power in Fairclough's production to identify moments of tension. The perspective we adopt throughout the analysis draws on Marxist critique (especially on the works of Fredric Jameson [1991], Terry Eagleton [1991], Alex Callinicos [1993] and Perry Anderson [1998]), although we also resort, to a lesser extent, to the works of François Lyotard (1979) and Michel Foucault (1976; 1994) in order to support the understanding of this debate.

Key words: Discourse; Critical Discourse Analysis; Norman Fairclough; Marx; Foucault; Post-structuralism; Marxism.

SUMÁRIO

Introdução 1

Capítulo 1 Pressupostos teóricos: a Análise Crítica do Discurso, o pós-estruturalismo e o marxismo 7

1.1 Introdução à Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough: a tônica da crítica ao capitalismo 7

1.2 Definições da pós-modernidade 11

1.2.1 A pós-modernidade a partir de *A condição pós-moderna*, de Jean François Lyotard 12

1.2.2 A pós-modernidade na visão da crítica marxista 16

Capítulo 2 A instância do discurso no pós-estruturalismo a partir da crítica marxista 22

2.1 O problema do discurso como produtor da realidade material e a crise da representação 25

2.2 A "inflação do discurso" na pós-modernidade e diálogos possíveis com a obra de Norman Fairclough 32

Capítulo 3 As noções de poder e ideologia em Fairclough 38

3.1 Language and Power (1989) 38

3.2 Discourse and Social Change (1992) 44

3.3 Critical discourse analysis (1995) 47

3.4 Discourse in Late Modernity (1999) 51

3.5 Analysing Discourse (2003) 55

3.6 Resgate crítico 62

Considerações finais: limites da convivência entre Marx e Foucault no interior de uma teoria discursiva 68

Referências Bibliográficas 80

Introdução

No trabalho do analista crítico do discurso Norman Fairclough, deparamo-nos com um amplo referencial de teorias sociais, composto por autores de variadas vertentes, como o marxismo, o pós-marxismo, o pós-estruturalismo e o realismo crítico. Partindo dessa observação acerca do pensamento faircloughiano e do reconhecimento de que essas vertentes com as quais ele dialoga em seu trabalho apresentam algumas premissas epistemológicas que podem ser consideradas conflitantes entre si, propomos discutir em que medida essas tensões se explicitam em sua obra e de que modo seu posicionamento se constitui frente a essas possíveis polêmicas. Nessa introdução, discorreremos acerca da relevância desse debate na atualidade, de que modo foi possível levar a cabo essa análise, voltando-nos especificamente ao pensamento faircloughiano e quais são implicações políticas dessa discussão.

Escolhemos analisar em Fairclough a incidência da polêmica entre marxismo e pós-estruturalismo, a qual é sustentada por diversos autores, como Fredric Jameson (1991), Terry Eagleton (1991), Alex Callinicos (1993) e Perry Anderson (1998), nomes importantes da crítica marxista do séc. XX e XXI. Existe na crítica marxista um longo caminho de debate em torno do desenvolvimento do pensamento científico na pós-modernidade, compreendendo-o não apenas como um fenômeno isolado na academia, mas como um processo que possui raízes em determinados acontecimentos políticos que transcorreram ao longo século XX. Consideramos também apresentar ao leitor a perspectiva de pensadores da pós-modernidade (fenômeno no qual o pós-estruturalismo está localizado). Um destes autores é François Lyotard, que em *La condition postmoderne* (1979) escreve em tom crítico em relação à epistemologia marxista por meio da crítica às metanarrativas[1]. Dessa forma, buscamos apresentar uma visão de como o conflito entre essas correntes se constitui e por que era possível focalizarmos essa tensão na obra de Fairclough, mas, apesar de inicialmente preocuparmo-nos em compor esse panorama sobre o debate, trazendo referências de ambas as perspectivas em tensão, partimos da relevância do que aponta a crítica marxista, que é a necessidade para superar uma visão sustentada pelo pós-estruturalismo de que a realidade é constituída sobremaneira pelo discurso, o que tem um impacto negativo na dinâmica das lutas sociais por centralizar o discurso como o espaço de transformação social.

[1] A definição desse conceito aparece na seção 1.2 desta dissertação.

A publicação, em 2002, do artigo "Marx as a critical discourse analyst: the genesis of a critical method and its relevance to the critique of global capital", escrito por Fairclough e Philip Graham, é algo que inicialmente deu força à hipótese dessa pesquisa, uma vez que nele Fairclough negocia o posicionamento de sua ACD, localizando-se próximo a Marx e opondo-se claramente ao pós-estruturalismo:

> It is a 'critical' analysis of discourse in that it sets out precisely to explore these often opaque dialectical interconnections within the tradition of critical social science. That is, it shares the concern of critical social science to show how socio-economic systems are built upon the domination, exploitation, and dehumanisation of people by people, and to show how contradictions within these systems constitute a potential for transforming them in progressive and emancipatory directions. In our understanding, CDA differs from other critical (eg. Foucaultian, "post-modern", "post-structural", "social constructivist", etc.) approaches to discourse in its view of spoken, written, and multimediated texts. CDA views texts as a moment in the *material* production and reproduction of social life, and analyses the social 'work' done in texts as a significant focus of materialist social critique. (FAIRCLOUGH e GRAHAM, 2002, p. 5).

No trecho acima, após postular o interesse da ACD em mostrar como sistemas socioeconômicos[2] são marcados pela "dominação, exploração e desumanização", os autores diferenciam os estudos críticos do discurso de outras epistemologias críticas aos sistemas, como a pós-estruturalista, destacando, inclusive, uma diferença em relação à perspectiva foucaultiana. Em seguida, a proximidade com o marxismo é construída pela defesa de uma visão materialista que compreende os textos como um momento da produção e reprodução material de uma sociedade. Além disso, Fairclough e Graham, desde o título, demonstram a intenção de se aproximarem a Marx, de associar a ACD faircloughiana ao pensamento marxista. Mas isso não é uma constante em sua obra, como demonstraremos ao longo da dissertação, pois Fairclough usará como fonte de algumas de suas principais ideias o pensamento foucaultiano.

Além da obra de Fairclough, da crítica marxista e da defesa do pós-estruturalismo de Lyotard nos indicarem haver essa tensão entre marxismo e pós-estruturalismo, reflexões sobre a instância do discurso surgem como um ponto de intersecção entre essas áreas: para o pensamento pós-estruturalista, o discurso assume um papel central; a crítica marxista problematiza a centralidade do discurso que decorre do pensamento pós-

[2] O autor não aponta o capitalismo neste trecho explicitamente, mas uma crítica a este sistema especificamente percorre todo o artigo.

estruturalista; e Fairclough, por sua vez, trabalhará constantemente com essa categoria sob influência tanto de pressupostos do pós-estruturalismo quanto do marxismo.[3]

É importante retomar que, nesta dissertação, apresentamos uma visão que, desde o início, busca situar-se em um dos lados tensionados na referida polêmica – a visão marxista. A despeito disso, contudo, consultamos e dialogamos com diferentes fontes com o objetivo de oferecer ao leitor um panorama dos impasses que surgem entre as abordagens consideradas, a interdiscursividade inerente às leituras críticas que um autor faz do outro e a emergência da polêmica que centralizamos. Basicamente, é desta forma que pensamos a estrutura do Capítulo 1 dessa dissertação, buscando revelar a nossa compreensão acerca dessas três grandes áreas que percorrerão esse trabalho.

O nosso objetivo geral é identificar, discutir e problematizar essa tensão na obra de Fairclough, para que possamos não apenas compreender o seu posicionamento acerca dessa polêmica, como também entender como ela se constitui nos estudos discursivos (dialogando com a questão alusiva à centralidade do discurso nas ciências humanas a qual nos referimos anteriormente). Ademais, como os autores marxistas que utilizamos veem uma relação entre essa centralidade do discurso e determinados eventos políticos, acreditamos que pensar o que nos propomos ultrapassa os limites de uma discussão epistemológica; a discussão entre pós-estruturalismo e marxismo é também política, na medida em que cada uma dessas correntes de pensamento tem uma visão distinta sobre a relação entre discurso e realidade, o que tem o potencial de refletir na constituição do pensamento e das estratégias políticas de um partido ou de um movimento social, impactando na dinâmica das lutas sociais.

Esse objetivo dialoga também com ao menos dois pressupostos da ACD faircloughiana. Primeiro, o de que o posicionamento do pesquisador deve necessariamente se revelar na sua produção científica. Segundo, o de que as teorias sociais devem estar presentes nos trabalhos que se proponham a realizar um estudo crítico-discursivo. Sendo assim, mostra-se importante analisar a proposta da ACD faircloughiana focalizando as teorias sociais que a sustentam, e esperamos que esta pesquisa possa ser útil aos pesquisadores em ACD que desejem compreender de onde partem alguns dos posicionamentos da proposta de Fairclough em relação especificamente às teorias pós-estruturalista e marxista.

[3] A fundamentação dessas considerações está presente no Capítulo 2 dessa dissertação.

Nesse sentido, a pesquisa que empreendemos se justifica por praticamente iniciar, no Brasil, esse movimento de debater, questionar e problematizar a filiação epistemológica e ideológica de uma das principais vertentes dos estudos discursivos contemporâneos e, por conseguinte, seu alcance em termos de seu próprio projeto político e epistemológico[4]. Uma pesquisa expressiva que se propõe a realizar um questionamento similiar é a de Johannes Beetz, pesquisador da Universidade de Warwick, autor dos livros *Materiality and Subject in Marxism, (Post-) Structuralism, and Material Semiotics* (2016) e *Material Discourse - Materialist Analysis* (2017), e editor, junto a outros pesquisadores, da edição especial da revista *Critical Discourse Studies,* intitulada "Marx and Discourse", publicada no ano em que se completaram 200 anos da morte de Karl Marx (2018). Os resultados da pesquisa de Beetz não integraram essa dissertação, porque nos propomos a compreender particularmente a obra de Norman Fairclough; no entanto, ela nos leva, mais uma vez, a considerar a atualidade deste debate.

Um dos nossos objetivos específicos foi refletir acerca do ponto nodal para as três grandes áreas que atravessam este trabalho, que constitui a instância do discurso (a qual já nos referimos anteriormente). Assim, dedicamos o Capítulo 2 a essa problemática do discurso como produtor da realidade para o pós-estruturalismo e da crise da representação decorrente dessa compreensão. Em seguida, abordamos a expressão "inflação do discurso" que aparece na obra de Eagleton (1991) em referência a uma análise que Perry Anderson desenvolvera anteriormente (1998). Nesse capítulo, também recuperamos a continuidade de uma crítica que consta tanto nos Planos de trabalho de Valentin Volóchinov, publicados na última versão brasileira de *Marxismo e filosofia da linguagem*[5], quanto nos pensadores marxistas que formam nosso aparato teórico (cuja produção se concentra nos anos 1990): essa crítica questiona a autonomia da palavra, que considera o verbal com um poder superestimado de agir sobre a realidade material. A relação entre a crítica realizada por estes autores localizados em tempos históricos diferentes sugere que é possível a busca pelas raízes sociológicas de determinados fenômenos pelo viés do marxismo, como é o caso da centralidade do discurso na contemporaneidade. A despeito de uma problemática comparável a essa, Volóchinov (2017 [1929]) havia questionado:

[4] Para citar alguns artigos brasileiros que se aproximam à discussão que realizamos, podemos destacar: "Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas", de Viviane de Melo Resende e Viviane C. Vieria Sebba Ramalho (2010), e "Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e interseções", de Iran Ferreira de Melo (2009).

[5] Referimo-nos aqui ao anexo da publicação da última tradução realizada no Brasil de *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Sheila V. C. Grillo e Ekaterina Volkova, publicada em 2017.

> Como explicar esse papel da palavra, totalmente novo e excepcional, na visão de mundo contemporânea? Esse movimento está longe de ser ocasional. *O marxismo deve revelar suas raízes sociológicas*. [Volóchinov (2017 [1929], p. 341), grifo do autor]

De certa forma, essa mesma pergunta atravessa a presente pesquisa, e apesar de dialogarmos mais diretamente a partir dela no Capítulo 2, ela constitui uma motivação para a dissertação como um todo.

Outro objetivo específico dessa dissertação consiste em compreender como as categorias de poder e ideologia aparecem tensionadas na obra de Fairclough, em relação ao debate entre pós-estruturalismo e marxismo. Como veremos ao longo do Capítulo 3, quando Fairclough refere-se a essa tensão em sua obra, ele o faz, constantemente, ao tratar da categoria de poder. Por sua vez, a noção de ideologia surge como uma categoria relevante de análise porque, além de ser focalizada no pensamento faircloughiano a partir da visão marxista, sua incorporação marca um distanciamento significativo do pós-estruturalismo, na medida em que se trata de uma categoria descartada na obra de Michel Foucault.

Nosso corpus é constituído por cinco obras de Fairclough que delineiam os princípios teóricos e metodológicos de sua vertente de ACD: *Language and Power* (1989), *Discourse and social change* (1992), *Critical Discourse Analysis* (1995), *Discourse in Late Modernity* (1999) e *Analysing Discourse* (2003). É a partir dessas cinco obras que analisamos como foram se constituindo ao longo do tempo as suas abordagens de poder e ideologia. Assim, discutiremos em que medida essas noções atravessam o nosso debate principal, que é a tensão entre pós-estruturalismo e marxismo, e como isso se desenvolve em direção a uma perspectiva conciliatória no pensamento faircloughiano. Para isso, foi necessário tratar cronologicamente das obras de Fairclough, buscando entender como essa polêmica foi sendo conduzida ao longo dos anos, de forma a revelar novas nuances do posicionamento do autor.

O empreendimento epistemológico de Fairclough, de caráter conciliatório, gera em torno de sua obra compreensões conflitantes acerca de seu posicionamento: por um lado, ele já foi acusado de pertencer a uma "economistic tendency", como o faz Walsh (2001, p. 27); por outro, sua obra utiliza-se densamente de Foucault, um dos nomes mais importantes para o pensamento pós-estruturalista, ainda que fazendo ressalvas em relação a determinadas concepções (as quais se mostram importantes momentos de negociação de seu posicionamento em relação à nossa polêmica central).

Os procedimentos metodológicos que seguimos foram: apresentar um panorama do conflito entre pós-estruturalismo e marxismo que fundamentasse a existência dessa tensão e justificar sua ocorrência na obra de Fairclough; argumentar o porquê essa tensão é relevante para os estudos discursivos, apresentando ao leitor a discussão sobre a centralidade do discurso no pós-estruturalismo, aspecto problematizado pela crítica marxista com a qual nos identificamos e nos respaldamos ao longo do trabalho; e, por fim, analisar as categorias de poder e de ideologia (que desde a primeira obra de Fairclough tornavam evidente a tensão entre pós-estruturalismo e marxismo, além de serem noções em disputa entre essas duas correntes de pensamento). Após proceder à análise das categorias de poder e de ideologia em cada uma das cinco obras de Fairclough, desenvolvemos um resgate crítico para sintetizar os resultados desta etapa da dissertação.

Por fim, as Considerações finais apresentam um tom mais ensaístico, em que buscamos definir uma posição crítica em relação a proposta de conciliação identificada em Fairclough. Nesta parte, dialogamos a partir da necessidade de se ultrapassar a perspectiva conciliatória. Essa defesa relaciona-se, de certa forma, ao que significa a própria publicação de "Marx as a critical discourse analyst", uma tentativa explícita de criar uma proximidade com o marxismo, ou mesmo ao posicionamento de Fairclough em um de seus textos mais recentes, "CDA as dialectical reasoning" (2018), em que o autor reivindica uma postura radical da ACD que seja capaz de responder a uma necessidade de mudanças também radicais[6].

[6] Cf. Fairclough, Norman. CDA as dialectical reasoning. *The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2018, p. 15: "The 2007+ crisis indicates a continuing need for radical change. As the huge gap between rich and poor has continued to increase even during the crisis, it would seem that only a struggle for fundamental social and political changes can reverse this and other damaging tendencies. If CDA wants to contribute, it needs to be radical".

Capítulo 1 Pressupostos teóricos: a Análise Crítica do Discurso, o pós-estruturalismo e o marxismo

Neste capítulo, pretendemos situar os diferentes tipos de leitor acerca da fundamentação teórica dessa dissertação. Na primeira parte, introduziremos a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough e como o pensamento marxista está inserido em suas produções. Na segunda parte, dedicamo-nos a apresentar as definições da pós-modernidade, partindo, inicialmente, da perspectiva de Jean François de Lyotard para posteriormente alcançar a perspectiva crítica marxista (passando pelas considerações de autores como Alex Callinicos, Perry Anderson e Terry Eagleton). Esse recorte introdutório deve respaldar o leitor para que se possa compreender a hipótese que o presente trabalho levanta acerca de uma tensão existente entre pós-estruturalismo e marxismo na obra de Fairclough.

Ainda que a visão sobre a pós-modernidade aqui apresentada seja desde o início enviesada pelo marxismo, é importante destacar que o principal material que utilizamos para essa discussão é *Contra el postmodernismo* (1993), de Callinicos, o qual apresenta recortes importantes da obra *A condição pós-moderna* (2009), de Lyotard; esta última, uma obra fundante da concepção de pós-modernidade como uma forma de interpretação da realidade e sobre a qual este capítulo também se dedicará a discutir detidamente. Ademais, destacamos a impossibilidade de construirmos uma visão neutra ou imparcial sobre a pós-modernidade, ainda que nos situemos na esfera de produção científica[7], uma vez que qualquer apresentação que fosse realizada acerca do fenômeno possuiria já, ainda que germinal, uma voz autoral.

1.1 Introdução à Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough: a tônica da crítica ao capitalismo

Norman Fairclough é um analista crítico do discurso britânico formado pelo University College of London que ocupa atualmente a posição de professor emérito na Lancaster University. Fairclough integra um grupo de linguistas que fundou a ACD nos anos 1990, composto por nomes como Ruth Wodak, Theo Van Leeuwen, Teun Van Djik e Gunther Kress. Apesar de o início da ACD ser identificado nesse período, os autores

[7] Uma das fortes ideias defendidas pela ACD, inclusive, é a de que o pesquisador deve se posicionar, posicionamento este que se revela no produto de seu desenvolvimento intelectual, que contém traços de sua filiação ideológica.

citados já compartilhavam alguns princípios nos trabalhos que vinham desenvolvendo. Tais princípios se relacionavam a uma visão crítica sobre as desigualdades e a possibilidade de conjugar o estudo da linguagem – considerando como unidade básica o discurso – ao engajamento político e social (WODAK, 2004).

O trabalho de Fairclough era um dos que se acercava dessas ideias. Sua obra mais significativa precedente ao surgimento da ACD consiste no livro *Language and Power* (1989), no qual ainda não se encontrava presente a denominação Análise Crítica do Discurso, ainda que houvesse um forte apelo ao engajamento político e à possibilidade de utilizar os estudos discursivos para compreender e transformar a realidade social, o que era então denominado pelo autor como Critical Language Study. Mesmo em sua publicação posterior, *Discourse and Social Change* (1992)[8], a única obra integralmente traduzida no Brasil, a ACD enquanto tal ainda não estava constituída. Utilizava-se à época o termo ADTO (Análise do Discurso Textualmente Orientada), o qual dava ênfase não apenas ao discurso como unidade básica, como também à importância que a análise microtextual assumiria em sua teoria discursiva, além de contar com a forte influência de teorias sociais que fossem capazes de complementar estes objetivos e aprofundar a crítica possível que resultaria das análises.

Referimo-nos à trajetória de Fairclough na ACD para fixar seu constante interesse em propor uma teoria discursiva que estivesse aliada a teorias sociais interessadas em pensar as relações de dominação na sociedade e, principalmente, como reverter determinados quadros sociais oriundos das desigualdades nutridas pelo sistema capitalista. Tal posicionamento contrário ao sistema capitalista é constitutiva da crítica faircloughiana, uma constante desde sua primeira publicação, de modo que utilizar seu método em ACD não para construir resistência e oposição a esse sistema socioeconômico é, em certa medida, contraditório ao que foi elaborado. O autor incorporou diversas teorias sociais ao longo de sua obra que, ainda que divergentes (como é o caso do pós-estruturalismo e do marxismo), são potenciais ferramentas para a análise do capitalismo e seus efeitos na sociedade. Dessa forma, reconhecer seu engajamento político e sua militância teórica requer um olhar refinado também para como se constitui o panorama das teorias sociais utilizadas.

Tal como defendido por Wodak (2004), "poder", "crítica" e "ideologia" são noções-chave da ACD. Isso é algo compartilhado entre autores da ACD ainda que

[8] Na tradução brasileira, *Discurso e mudança social* (2001).

desenvolvam pesquisas sob abordagens díspares destes conceitos. Entre Van Djik e Fairclough, por exemplo, existem diferenças substanciais. Enquanto a perspectiva discursiva de Van Djik aproxima-se dos estudos sociocognitivos da linguagem e das teorias sociais multiculturalistas, Fairclough acerca-se da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday e assume uma fundamentação teórico-social que oscila entre o marxismo (por meio de autores como Gramsci, Eagleton, Jameson, Thompson e Althusser) e o pós-estruturalismo (em especial, Foucault), mostrando recorrentemente ter ciência de que existe um impasse entre essas duas correntes de pensamento.

O marxismo em Fairclough surge de maneira explícita no artigo "Marx as a critical discourse analyst: the genesis of a critical method and its relevance to the critique of global capital". Publicado por Norman Fairclough e Philip Graham em 2002, este texto aborda as semelhanças entre o que seus autores denominam método crítico de Karl Marx e os pressupostos teóricos da ACD, uma comparação que possibilita que a obra de Fairclough seja lida à luz do pensamento marxista. Mais recentemente, no ano de 2018, Fairclough publicou um capítulo no livro *The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies*, intitulado "CDA as dialectical reasoning", no qual apresenta um olhar sobre sua obra partindo da consideração de uma radicalidade que afirmar estar presente desde sua primeira publicação (*Language and Power*, 1989), uma leitura que se compatibiliza com a que observamos a partir da análise das noções de poder e ideologia neste livro. Mais do que refletir sobre sua própria produção, este artigo postula visões do autor sobre a ACD que são muito importantes para a intenção desta pesquisa em termos de conjugar teoria e militância nos estudos discursivos. Neste capítulo recente, Fairclough assume como necessário que a ACD adote uma postura radical, ainda que não delineie claramente o que isso significa.

Essa radicalidade, manifesta em diferentes momentos de sua obra, pode nos indicar a permanência de uma inclinação marxista[9], que começa com a publicação de *Language and Power* (1989). Neste livro, já há vestígios do marxismo nas discussões sobre ideologia e no modo como Fairclough encara o sistema capitalista e a noção de poder calcada nas relações de dominância de classe, o que, no entanto, é relativamente dissipado em *Discourse and Social Change* (1992). Nessa obra, o pós-estruturalismo de Foucault aparece como uma de suas principais referências, de modo que a questão de

[9] Apesar da evidente oscilação entre as visões marxista e foucaultiana que pudemos observar durante as análises, o marxismo tem ressurgido de forma mais intensa em seus trabalhos nos últimos anos. Além disso, entendemos a defesa de Fairclough por uma ACD radical como um indicativo de um passo mais à esquerda.

classe perde a centralidade nas suas considerações sobre o poder. Há uma retomada do marxismo a partir de *Critical discourse analysis* (1995), que explicita a polêmica entre pós-estruturalismo e marxismo e expõe a filiação de Fairclough a autores marxistas (como Eagleton, que possui uma obra que diretamente tensiona essas duas correntes de pensamento). Tais constatações caminham para a defesa de uma combinação quanto a tratar das questões alusivas às diferentes relações de poder (isto é, não apenas às de classe), mas sem deixar de considerar que estas devam ser tratadas sob à égide da crítica ao capitalismo; *Discourse in Late Modernity* (1999) e *Analysing Discourse* (2003) seguem neste movimento. Agora, novamente, o marxismo aparece de maneira explícita em "Marx as Critical Discourse Analyst" (2002) e também em "CDA as dialectical reasoning" (2018).

Esse percurso teórico de Fairclough pode ser compreendido a partir das mudanças nos quadros sociais que ocorreram nesse espaço de tempo que corresponde às suas publicações. O período que abarca o fim dos anos 1980 até os anos 2000 foram marcados pela ascensão do neoliberalismo, que muito mais que alterar os discursos de uma sociedade, colocava o mundo sob uma nova ordem econômica. A defesa do Estado mínimo e a mercantilização das relações sociais propunham-se como estratégias decorrentes do fim da Guerra Fria e da continuidade do processo de desenvolvimento capitalista. A permanência e, em muitos casos, o recrudescimento das desigualdades sociais significaram também a permanência da resistência ao sistema capitalista e, apesar de o marxismo ter aparentemente se fragilizado com a queda da URSS e com alguns aspectos das tentativas de experiências reais do socialismo, o desenvolvimento teórico marxista continuava vivo como uma opção de interpretação e transformação dos problemas socioeconômicos.

A produção faircloughiana insere-se nesse cenário, e as oscilações que notamos em sua perspectiva podem também ser lidas a partir dessas mudanças destacadas, uma vez que, superada a crise do capitalismo dos anos 1970, seu pensamento fora construído em um período de relativa estabilidade e crescimento econômico; atualmente, no entanto, o sistema encontra-se mais uma vez em vias de um colapso: a especulação financeira responsável pela crise de 2007-2011 denotou a fragilidade da maior economia do mundo, colocando os Estados Unidos sob holofotes e originando movimentos como o Occupy Wall Street; a proposta do Brexit expôs as fraturas da economia britânica e a instabilidade da União Europeia; e o centralismo político sólido em tempos de ascensão econômica perde território para a extrema direita em diversos países do globo, levando consigo o

discurso multiculturalista e asseverando a oposição entre os mais diversos grupos sociais (a exposição dos discursos racistas, machistas e homofóbicos, para além do rechaço a qualquer alternativa que se identifique como comunista para os problemas sociais). Partimos do ponto de vista de que tais fenômenos reafirmam o caráter insustentável do sistema capitalista e a existência da luta de classes, trazendo as teorias marxistas mais uma vez para o centro dos debates.

Esse contexto de produção pode ter provocado inflexões no todo da obra de Fairclough. Como já vimos, a ACD surge com a intenção de responder a determinadas questões sociais e, portanto, deve lidar, neste momento, com as transformações sociais que constituem um cenário em que o capitalismo não se encontra em sua fase mais estável. O pensamento faircloughiano acompanhou as principais mudanças entre os séculos XX e XXI, e, de certo modo, reflete os impasses que vigoravam no meio acadêmico. Seu período de produção, que se inicia em 1989 com a publicação de *Language and Power*, ainda reflete as mudanças que ocorreram no pensamento científico pós-Maio de 68, em que as ciências humanas foram profundamente influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista francês, sendo uma das figuras centrais deste momento Michel Foucault.

Assim, o que propomos como pano de fundo de sua produção teórica assume, na verdade, contornos protagonistas: sua obra apresenta tensões; o marxismo, que, por vezes, cedeu lugar para a perspectiva teórica foucaultiana, é retomado aos poucos e, agora, tenta surgir de forma mais explícita, revelando uma produção em constante diálogo com as transformações da sociedade de seu próprio tempo.

1.2 Definições da pós-modernidade

O crítico marxista Perry Anderson (1999) aponta que a primeira obra filosófica que postula uma compreensão acerca da pós-modernidade é *La condition postmoderne* (*A condição pós-moderna*), de Lyotard, publicada originalmente em 1979. Essa obra é a primeira, portanto, a isolar o fenômeno da pós-modernidade em vistas de compreendê-lo, tornando-se um dos textos mais influentes acerca da hipótese do pós-moderno nas ciências humanas. Apresentaremos, primeiramente, a visão de Lyotard a fim de esboçar uma definição que vai na direção de defender o fenômeno da pós-modernidade. Uma vez que esta pesquisa intenciona aprofundar-se na perspectiva marxista, posteriormente

recorreremos a um posicionamento contrário ao de Lyotard, partindo da epistemologia marxista, para apontar as limitações das principais teses pós-modernas.

1.2.1 A pós-modernidade a partir de *A condição pós-moderna*, de Jean François Lyotard

Tal como recuperado em partes por Alex Callinicos (1990), a pós-modernidade em Lyotard receberá contornos de uma condição cultural marcada pelo descrédito às metanarrativas[10]. Essa noção em Lyotard (2009) remonta à sua crítica à constituição de verdade dos discursos científicos, de modo que o autor começa a sua obra dizendo que seu texto considerará as transformações do séc. XIX sob a ótica da crise dos relatos. O pós-moderno é, portanto, um período que será marcadamente contestatório do ponto de vista científico-filosófico.

No prefácio à edição brasileira desta obra, escrito por Wilmar do Valle Barbosa, podemos notar uma defesa de que, na pós-modernidade, existe uma relativização do saber científico. Trata-se de um momento em que a ciência desceria de seu pedestal e adquiriria "valor de uso", uma consequência da "cotidianização da tecnologia" (p. ix) ou da informatização dos processos cotidianos. Nesse sentido, as metanarrativas teriam seu fim decretado, ao passo que o saber científico desenvolvido até então, que estaria baseado em um poder autolegitimador e totalizante, não daria mais conta das profundas mudanças ocorridas na sociedade, em razão das alterações verificadas a partir do surgimento de um período em que impera o caráter informacional:

> Descobriu-se que a fonte de todas as fontes chama-se informação e que a ciência — assim como qualquer quantidade de conhecimento — nada mais é do que um certo modo de organizar, estocar e distribuir certas informações. Longe, portanto, de continuar tratando a ciência como fundada na "vida do espírito" ou na "vida divina"; o cenário pós-moderno começa a vê-la como um conjunto de mensagens possível de ser traduzido em "quantidade (bits) de informação". (BARBOSA, 2009, p. ix)

[10] Os termos *metanarrativa*, *metarrelato* e *metadiscurso* são tratados como sinônimos neste trabalho. Trata-se de um conceito originalmente presente em Lyotard (1979) como *métadiscours*, e, na edição brasileira da mesma obra (2009), como *metanarrativa* e *metarrelato*. Ele refere-se a um "dispositivo de legitimação" (2009, p. xvi) do saber, que consistiria em uma ciência especulativa, que produz a sua própria legitimação. Ou seja, para a pós-modernidade o metarrelato é um saber que se autolegitima e, por isso, deve ter sua validade questionada. Como defende Callinicos no trecho exposto na página 18 dessa dissertação, para Lyotard, a perspectiva marxista encontra-se neste tipo de saber. Vale ressaltar que este termo surge na tradução consultada como *metadiscurso*, apesar de o termo *metanarrativa* percorrer várias leituras de sua obra que consultamos (e não apenas a crítica marxista, a exemplo da própria edição utilizada. Nessa edição, ao apresentar *A condição pós-moderna*, Ítalo Moriconi utiliza o termo *metanarrativa*).

A partir da emergência desse contexto informacional e considerando o enfoque linguístico assumido por pesquisas em diferentes áreas, para Lyotard (2009, p. 5) o saber passa a ser compreendido como um tipo de discurso; tal constatação é justamente o que vai dar suporte para o seu conceito de metanarrativa, um dos mais centrais desenvolvidos pelo autor. Ao criá-lo, Lyotard se contrapõe às características da ciência que ele próprio denomina como moderna, que possuiria uma característica autolegitimadora, e defende que a legitimidade da ciência deve valer-se de outros aspectos.

Em determinado momento de sua obra (2009, p. xvii), o autor se questiona sobre o que haveria, então, no lugar desse saber que fundaria os seus próprios conceitos. Essa é uma questão pertinente, uma vez que nada parecia escapar de sua crítica, já que ele havia posto em xeque os princípios da ciência originada na observação de uma realidade objetiva, por um indivíduo *a posteriori* considerado uma referência na tradição de determinado pensamento teórico (ao qual Lyotard se refere como *expert*). Continuando sua reflexão, o autor vai propor que o desenvolvimento das ciências nas sociedades pós-modernas deve ocorrer sob a égide da heterogeneidade dos jogos de linguagem e da acentuação da nossa "sensibilidade para as diferenças":

> Após os metarrelatos, onde se poderá encontrar a legitimidade? O critério de operatividade é tecnológico; ele não é pertinente para se julgar o verdadeiro e o justo. Seria pelo consenso, obtido por discussão, como pensa Habermas? Isto violentaria a heterogeneidade dos jogos de linguagem. E a invenção se faz sempre no dissentimento. O saber pós-moderno não é somente o instrumento dos poderes. Ele aguça nossa sensibilidade para as diferenças e reforça nossa capacidade de suportar o incomensurável. Ele mesmo não encontra sua razão de ser na homologia dos *experts*, mas na paralogia dos inventores. (LYOTARD, 2009, p. xvii)

Assim, ele possibilita contestar uma tradição teórica, mas não o faz considerando que a diversidade elencada pressupõe a existência de lutas travadas no interior das sociedades capitalistas. Ao desestabilizar o saber científico moderno, não considera conflitos dessa natureza, e sim postula um alto grau de relatividade da verdade e o reconhecimento das diferenças como força produtora do conhecimento. Lyotard desconsidera que, a partir do que ele identifica como metanarrativas, é também possível trilhar novos caminhos teóricos e em vias focalizar a questão das diferenças e confrontar uma exploração que é organizada pelo capitalismo, o qual, muitas vezes, foi conivente com a opressão às diferenças e, na atualidade, parece apenas manipulá-las, incorporando algumas demandas dos mais variados movimentos sociais na ordem do sistema. A título de exemplo, podemos destacar, no pensamento marxista, em relação ao qual Lyotard se

posiciona de maneira crítica, possibilidades de desenvolver a questão das diferenças sem deixar de considerar que elas estão localizadas no curso de desenvolvimento do sistema capitalista. Marx, apesar de certamente não ter elaborado de maneira suficiente tais questões, já estabelece um movimento teórico que enxerga na divisão do trabalho e no surgimento da propriedade privada as origens da opressão do homem sobre outros homens e mulheres:

> Essa divisão do trabalho, que implica todas essas contradições, e repousa por sua vez na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em famílias isoladas e opostas umas às outras – essa divisão do trabalho encerra ao mesmo tempo a repartição do trabalho e de seus produtos, distribuição desigual, na verdade, tanto em quantidade quanto em qualidade. Encerra portanto a propriedade, cuja primeira forma, o seu germe, reside na família onde a mulher e os filhos são escravos do homem. A escravidão, certamente ainda muito rudimentar e latente na família, é à primeira propriedade, que aliás já corresponde perfeitamente aqui à definição dos economistas modernos segundo a qual ela é a livre disposição da força de trabalho de outrem. (MARX, 2007, p.27)

Dessa forma, dentro de uma mesma tradição de saber filosófico, podemos nos propor a expandir suas críticas às diversas manifestações de desigualdade que assolam a sociedade. Na medida em que Lyotard abandona a veia combativa ao tratar das diferenças, é possível dizer que o discurso que sustenta a pós-modernidade não é um discurso de enfrentamento às diferentes manifestações de poder, mas de celebração da diversidade.

A partir da rejeição de uma ciência considerada de caráter autolegitimador, far-se-ia necessário pensar novos modos de legitimação. Segundo Lyotard, na esteira da valorização da heterogeneidade dos jogos de linguagem e das diferenças, essas novas formas de legitimar o saber devem ocorrer através do desempenho da ciência (ou *performance*, termo utilizado constantemente em seu trabalho) e da paralogia (termo que implica o reconhecimento das diferenças, posto em detrimento dos paradigmas da ciência moderna):

> O consenso é um horizonte, jamais ele é atingido. As pesquisas que se fazem sob a égide de um paradigma tendem a estabilizá-lo; elas são como a exploração de uma "idéia" tecnológica, econômica, artística. Isto não é nada. Mas admira-se que venha sempre alguém para desarranjar a ordem da "razão". É preciso supor um poder que desestabilize as capacidades de explicar e que se manifeste pela regulamentação de novas normas de inteligência ou, se se prefere, pela proposição de novas regras para o jogo de linguagem científico, que irão circunscrever um novo campo de pesquisa. (LYOTARD, 2009, p. 112)

Tanto a noção de metanarrativas quanto a centralidade que a linguagem assume em Lyotard são aspectos que indicam uma percepção que valoriza as características do pensamento pós-estruturalista. Por sua vez, a impossibilidade que se coloca para a produção do consenso também revela uma valorização da diferença para se produzir ciência, o que, consequentemente, acomete a percepção de que é possível haver uma unidade, uma coalizão de forças contra determinado aspecto da realidade social.

Outra crítica que Lyotard (2009) fará ao saber identificado como metanarrativo repousa na incorporação deste ao sistema, argumento que se constrói a partir das experiências do socialismo como momentos que revelaram a derrocada das ideias totalizantes:

> Se a teoria "tradicional" está sempre ameaçada de ser incorporada à programação do todo social como um simples instrumento de otimização das *performances* deste último, é que seu desejo de uma verdade unitária e totalizante presta-se à prática unitária e totalizante dos gerentes do sistema. (LYOTARD, 2009, p. 22-23)

A partir desse diagnóstico, a própria noção de luta de classes é posta como diluída, em razão do enfraquecimento das bases teóricas que as sustentam e, então, da mesma forma que coloca ser o consenso um horizonte inatingível, postulará que a luta de classes se reduz a uma utopia:

> É pois um outro modelo da sociedade (e uma outra idéia da função do saber que nela se pode produzir e dela se adquirir) que guia o marxismo. Este modelo origina-se nas lutas que acompanham o cerco das sociedades civis tradicionais pelo capitalismo. Não se trata aqui de seguir os périplos que são a matéria da história social, política e ideológica de mais de um século. Basta lembrar o balanço que dela se pode fazer hoje, pois seu destino é conhecido: nos países de gestão liberal ou liberal avançada, a transformação destas lutas e dos seus órgãos em reguladores do sistema; nos países comunistas, o retorno, em nome do próprio marxismo, do modelo totalizante e de seus efeitos totalitários, tendo sido as lutas em questão simplesmente privadas do direito à existência. E em toda parte, em nome de um ou outro, a Crítica da economia política (era este o subtítulo do *Capital*, de Marx) e a crítica da sociedade alienada que lhe era correlata são utilizadas à guisa de elementos na programação do sistema.
> [...] Mas não se pode esconder que o pilar social do princípio da divisão, a luta de classes, tendo se diluído a ponto de perder toda radicalidade, encontrou-se finalmente exposto ao perigo de perder sua base teórica e de se reduzir a uma "utopia", a uma "esperança" [...] (LYOTARD, 2009, p. 22-23)

Apesar de tais ideias terem assumido um papel central nas ciências humanas na atualidade, é justamente a elas que a crítica marxista se opõe (CALLINICOS, 1990; JAMESON, 1991; EAGLETON, 1991; ANDERSON, 1999), entendendo que essas

constatações em si mesmas são uma característica da pós-modernidade, que consolidou uma forma de compreensão da realidade baseada na fragmentação e decretou a diluição de categorias desenvolvidas no interior das teorias identificadas como metanarrativas, tornando-as, em certa medida, descartáveis por não mais comportarem, de acordo com este ponto de vista, as profundas mudanças que ocorreram na sociedade motivadas pelas transformações tecnológicas e pela derrocada dos modelos de sociedade baseados no socialismo.

1.2.2 A pós-modernidade na visão da crítica marxista

Para o autor marxista Callinicos (1990), vivemos um período conhecido pela predominância da noção de pós-modernidade, cujos reflexos nas ciências humanas estão ligados à emergência do pós-estruturalismo. Há diferentes maneiras de enxergar a pós-modernidade e, do ponto de vista marxista, esta é responsável por consolidar a percepção da sociedade como fragmentada e por uma postura melancólica em relação à possibilidade de grandes transformações sociais, conforme vimos em Lyotard. Aprofundando-nos em sua perspectiva teórica, Callinicos identifica a pós-modernidade como um período decorrente de ao menos três movimentos culturais diferentes, os quais abordaremos a seguir.

O primeiro diz respeito às mudanças ocorridas nas artes e na arquitetura nas décadas de 1960 e 1970 a partir de nomes como Robert Venturi e James Stirling[11], que assumem e popularizam a noção de pós-modernidade como um conceito em suas produções (defendendo a heterogeneidade de estilos e a massificação como princípios de sua arquitetura), o que irá se refletir também esteticamente em propostas nas artes visuais e na literatura.[12]

O segundo relaciona-se à atividade dos intelectuais franceses da década de 1970, como Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault, aos quais cabe uma crítica desenvolvida por Callinicos que nos será fundamental no decorrer do trabalho:

> A pesar de sus muchas diferencias, todos ellos enfatizaron el carácter fragmentario, heterogéneo y plural de la realidad, negaron al pensamiento

[11] Perry Anderson (1999) aponta a possibilidade de que talvez Robert Stern, aluno de Venturi, tenha sido o primeiro a utilizar o termo pós-moderno.
[12] Em *As origens da pós-modernidade* (1999), do marxista Perry Anderson, temos um panorama acerca do surgimento da pós-modernidade que explica mais detalhadamente suas origens, mas corrobora o que recuperamos de Callinicos na presente pesquisa, ainda que desenvolvido mais sucintamente.

> humano la capacidad de alcanzar una explicación objetiva de esa realidad y redujeron al portador de este pensamiento, el sujeto, a un incoherente revoltijo de impulsos y deseos sub y transindividuales. (CALLINICOS, 1993, p. 22, tradução livre).

A partir da crítica marxista de Callinicos aos grupos de intelectuais pós-estruturalistas, podemos considerar que a defesa da interpretação da realidade como fragmentada[13] é, na verdade, um obstáculo para a ação do homem; negar essa condição pode ser o primeiro passo para superar essa visão da realidade social[14]. Nesse sentido, afirmar a perspectiva marxista em um movimento de oposição acirrada frente às ideias das teorias pós-modernas é a saída oferecida por Callinicos para que se volte a interpretar a realidade a partir das transformações econômicas da sociedade que, ao mesmo tempo, repercutem severamente em conflitos como os raciais ou de gênero. Esta seria, portanto, uma possibilidade de compreender as mudanças em diferentes níveis, de modo a conjugar a heterogeneidade que é expressa pela pós-modernidade.

O terceiro movimento encontra-se também na filosofia e na arte como os anteriores, no entanto com um aprofundamento em relação à noção de pós-modernidade, assumindo-a como um momento no desenvolvimento da humanidade, dando origem a uma nova perspectiva teórica. Porém, esta visão é destituída de uma abordagem crítica e opositiva ao pós-moderno (tal como realizaram os teóricos marxistas, em torno dos anos 1990). Para Callinicos, um dos representantes desse movimento é justamente Lyotard.

É relativamente antagônico o modo como Callinicos apreende este autor. Por um lado, ele reconhece como positivo que Lyotard, em sua obra, observe que as alterações no pensamento científico foram basilares para as mudanças na organização social que ocorreram na transição das sociedades industriais para as chamadas "pós-industriais", constituindo o motor de "transformações incalculáveis" no âmbito social, político e cultural. Por outro lado, tece uma crítica (que também atinge Baudrillard) pela ausência

[13] A questão da fragmentação da realidade social surge constantemente relacionada à pós-modernidade não apenas na crítica marxista, mas, sim, como um diagnóstico das próprias teorias da pós-modernidade, como coloca Silviano Santiago no posfácio da edição brasileira de *A condição pós-moderna* (2009, p. 128): "Aos olhos revolucionários, a pós-modernidade é reformista. Aos olhos iluministas ela é uma freguesa contumaz, ou seja, mais uma rebelião anárquica da irracionalidade. Aos olhos verdadeiramente modernos, ela é apenas modernizadora. Porém, aos seus próprios olhos, a pós-modernidade é antitotalitária, isto é, democraticamente fragmentada, e serve para afiar a nossa inteligência para o que é heterogêneo, marginal, marginalizado, cotidiano, a fim de que a razão histórica ali enxergue novos objetos de estudo. Perde-se a grandiosidade, ganha-se a tolerância. Em lugar do dever civilizatório do Homem, tem-se a integração plena do cidadão em comunidades. E é a estas "placas" (a palavra é de Lyotard) de sociabilidade que se dirige o olhar pós-moderno, buscando compreendê-las ao mesmo tempo na sua autenticidade e na sua precariedade".

[14] Negar essa fragmentação é o que faz Fredric Jameson, por exemplo, ao compreender a pós-modernidade como um fenômeno social que impõe essa perspectiva fragmentada da realidade. Para maiores detalhes, ver Musse (2012).

de uma postura opositiva à pós-modernidade, reafirmando o lugar que deve ser ocupado pelo marxismo frente a este debate e sua importância:

> En cuanto admitimos tal posibilidad, en este "vuelco único", todo cambia y vemos entonces ambos lados de la perspectiva marxista sobre el capitalismo: no sólo la destrucción que ocasiona, sino la expansión potencial de las capacidades humanas que implica. Si no trabajamos de manera consciente con el propósito de lograr el tipo de cambio revolucionario que permita la realización de este potencial en un mundo transformado, no hay mucho que hacer y, quizás, lo único que tendríamos por delante sería dedicarnos, al igual que Lyotard y Baudrillard, a tañer la lira mientras arde Roma. (CALLINICOS. 1993, p. 233)

Identificando como positivo, por um lado, o movimento de Lyotard de conjugar em sua análise a arte e a arquitetura fundantes da concepção de pós-moderno, a filosofia pós-estruturalista e as transformações no modo de produção da sociedade, mas como negativo, por outro, o fato de ele não realizar críticas a esta combinação que corrobora a caracterização do período pós-moderno, Callinicos fundamenta a sua própria visão a partir do posicionamento marxista, considerando que a concepção fragmentada da realidade social implica tanto a impossibilidade de o sujeito enxergar grandes mudanças, quanto o sentimento de impotência do mesmo em promover grandes transformações sociais.

O caminho teórico percorrido por Callinicos será o de explicar a oposição entre o pensamento marxista e a perspectiva pós-estruturalista a partir da noção de metanarrativa de Lyotard:

> Hegel y Marx se encuentran evidentemente entre los principales autores de estas grandes narrativas que, según Lyotard, no se limitan a legitimar discursos teóricos sino también instituciones sociales. "En contraste, defino lo postmoderno como la incredulidad con respecto a los metarrelatos". La negación considerada por Lyotard como característica del postmodernismo - la de la existencia de un patrón general sobre el cual fundamentar nuestra concepción de una teoría verdadera o de una sociedad justa - está claramente vinculada con el pluralismo y antirrealismo, cuyos paladines son los postestructuralistas. Tales posiciones filosóficas encuentran, según Lyotard, algún asidero objetivo en virtud de que "en la época llamada postindustrial y postmoderna", en la que "el saber se ha convertido en la principal fuerza de producción", la ciencia misma se fragmenta en un cúmulo de juegos, cada uno de los cuales busca inestabilidades en lugar de leyes deterministas; todos buscan su legitimación, no en una gran narrativa, sino en la paralogía, la infracción de las reglas. A esta transformación del carácter del discurso teórico corresponden aquellas formas del arte que han dejado de buscar la coherencia, la sistematización, la integración a un todo. (CALLINICOS, 1993, p. 7-8).

Segundo Martins (2001), o aspecto antirrealista da pós-modernidade (mencionado no excerto acima) relaciona-se a uma postura de negação da existência de uma realidade objetiva, o que implicaria no julgamento de que a ciência anteriormente realizada possuiria um caráter autolegitimador e, neste sentido, metanarrativo, que versaria sobre si própria, uma vez que não existiria um referencial objetivo para sustentar as suas formulações teóricas. Esse procedimento metanarrativo seria, então, essencialmente realizado por meio das palavras, do discurso, que passa a ser entendido como o principal modo pelo qual determinada teoria se faz, tornando central para o pensamento pós-estruturalista uma ciência cujo foco está no trabalho com os "jogos de linguagem"[15]. Ou seja, para Lyotard, a ciência deixa de ser resultante da observação de uma realidade social, de uma interpretação dos processos sociais, e passa a ser algo que funda os próprios conceitos que a tornam verdade.

No entanto, para a crítica marxista, esse caráter discursivo é, na verdade, a marca da ciência desenvolvida sob a égide da pós-modernidade, de modo que, em suas versões mais radicais, somos conduzidos ao entendimento de que o discurso é produtor da realidade[16]. Essa tese é também discutida pelo teórico marxista Terry Eagleton, por exemplo, que, em *Ideology* (1991), tratará de problematizar a superdimensão atribuída à categoria de discurso em detrimento da categoria de ideologia, um abandono posto em prática por estudiosos como Michel Foucault[17]. Eagleton estabelece uma relação entre este debate e as noções marxistas de base e de superestrutura. Compreendendo que é nesse último nível que a ideologia opera, o autor defende que esta noção não deve ser compreendida apenas como um reflexo da base econômica, mas sim como parte constituinte da materialidade linguística; a palavra é o suporte da ideologia e nisto está a sua materialidade. Essa reflexão é resultante de uma leitura feita por Eagleton de Volóchinov, que recai sobre a seguinte colocação presente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*[18]: "A palavra é um fenômeno ideológico *par excellence*".

Voltando ao excerto de Callinicos exposto anteriormente, podemos perceber que este autor expressa uma oposição entre totalidade e fragmentação como algo que está por trás de um dos principais discursos fundantes da pós-modernidade: Callinicos identifica

[15] Este termo é utilizado constantemente por Lyotard (2009), podendo ser considerada uma de suas principais teses, a qual dedicou o capítulo "O método: os jogos de linguagem".
[16] Retomaremos essa ideia ao longo de toda a dissertação e, mais detalhadamente, no Capítulo 2, no qual explicitaremos esse movimento a partir dos trabalhos de Foucault e Butler.
[17]Este abandono da ideologia por Foucault é melhor desenvolvido no Capítulo 3, no qual debatemos, de maneira específica, essa noção.
[18] Obra do autor russo, contemporâneo ao período soviético, publicada originalmente em 1929.

que, para Lyotard, o marxismo enquadra-se nas metanarrativas, uma vez que o pensamento constituído por essa corrente promoveria uma visão totalizante acerca dos fenômenos sociais e possuiria um caráter autolegitimador. Além disso, a rejeição ao marxismo proposta por Lyotard ocorre também quando este proclama a impossibilidade do surgimento de uma grande narrativa (a qual poderia resultar de uma revolução, por exemplo). Em sua visão, tais características não competiriam mais à visão de mundo pós-moderna:

> Originalmente, a ciência entra em conflito com os relatos. Do ponto de vista de seus próprios critérios, a maior parte destes últimos revelam-se como fábulas. Mas, na medida em que não se limite a enunciar regularidades úteis e que busque o verdadeiro, deve legitimar suas regras de jogo. Assim, exerce sobre seu próprio estatuto um discurso de legitimação, chamado filosofia. Quando este metadiscurso recorre explicitamente a algum grande relato, como a dialética do espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, o desenvolvimento da riqueza, decide-se chamar "moderna" a ciência que a isto se refere para se legitimar. (LYOTARD, 2009, p. xv)

A "emancipação do sujeito racional ou trabalhador" é posta em equivalência à metanarrativa e pode ser interpretada como uma referência às premissas do socialismo científico. Ao destituir a legitimidade dessa perspectiva teórica (que consistiria em uma teoria autolegitimadora, segundo a sua visão), Lyotard questiona a sua validade e, consequentemente, a ideia de que possa ainda ocorrer uma transformação social radical característica desse "grande relato". Considerando sua menção à emancipação do trabalhador, do ponto de vista marxista, pode-se argumentar que, de certa forma, questiona-se também a possibilidade de uma investida anticapitalista (tópico este que integra o pensamento faircloughiano, uma vez que a tônica da crítica de Fairclough é a contraposição a este sistema socioeconômico, e uma postura recentemente reivindicada é justamente a de radicalidade na ACD, que apontamos estar presente nos últimos trabalhos do pesquisador britânico).

Isso posto, cabe apontar, na sequência, como os estudos do discurso se inserem nesta polêmica, resgatando o caráter discursivo da teoria pós-estruturalista foucaultiana (que pode ser visto como um dos traços da pós-modernidade, conforme vimos a partir das considerações de Callinicos) e suas apropriações em trabalhos mais atuais como o de Judith Butler. Além disso, veremos como a ACD faircloughiana se encontra tensionada entre o pós-estruturalismo e o marxismo, focando posteriormente na vertente de Fairclough em razão de entendermos que, nas obras desse autor, é possível encontrar de

maneira explícita essa tensão, a qual ocorre pelo caráter central que assume em seu desenvolvimento teórico tanto as ideias de Marx quanto as de Foucault.

Capítulo 2 A instância do discurso no pós-estruturalismo a partir da crítica marxista

> É preciso, também, acrescentar, com respeito a essa questão metodológica, que a moldura conceitual da análise do discurso – ainda que apresente a vantagem de nos permitir, em plena era pós-moderna, continuar a fazer análise ideológica, sem chamá-la assim – não é mais satisfatória do que os sonhos dos adeptos de Proudhon: autonomizar a dimensão do conceito e chamá-lo de "discurso" sugere que essa dimensão é potencialmente desconectada da realidade, e que é possível deixá-la flutuando por si só, fundando sua própria subdisciplina e formando seus próprios especialistas.
>
> (Fredric Jameson, *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*, 1996, p. 272)

A partir da leitura proposta tanto de Callinicos quanto de Lyotard, pode-se dizer que os efeitos do pós-estruturalismo nas ciências humanas estão intrinsecamente relacionados à prevalência da instância discursiva. É possível observar isso em Foucault, por exemplo, um autor fundamental dessa corrente, que propõe a discursividade como o aspecto central de seu pensamento, o que se vê, sobretudo, com a publicação de a *Ordem do Discurso* (1970). Mas não somente esse livro compartilha a centralidade do discursivo em sua teoria social. Vejamos o caso de *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. Nesta obra, Foucault (1976) propõe que a sexualidade é uma questão, sobretudo, histórica, e reconstitui a perspectiva pela qual este tema vem sendo tratado desde o séc. XVII. O poder, outro objeto de análise permanente na obra foucaultiana, aparece em *História da Sexualidade I* como elemento que sustenta a "hipótese repressiva", ou seja, que instaura um regime de recato e de pudor sobre a intimidade sexual. Entretanto, ao mesmo tempo em que se impõe máxima discrição para a prática da sexualidade, cria-se um aparato discursivo para o seu trato, incentivando que o desejo e o sexo – elementos então associados ao pecado e ao moralmente inaceitável – sejam confessados (no sentido literal do termo, revelados num contexto religioso), assumindo uma forma verbal. Assim, a sexualidade passa a poder ser considerada uma prática discursiva.

Poderíamos, segundo Foucault, considerar este aspecto como uma premissa para a vasta literatura que viria a surgir sobre o tema no séc. XVIII, desta vez não sob o prisma da moral, e sim da razão. Porém, ainda que este autor esteja ancorado em uma leitura histórica, há um movimento de abstração do objeto para seu caráter verbal. A palavra não surge como representação do objeto, mas torna-se o próprio objeto, sendo capaz, portanto,

de criar uma realidade independente do mundo material[19]. Em analogia a uma crítica realizada por Volóchinov a uma tendência dos estudos de seus contemporâneos, estava a ênfase no que ele chamou de autonomia da palavra:

> Se nessas correntes [realismo e naturalismo] as *funções de representação da realidade efetiva na palavra* passaram para o primeiro plano, no período contemporâneo ocorre a tendência na direção da *autonomia da palavra*: a palavra não representa a realidade externa, mas a *transforma* ativamente com a ajuda das energias simbólicas nela contidas. [...] Como resultado desse processo fortaleceram-se o interesse e a sensibilidade para os aspectos da palavra que *a separam da realidade* [...]. Simultaneamente a essa separação entre palavra e objeto no seu aspecto real ocorre a sua *separação da ação*, isto é, a sua cisão das possibilidades reais em razão do democratismo verbal extremo e da liberdade verbal na completa ausência da liberdade efetiva, real e política. Isso se expressa no radicalismo utópico extremo em relação às questões políticas e sociais – típico do simbolismo, do futurismo e do expressionismo [...]. Independente das formas assumidas, ele [o radicalismo utópico extremo] se baseia sempre em uma reavaliação da *força autônoma da palavra*, em uma confiança excepcional nas suas energias criativas. (VOLÓCHINOV, 2017 [1973], p. 342, grifos do autor).

Essa crítica propõe uma comparação entre os movimentos do realismo e naturalismo em relação às vertentes da filosofia da linguagem pulsantes nos tempos de Volóchinov. O deslocamento temporal que fazemos dessa crítica deve-se, primeiro, à importância de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017 [1929]) para a compreensão do que vem a ser uma perspectiva marxista em nossa área de estudos. O segundo aspecto que viabiliza o uso dessa crítica é que ela pode ser encontrada apenas nos Planos de trabalho de Volóchinov[20], ou seja, são ideias que, entre outras ali presentes, não foram plenamente desenvolvidas em suas publicações, mas oferecem reflexões importantes que podem ser reapropriadas (como é o caso da crítica de Volóchinov sobre uma "confiança excepcional" nas energias criativas da palavra). O terceiro motivo é sua proximidade com o cenário no qual predominava o pensamento marxista, no período da União Soviética, em meio à efervescência das ideias de Marx nas mais diferentes áreas de estudo, tal como enxergamos estar acontecendo neste momento. Na área dos estudos discursivos, por exemplo, isso pode ser confirmado a partir de trabalhos como o do próprio Fairclough e, também, de Johannes Beetz, pesquisador na Universidade de Warwick.

Em consonância ao pensamento foucaultiano, surgem, na contemporaneidade, os estudos pós-estruturalistas de Judith Butler, radicalizando algumas noções desenvolvidas

[19] Isso será explicado detidamente na seção 2.1 "O problema do discurso como produtor da realidade material e a crise da representação".
[20] É importante reiterar que referimo-nos aqui ao anexo da publicação da última tradução realizada no Brasil de *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Sheila V. C. Grillo e Ekaterina Volkova, publicada em 2017.

pelo teórico francês. Traremos uma de suas noções para ilustrar, assim como feito há pouco com Foucault, o quanto os estudos pós-estruturalistas, baseados em uma concepção muito específica de discurso, se distanciam do materialismo, e as implicações da predominância dessa forma de pensamento nas ciências humanas, sobretudo nos estudos discursivos.

É fundamental em Butler (1993) o desenvolvimento da noção de performatividade para compreender a materialidade do sexo. A performatividade seria a repetição ritualizada de normas que vêm a constituir a materialidade dos corpos; sendo assim, o sexo não seria uma realidade simples ou uma condição estática de um corpo, mas um processo que materializa as normas reguladoras que o configuram por meio de sua repetição forçada. Esse pensamento, segundo a própria autora, relaciona-se ao ideal regulatório de Foucault, em que o sexo pode ser entendido não somente como norma, mas como parte de uma prática reguladora que produz os corpos que governa, ou seja, cuja força reguladora funciona como um poder produtivo:

> The category of "sex" is, from the start, normative; it is what Foucault has called a "regulatory ideal." In this sense, then, "sex" not only functions as a norm, but is part of a regulatory practice that produces the bodies it governs, that is, whose regulatory force is made clear as a kind of productive power, the power to produce − demarcate, circulate, differentiate − the bodies it controls. Thus, "sex" is a regulatory ideal whose materialization is compelled, and this materialization takes place (or fails to take place) through certain highly regulated practices. In other words, "sex" is an ideal construct which is forcibly materialized through time. It is not a simple fact or static condition of a body, but a process whereby regulatory norms materialize "sex" and achieve this materialization through a forcible reiteration of those norms. That this reiteration is necessary is a sign that materialization is never quite complete, that bodies never quite comply with the norms by which their materialization is impelled. (BUTLER, 1993, p. 235-236).

Fica claro, então, a partir da compreensão do discurso como parte do ideal regulatório, o espaço magnânimo que ocupa a instância discursiva no pós-estruturalismo, vista como o lugar de produção da materialidade. Isso é o contrário, definitivamente, de uma abordagem materialista-marxista, que defende que as relações materiais é que transformam o mundo das ideias:

> Isto significa que não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam nem daquilo que são nas palavras, no pensamento na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens, da sua atividade real. É a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas deste processo vital. Mesmo as fantasmagorias correspondem, no cérebro humano, a sublimações necessariamente resultantes do processo da sua vida

> material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais. Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; serão antes os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. (MARX, 2007 [1845-1846], p. 5).

Na crítica marxista desenvolvida ao longo do séc. XX, alguns autores já notaram que havia uma relação próxima entre as proposições do pós-estruturalismo e determinada concepção de discurso e preocuparam-se em asseverar justamente o que Marx observou no excerto acima: que as relações materiais precedem à formação das ideias, das representações, dos discursos.

Eagleton (1991), a partir de uma leitura crítica das obras dos sociólogos ingleses Berry Hindess e Paul Hirst, propõe-se a pensar a centralidade que essa noção assume nas teorias sociais, passando por temas muito próximos aos que Callinicos desenvolveu em sua crítica à pós-modernidade, como a fragmentação da realidade social das teorias pós-estruturalistas contra a "totalidade" da visão marxista tradicional. Deter-nos, neste momento, em Eagleton justifica-se por este autor ter desenvolvido um capítulo para discutir questões referentes ao discurso e a sua relação com a materialidade constitutiva dos objetos (que se originam em uma reflexão sobre discurso e ideologia, movimento que a observação que destacamos de Marx também faz). Dessa forma, lançamos mão de duas ideias que são desenvolvidas no capítulo de Eagleton em questão e que se mostram princípios marxistas potencialmente norteadores da questão do discurso: o problema do discurso como produtor da realidade material e a crise da representação.

2.1 O problema do discurso como produtor da realidade material e a crise da representação

Partindo da defesa de que este tópico sobre o discurso como produtor da realidade se relaciona de maneira muito próxima ao que observamos em relação a Foucault e Butler acerca do ideal regulatório, retomaremos alguns momentos do trabalho de Eagleton que subsidiam uma crítica muito semelhante.

No capítulo "Discurso e Ideologia", Eagleton aponta no pensamento dos sociólogos ingleses Hindess e Hirst a existência de uma concepção de discurso que ignora a preexistência de relações materiais em detrimento da influência que o discurso exerceria sobre sociedade, uma influência de caráter constitutivo da realidade. De maneira contrária

a este ponto de vista, o autor argumenta que a linguagem deve ser entendida como um espaço de expressão de ideologias, de modo que as relações materiais estariam na base de funções como explicação, racionalização, ocultação, legitimação, entre outras, a serem desempenhadas pelo discurso:

> Para eles [Hindess e Hirst] o discurso "produz" objetos reais, e a linguagem ideológica, portanto, é apenas uma maneira de constituição desses objetos. Mas isso simplesmente deixa de identificar a especificidade de tal linguagem, que não é simplesmente uma maneira qualquer de constituir a realidade, mas uma que tem as funções mais particulares de explicar, racionalizar, ocultar, legitimar etc. (EAGLETON, 1991, p. 184)

Podemos ver que Eagleton não nega o papel da linguagem na transformação da realidade material, ou seja, não se trata de uma recusa total desse modo de compreender o discurso; o que será defendido é que as relações materiais não podem ser apreendidas sobremaneira como um efeito do discurso. A consequência de realizar esse debate sem considerar as forças econômicas e sociais seria desvalorizar a categoria de representação, que constitui uma das funções da linguagem que admitem a preexistência de algo ao discurso. Assim, estaria instituída uma crise da representação, a qual deixa de ser admitida como uma categoria válida, na medida em que o discurso não mais desempenharia este papel de representar, e sim o de criar a própria realidade. Para Eagleton, essa é uma das doutrinas no pensamento pós-modernista que implicaram desacreditar na noção de ideologia (que é abandonada por teóricos como Foucault, por exemplo[21]):

> Por que, em um mundo atormentado pelo conflito ideológico, a própria noção de ideologia evaporou-se, sem deixar vestígios, dos escritos pós-modernistas e pós-estruturalistas? A chave teórica para esse enigma é um dos assuntos que abordaremos neste livro. De modo muito sucinto, argumento aqui que três doutrinas essenciais do pensamento pós-modernista conspiraram para desacreditar o conceito clássico de ideologia. A primeira dessas doutrinas gira em torno da rejeição da noção de representação - na verdade, a rejeição de um modelo *empírico* de representação, no qual o bebê representacional foi displicentemente lançado fora junto com a água do banho empírica. (EAGLETON, 1991, p. 11)

A despeito do tom irônico da citação, nela Eagleton delineia um dos principais tópicos da pós-modernidade que estão relacionados com a instância discursiva, que é a questão da representação.

[21] Não é matéria deste capítulo, mas cabe esclarecer que, ainda que esquecida por Foucault, a noção de ideologia é central para a ACD faircloughiana, e não à toa será destaque no capítulo subsequente. No entanto, como estamos tratando da crítica marxista ao pós-estruturalismo, é relevante apresentar a problematização de Eagleton acerca do apagamento da questão da ideologia, uma vez que, para este autor, ela forma parte da *crise da representação*, que optamos por focalizar para se chegar a uma discussão relativa à materialidade do discurso.

Antes de prosseguir com essa discussão, resgatemos um aspecto do excerto introdutório deste capítulo da dissertação, retirado da obra *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1996). Nele, Fredric Jameson faz uma comparação entre a análise do discurso e "os sonhos dos adeptos de Proudhon". Tal referência remonta ao caráter utópico e passivo[22] que Marx acusava haver nas proposições políticas de Proudhon e que lhe rendeu a publicação de *Miséria da Filosofia*, em 1847, rebatendo análises sociais e econômicas do trabalho *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria*, publicado por Proudhon um ano antes.

No cerne da crítica marxista de Jameson está a compreensão da autonomização do conceito (JAMESON, 1996, p. 272; 2008, p. 147-149) – cabe aqui apontar que é notável a semelhança com a crítica de Volóchinov da qual já tratamos, referente à autonomia da palavra. Em Jameson, a autonomia do conceito implica desconectá-lo da realidade, torná-lo uma categoria flutuante, ao passo que, em Volóchinov, o que ele observava criticamente como autonomia da palavra presume que esta possuiria algum potencial transformador, em detrimento da sua função de representar uma realidade externa a ela.

Podemos colocar a tese de Eagleton, de que passamos por uma crise de representação na pós-modernidade, na esteira do pensamento de Jameson e Volóchinov, uma vez que ambos autores procuram resguardar essa propriedade representativa do discurso, de modo a não autonomizar a palavra/o conceito, dando-lhe mais poder do que efetivamente teria do ponto de vista materialista-marxista. Resguardada a distância temporal entre os autores (mais especificamente a distância de Volóchinov, cuja produção é datada dos anos 1930, a Jameson e Eagleton, que são praticamente contemporâneos e produziram ao longo dos anos 1980 e 1990), a comparação se legitima, conforme já destacado, por tal crítica ter surgido apenas nos planos de trabalho de Volóchinov, não tendo sido, portanto, plenamente desenvolvida.

Além disso, a distância temporal também resguarda inúmeras mudanças ocorridas no percurso histórico, o que implica considerarmos que se a crítica do autor russo era produzida no interior na União Soviética e dirigida às escolas simbolista e expressionista, a crítica dos autores americanos, que ainda estão em atividade, é direcionada ao

[22] Nas correspondências trocadas entre Marx e Proudhon em 1946, vemos claramente uma recusa de Proudhon à ação revolucionária, o que não escapa a Marx em sua publicação de 1847, quando tratará das colisões e da luta de classes. Cf. Marx, K. *Miséria da Filosofia*. 1985, pp. 199-203. São Paulo: Global.

pensamento pós-estruturalista e está em pleno desenvolvimento, encorajada pela intenção de retomada dos ideais marxistas.

A crítica de Eagleton em sua completude percorre um longo caminho que ele mesmo anuncia desde o início como partindo de "Saussure até a democracia social", de modo que buscou considerar os reflexos de concepções sobre o discurso que ganharam força nesse espaço de tempo delimitado, sobretudo com os estudos conhecidos como pós-marxistas. O autor nos apresenta este trajeto a partir da desestabilização da divisão saussuriana de significante e significado, passando pela valorização do pensamento de Volóchinov, o qual entende ser continuado, até certo ponto, por Pêcheux. O destino final de suas conjecturas seria justamente as ideias de Hindess e Hirst, marcadas pelo abandono da categoria de representação, e as ideias contidas em outros trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva pós-estruturalista que o autor chega a mencionar no capítulo, como é o caso de Michel Foucault.

Eagleton desenvolve esse debate, começando pela crítica a Saussure, mais especificamente no capítulo "Pós-estruturalismo", do livro *Teoria da Literatura* (2006), mas também em *Ideologia* (1997), no capítulo "Discurso e Ideologia". Para dar prosseguimento à visão de Eagleton sobre o discursivo na pós-modernidade, cabe destacar aqui dois pontos de sua oposição a Saussure que nos levam ao momento que efetivamente discutimos nesta dissertação, que é a pós-modernidade. Tais pontos são: a definição do signo pela sua diferença e o caráter secundário do referente na sua teoria dos signos.

O primeiro diz respeito ao princípio de que um signo se define pelo que ele não é, pela sua diferença, de modo que o que Eagleton coloca em xeque é a própria ideia saussuriana de que a língua deve ser entendida como um sistema fechado e estável, uma vez que, se assim fosse, admitiria uma ampla possibilidade de definições:

> Se todo signo é o que é por não ser todos os outros signos, todo signo seria constituído de um emaranhado potencialmente infinito de diferenças. A definição de um signo, portanto, seria uma coisa muito mais complexa do que se poderia pensar. A langue de Saussure sugere uma estrutura delimitada de significação: mas onde estabelecer o limite na linguagem? (EAGLETON, 2006, p. 192)

O segundo ponto da crítica desenvolvida por Eagleton está no caráter secundário que possui o referente na teoria saussuriana. O referente, que seria o objeto ao qual determinado signo remete, as implicações do real nesse processo de significação, surge

em Saussure em termos de uma relação arbitrária, o que colaborou, segundo Eagleton, para a autonomização do próprio texto, tornando-o a grande influência que efetivamente foi para a virada linguística das teorias sociais no séc. XX, de forma a disseminar os princípios estruturalistas para a ciências humanas como um todo. Seguindo sua linha de raciocínio, a ideia do significante como produtor do significado teria implicado ao estruturalismo um caráter construtivista sustentado pela ideia de que "a realidade não era refletida pela língua, mas produzida por ela" (Eagleton, 2006, p.162). Esta ideia teria promulgado o fim da representação, quando do surgimento de uma nova forma de pensar que nasce da suspeita desta relação arbitrária entre o signo e referente, e postulado que a ênfase deveria recair sobre a *desconstrução*: este princípio passa a ser central para intelectualidade no pós-estruturalismo. A mudança da perspectiva da construção do real, defendida pelo estruturalismo, para a desconstrução do real, defendida pelo pós-estruturalismo, tem como base a constatação de que, enquanto o estruturalismo defendeu uma cisão entre signo e referente, o pós-estruturalismo passou a defender uma cisão entre significante e significado (Eagleton, 2006, p. 193). Eagleton coloca este movimento nos seguintes termos:

> [No pós-estruturalismo] a significação não está imediatamente *presente* em um signo. Como a significação de um signo depende daquilo que ele *não* é, tal significação está sempre, de alguma maneira, ausente dele. A significação, se assim quisermos, está dispersa ao longo de toda uma cadeia de significantes e não pode ser facilmente fixada; ela nunca está totalmente presente apenas em um signo, mas é antes uma espécie de constante oscilação de presença e ausência. (EAGLETON, 2006, p. 193)

Em outras palavras, o que o pós-estruturalismo acaba por fazer é destituir o signo de estabilidade. Dessa forma, o signo é atacado como se por meio dele fosse possível alterar também a realidade material, ou seja, o que ele *representa*. Fredric Jameson também abordará essa questão em *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. Este teórico assinala que, na pós-modernidade, a relação entre o signo e seu referente passou por um processo de reificação:

> Era uma vez uma coisa chamada signo, que quando apareceu, na madrugada do capitalismo e da sociedade afluente, parecia relacionar-se, sem nenhum problema, com seu referente. Este apogeu inicial do signo (...) por uma força que chamarei de reificação, uma força cuja lógica é da separação violenta e da disjunção, da especialização e da racionalização, de uma divisão do trabalho taylorista em todos os domínios. Então esse primeiro momento de decodificação ou de realismo não pôde durar muito tempo; por uma inversão dialética, ele mesmo se tornou, por sua vez objeto da força corrosiva da

> reificação, que entra no domínio da linguagem para separar o signo do referente. Essa disjunção não abole completamente o referente, ou o mundo objetivo ou realidade, que ainda tem uma estrela diminuída ou um anãozinho vermelho. Mas sua grande distância do signo permite que esta viva um momento de autonomia, de uma existência relativamente livre e utópica, se comparado com seus antigos objetos. (...) Mas a força da reificação que fora responsável por este novo momento tampouco para aí: em outro estágio, potencializada, em uma espécie de reversão da quantidade pela qualidade, **a reificação agora penetra no próprio signo e separa o significante do significado**. Agora a referência e a realidade desaparecem de vez, e o próprio conteúdo – o significado – é problematizado. Resta-nos o puro jogo aleatório dos significantes que nós chamamos de pós-modernismo, que não mais produz obras monumentais como as do modernismo, mas embaralha sem cessar os fragmentos de textos preexistentes, os blocos de armar da cultura e da produção social, em nova bricolagem potencializada. (JAMESON, 1996, p. 117-118, grifo nosso)

Essa falta de estabilidade do signo se relaciona de maneira estreita à ideia de autonomia da palavra que articulamos no início deste capítulo, uma vez que parte da compreensão de que a linguagem tem o potencial de transformar a realidade material. Tal discussão diz respeito também à centralidade da linguagem nas ciências humanas e à defesa da legitimação da ciência pelos jogos de linguagem presentes em *A condição pós-moderna*, de Lyotard.

Voltando à discussão sobre Hindess e Hirst, em *Ideologia* (1991), Eagleton faz apenas algumas menções a Saussure, apontando que os autores ingleses identificam problemas na teoria dos signos saussuriana, mas simplesmente a invertem, o que ele entende como negativo, pois é o que corrobora o abandono completo da noção de representação:

> O que está sendo implicitamente desafiado por Hindess e Hirst nada mais é que todo o conceito de representação. Pois a ideia de representação sugeriria que o significado existe anteriormente ao significante e é então obedientemente refletido por ele, e isso, mais uma vez, choca-se com a índole da semiótica saussuriana. Mas ao rejeitar corretamente uma ideologia *empirista* da representação, acreditam erroneamente ter dado fim à noção como tal. (EAGLETON, 1991, p. 184)

Essas reflexões nos interessam na medida em que as propostas de Eagleton versam sobre a centralidade da linguística nas ciências humanas no séc. XX, mobilizando os conceitos que emergem na esfera dos estudos da linguagem e passam a integrar o pensamento sociológico. Ademais, tratamos dos conceitos de construção e desconstrução da realidade pela via do linguístico, de modo que as implicações posteriores dessa discussão auxiliam na compreensão do papel do discurso no pós-estruturalismo. Neste sentido, este resgate histórico proposto pode ser esclarecedor por reiterar tal centralidade.

A crítica de Eagleton vai além dessa afirmação: ele consegue chegar ainda mais próximo de Marx quando nos revela que o estruturalismo é desestabilizado por uma semelhança que apresenta em relação à filosofia idealista alemã:

> Começou-se a suspeitar, portanto, que o estruturalismo só não era um empirismo porque era mais uma forma do idealismo filosófico - que a sua visão da realidade como sendo essencialmente um produto da língua era simplesmente a mais nova versão da doutrina idealista clássica de que o mundo é constituído pela consciência humana. (EAGLETON, 2006, p. 162)

A resposta para o estruturalismo, no entanto, partiu de uma perspectiva filosófica tão idealista quanto ele: o pós-estruturalismo radicaliza a ideia de que a realidade é constituída pela linguagem, fazendo com que a materialidade seja vista como um produto do discurso que é repetidamente reproduzido na sociedade. Apesar do caráter de desconstrução das correntes pós-estruturalistas identificado por Eagleton, esta ocorreria no nível do signo, considerando-o um objeto fluído, passível de ser descontruído a fim de alterar determinado aspecto da realidade material que é considerado opressivo. Exemplificando, poderíamos destacar a possibilidade de que, ao desconstruir o significado de mulher, conseguiríamos reverter a sua condição social, ou ainda de que o problema central em torno dessa questão de gênero é a constituição do significado de mulher e sua estabilidade inscrita em uma sociedade patriarcal. É como se a materialidade se fizesse pela insistência da palavra, que a estabiliza (uma estabilidade que passa a ser o foco da luta do pós-estruturalismo). Retomando uma ideia que já trouxemos neste capítulo, essa insistência a qual nos referimos pode ser compreendida a partir do conceito de "repetição ritualizada" que desenvolve Butler (1993), com base no ideal regulatório de Foucault. Dessa forma, levando-nos a compreender que a realidade se constitui pela linguagem, o pós-estruturalismo elege o texto como o principal espaço de subversão, o lugar onde é possível insubordinar-se.

Eagleton, continuando sua análise marxista, que conjuga possíveis motivações na esfera política que incentivaram o desenvolvimento de determinadas formas de pensamento, aponta que a corrente pós-estruturalista surge em decorrência do Maio de 68, a partir de uma postura desiludida quanto à possibilidade de "romper as estruturas do poder estatal" e que, em lugar disso, optou por "subverter as estruturas da linguagem". Por fim, a efervescência social que ocorreu neste período, na França, definiu que o espaço para as lutas sociais, frente à repressão policial que solapava as possibilidades

revolucionárias, não deveria mais ser as ruas, e sim, o discurso: “o movimento estudantil foi varrido das ruas e levado à ilegalidade, ao discurso” (Eagleton, 2006, p. 213).

Em sua análise da obra de Derrida, um autor cuja produção ocorre sob a égide pós-estruturalista, Eagleton também nos oferece a possibilidade de pensar questões relativas ao discurso e sua relação com a realidade material. Para este crítico marxista, a obra de Derrida é também um exemplo da centralidade do discursivo:

> A obra de Derrida e outros lançou graves dúvidas sobre as noções clássicas de verdade, realidade, significado e conhecimento, todas denunciadas como baseadas em uma teoria ingenuamente representativa da linguagem. Se o significado era um produto passageiro das palavras ou dos significantes, sempre oscilante e instável, em parte presente e em parte ausente, como poderia haver qualquer verdade ou significação determinada? Se a realidade era antes construída do que refletida pelo nosso discurso, como poderíamos chegar a conhecer a própria realidade, em lugar de conhecer apenas nosso próprio discurso? (EAGLETON, 2006, p. 215 -216)

Um dos questionamentos apresentados pelo autor reitera a ideia de que, instaurada a crise de representação, o discurso deixa de ser onde a realidade está refletida para ser o que constitui a realidade. De acordo com esta visão, a compreensão do discurso passa a se sobrepor à compreensão da própria realidade (uma vez que a categoria do “real” é problematizada como inapreensível pelo pós-estruturalismo, para o qual as tentativas de afirmá-la resultam de uma visão científica que pauta sua própria noção de verdade e é, portanto, inválida e dogmática). Tais ideias expressam-se ainda no pensamento de Michel Foucault, a quem Eagleton atribui ter tido grande influência sobre os demais autores do pós-estruturalismo, substituindo Marx no decorrer da década de 1980 “como decano da teoria política” (Eagleton, 2006, p. 341).

2.2 A “inflação do discurso” na pós-modernidade e diálogos possíveis com a obra de Norman Fairclough

Uma referência constante nos trabalhos do analista crítico do discurso Norman Fairclough são as considerações dos pesquisadores Ernesto Laclau e Chantal Mouffe na discussão da relação entre ideologia e hegemonia. Em Eagleton (2006), Laclau e Mouffe (1985) aparecem em sua crítica à consideração das práticas sociais como práticas

discursivas, tópico que estaria relacionado à "inflação do discurso" identificada por Perry Anderson[23]:

> Com Laclau e Mouffe, o que Perry Anderson denominou a "inflação do discurso" no pensamento pós-estruturalista alcança o seu apogeu. Desviando-se hereticamente de seu mentor, Michel Foucault, Laclau e Mouffe negam toda a validade da distinção entre práticas "discursivas" e "não-discursivas", apoiando-se no fundamento de que uma prática é estruturada pelas diretrizes de um discurso. A breve resposta a isso é que uma prática pode muito bem ser organizada como um discurso, mas, na verdade, é mais uma prática que um discurso. É desnecessariamente ofuscante e homogeneizador classificar coisas como fazer um sermão e tirar um pedregulho da orelha esquerda como uma mesma categoria. Uma maneira de *compreender* um objeto é simplesmente projetada no próprio objeto, numa manobra idealista conhecida. (EAGLETON, 1997, p. 191)

Para Eagleton (2006), em Laclau e Mouffe (1985) existe uma radicalização do processo de discursivização dos fenômenos sociais, uma vez que estes autores negam qualquer distinção entre as práticas sociais e as práticas discursivas. A crítica à "inflação do discurso", que Eagleton nota constar já nos trabalhos de Perry Anderson, torna-se um respaldo para o seu desenvolvimento teórico sobre este tema, mais um exemplo da incursão do discursivo no pensamento pós-estruturalista. O ponto de partida para negar a fusão entre as práticas sociais e as práticas discursivas parte da observação de que tal compreensão implica entender que existem diferenças substanciais entre uma prática e um discurso para que sejam tomados como equivalentes: o discurso seria uma forma de compreender um objeto e não de determinar a sua existência.

Eagleton observa que, ao eliminar as fronteiras entre a prática social e a prática discursiva (como defendem Laclau e Mouffe), determina-se a possibilidade de compreendermos a realidade em termos de discurso, o que em sua visão seria problemático. O autor é bastante incisivo nesta crítica, defendendo, assim, que haja uma delimitação entre o que é compreendido como prática social e prática discursiva:

> A categoria do discurso é inflada a ponto de imperializar o mundo todo, elidindo a distinção entre pensamento e realidade material. O efeito é solapar a crítica da ideologia - pois se as idéias e a realidade material são dadas indissoluvelmente juntas, não pode haver a questão de perguntar de onde vêm

[23] A partir da citação abaixo, compreendemos que a inflação do discurso não é necessariamente um conceito trabalhado por Perry Anderson. Podemos argumentar que Eagleton elege essa expressão para dar conta de uma crítica de Perry Anderson desenvolvida em torno da discursivização/textualização presente em determinada produção científica. Cf. Anderson, P. *The Origins of Postmodernity*, London: Verso, 1998, p. 61: "The work of Michel Foucault, Jameson noted, was a foremost example of such an unassignable oeuvre. What was replacing the old divisions of the disciplines was a new discursive phenomenon, best indicated by its American short-hand: 'Theory'. The distinctive form of much of this work reflected the increasing textualization of its objects - what could be called a revival, immensely more versatile, of the ancient practice of 'commentary'".

> as idéias sociais. O novo herói "transcendental" é o próprio discurso, que, aparentemente, é anterior a tudo mais. (EAGLETON, 1997, p. 192)

Uma das consequências, portanto, da compreensão da prática social em termos de discurso é, justamente, a elisão das fronteiras entre pensamento e realidade material, o que anteriormente o autor compreendeu como uma "manobra idealista", fazendo uma alusão às ideias que acabaram por estimular o surgimento do materialismo histórico de Marx e Engels, que surgiu em oposição ao idealismo hegeliano. É como se mais uma vez na história nos víssemos muito próximos a esta perspectiva filosófica que centraliza o mundo das ideias.

Seguindo com o tema da distinção entre as práticas discursivas e as práticas sociais, vale observar que uma das principais teses faircloughianas recai sobre a compreensão do discurso em termos de prática social:

> Minha tentativa de reunir a análise linguística e a teoria social está centrada numa combinação desse sentido mais socioteórico de "discurso" com o sentido de "texto e interação" na análise de discurso orientada linguisticamente. Esse conceito de discurso e análise de discurso é tridimensional. Qualquer "evento" discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão do "texto" cuida da análise linguística de textos. A dimensão da "pratica discursiva", como "interação", na concepção "texto e interação" de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual - por exemplo, que tipos de discurso (incluindo "discursos" no sentido mais socioteórico) são derivados e como se combinam. A dimensão de "pratica social" cuida de questões de interesse na análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/construtivos referidos anteriormente. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

Essas considerações estão na base de seu modelo tridimensional do discurso: emerge a categoria de evento discursivo como algo constituído *simultaneamente* pelo texto, pela prática discursiva e pela prática social; até este momento ainda parece haver um lugar determinado para cada uma dessas categorias. No entanto, posteriormente aparece de maneira explícita uma referência para a compreensão do discurso em termos de prática social, que surge como uma contribuição teórica de Foucault, mais especificamente um desdobramento de seu conceito de "formação discursiva":

> Uma formação discursiva consiste de regras de formação para o conjunto particular de enunciados que pertencem a ela e, mais especificamente, de regras para a formação de objetos, de regras, para a formação de modalidades enunciativas e posições do sujeito, de regras para a formação de conceitos e de regras para a formação de estratégias (Foucault, 1972: 31-39). Essas regras são

> constituídas por combinações de elementos discursivos e não-discursivos anteriores [...] e o processo de articulação desses elementos faz do discurso uma pratica social (Foucault usa a expressão prática discursiva). (FAIRCLOUGH, 2001, p. 65)

Assim como Laclau e Mouffe são exemplos da "inflação do discurso" para Eagleton, Fairclough oferece elementos que o localizam também de maneira muito próxima às ideias pós-estruturalistas, que são questionadas pela perspectiva marxista. E é particularmente nesta obra (*Discourse and Social Change* [1992]), que Fairclough demonstra, de fato, uma aproximação a Foucault e, ao mesmo tempo, um afastamento da perspectiva marxista que estava presente em *Language and Power* (1989). Essa consideração acerca das práticas sociais é um exemplo disso, a qual pode também dar suporte ao afastamento da perspectiva marxista, que será mencionado no Capítulo 3, seção 3.2, verificado a partir da análise de categorias em tensão no pensamento faircloughiano.

Apesar de a perspectiva de Fairclough adquirir diferentes contornos ao longo dos anos, como, por exemplo, no artigo "Discourse, social theory and social research" (2000), no qual as referências do autor para embasar a perspectiva de práticas sociais não estão mais situadas em Foucault, e sim em autores ligados ao marxismo (Althusser e Balibar) e ao Realismo Crítico (Archer e Baskhar), as definições parecem pouco modificar-se no sentido da crítica de Eagleton a Laclau e Mouffe quanto à discursivização das práticas sociais e à centralidade que o discurso assume no cenário contemporâneo, a qual Fairclough chega a reconhecer, mas não problematiza:

> We might say that contemporary social life is `textually-mediated' – we live our practices and our identities through such texts. This implies a more central role for discourse, for language and other forms of semiosis, in contemporary social life in comparison with earlier social life. (FAIRCLOUGH, 2000, p. 165)

Outro importante referencial teórico para tratar desse processo de discursivização é Fredric Jameson. O autor, em um sentido muito parecido ao da crítica de Terry Eagleton e Perry Anderson, apontará que a pós-modernidade é marcada, entre outros aspectos, por um processo de textualização, o qual está estreitamente relacionado à ideia de autonomia do conceito que vimos anteriormente. As observações de Jameson assumirão contornos críticos à compreensão da realidade em termos de texto e emergem de seus estudos sobre a noção de ideologia (movimento teórico similar ao de Eagleton). Em uma das principais

obras de Jameson, *Postmodernism or the cultural logic of late capitalism* (1991), haverá constante menção à textualização:

> Everything can now be a text in that sense (daily life, the body, political representations), while objects that were formerly "works" can now be reread as immense ensembles or systems of texts of various kinds, superimposed on each other by way of the various intertextualities, successions of fragments, or, yet again, sheer process (henceforth called textual production or textualization) (JAMESON, 1991, p. 77)

A análise de Jameson propõe como evidente a textualização da realidade no período pós-moderno, constatação que ocorre na mesma direção da crítica que fizemos acerca das obras de Foucault e Butler sobre o ideal regulatório – na pós-modernidade é válida, portanto, a compreensão da realidade como algo que o discurso é capaz de produzir ou, em um movimento análogo, de que realidade material pode ser lida como um texto. A textualização (ou discursivização, se considerarmos a noção análoga de "inflação do discurso") pode ser tratada, do ponto de vista marxista, como um aspecto problemático das teorias pós-modernas, uma vez que dificulta a compreensão dos limites entre o que é texto ou discurso e o que é realidade, entre o que é prática discursiva e o que é prática social. É possível argumentar que a fusão entre esses conceitos tem como base algo que já citamos neste capítulo, que é o deslocamento do espaço de realização das lutas políticas para o discurso, resultante da repressão em torno dos movimentos sociais em 1968 e também de uma valorização do discurso pelas teorias estruturalistas que precedem esse momento histórico (desenvolvidas no início dos anos 60). Dessa forma, a separação entre prática discursiva e prática social faz-se necessária para que possamos articular novas estratégias políticas que excedam uma contestação discursiva, permitindo maior profundidade na análise das estruturas de poder e no entendimento de quais *ações* devem ser efetivadas pela esquerda para a transformação social, que não apenas uma desconstrução de discursos. Do ponto de vista formal, os ganhos dessa separação encontram-se na delimitação entre o real e o simbólico, o objeto e sua representação, conforme já anuncia a crítica marxista sobre a autonomização do conceito ou autonomia da palavra, sobre as quais já tratamos nas primeiras partes deste capítulo e contribuem para uma perspectiva materialista da linguagem.

Em suma, as escolhas teóricas de Fairclough podem explicar essa ênfase no caráter constitutivo do discurso sobre a realidade. Mais precisamente, podemos argumentar que a diversidade de autores presentes nos trabalhos de Fairclough, do pós-

marxismo de Laclau e Mouffe ao pós-estruturalismo de Foucault, apresenta resquícios de uma perspectiva discursiva que pouco considera o pensamento marxista quanto à problematização da relação entre as ideias e a realidade material (uma realidade que preexiste ao discurso, que é representada pelo discurso), um aspecto central que desestabiliza a proximidade que se busca defender em "Marx as a critical discourse analyst". No entanto, dado que isso ocorre em paralelo a constantes citações de autores marxistas, como Gramsci, é preciso cautela. Torna-se relevante considerar o todo de sua obra para se chegar a alguma afirmação mais precisa quanto à presença do pensamento marxista em Fairclough, o que buscaremos desempenhar logo a seguir, analisando categorias que apresentam de maneira evidente uma tensão entre ideias marxistas e pós-estruturalistas (no caso desta última, argumentaremos dando destaque a Foucault, já que este autor obteve cada vez mais espaço ao longo do desenvolvimento teórico faircloughiano).

Capítulo 3 As noções de poder e ideologia em Fairclough

As noções de poder e ideologia, além de serem centrais tanto na teoria discursiva de Norman Fairclough quanto na polêmica entre o pós-estruturalismo e o marxismo, explicitam, no plano de desenvolvimento teórico faircloughiano, o reconhecimento da tensão existente entre essas duas correntes de pensamento nas ciências humanas. A partir dessa observação, analisaremos como estas noções aparecem nas obras *Language and Power* (1989), *Discourse and Social Change* (1992), *Critical discourse analysis* (1995), *Discourse in Late Modernity* (1999) e *Analysing Discourse* (2003), considerando a ordem cronológica destas publicações, que partilham do objetivo de construir uma proposta teórico-metodológica de análise crítica do discurso.

3.1 Language and Power (1989)

Desde um estágio mais inicial da pesquisa, quando da leitura desta primeira obra selecionada de Fairclough, a noção de poder surge constantemente relacionada ao conceito de ideologia. Essa relação é explicitada em *Language and Power*, quando é possível notar uma interdependência entre os dois conceitos, que estão estreitamente associados à compreensão do funcionamento do discurso na sociedade para o pensamento faircloughiano. A interdependência a qual me refiro remonta à organização do livro: do capítulo dois ao três, temos de maneira sequenciada discussões acerca do discurso como prática social; discurso e poder; e discurso, senso comum e ideologia.

Na introdução de *Language and Power*, Fairclough apresenta duas noções diferentes de poder. A primeira, baseada no marxismo de Althusser (1971), assume a noção de classe social como fundamental, e parte da compreensão da classe dominante como aquela que detém o poder de regular as relações econômicas da sociedade na manutenção da exploração, valendo-se do Estado burguês e de suas forças (a polícia, o exército, as forças armadas) para permanecer no poder, discussão que serve como uma ponte para se debater, posteriormente, o discurso a partir de sua utilidade para a realização de um trabalho ideológico contrário ao capitalismo. A segunda noção de poder se estabelece em associação à perspectiva pós-estruturalista: Fairclough incorpora o desenvolvimento acerca das "formas modernas de poder" (p. 10) como uma herança foucaultiana. A esse aproveitamento de visões diferentes de poder, o autor dedica o

capítulo “Power relations, class relations, and social struggle”, no qual faz tentativas de mediar essas visões, na constituição de uma visão própria, baseada na conciliação.

Ao discutir a primeira noção, Fairclough analisa a organização da sociedade sob a ótica do marxismo:

> The relationship between social classes starts in economic production, but extends to all parts of a society. The power of the capitalist class depends also on its ability to control the state: contrary to the view of the state as standing neutrally ‘above’ classes, I shall assume that the state is the key element in maintaining the dominance of the capitalist class, and controlling the working class. This political power is typically exercised not just by capitalists, but by an alliance of capitalists and others who see their interests as tied to capital - many professional workers, for instance. We can refer to this alliance as the dominant bloc.
> State power - including Government, control of the police and the armed forces, the civil service, and so forth - is decisive in periods of crisis. But in more normal conditions of life in capitalist society, a whole range of social institutions such as education, the law, religions, the media, and indeed the family, collectively and cumulatively ensure the continuing dominance of the capitalist class. The people who have power in these social institutions often have very little in the way of direct links to the capitalist class.
> But a more significant factor is ideology. Institutional practices which people draw upon without thinking often embody assumptions which directly or indirectly legitimize existing power relations. Practices which appear to be universal and commonsensical can often be shown to originate in the dominant class or the dominant bloc, and to have become naturalized. Where types of practice, and in many cases types of discourse, function in this way to sustain unequal power relations, I shall say they are functioning ideologically. (FAIRCLOUGH, 1989, p. 27).

À luz do excerto acima, é possível entender que Fairclough passa a caminhar entre as noções de base e superestrutura, considerando as relações de produção capitalistas o que estimula a existência da desigualdade social. Ao mesmo tempo, enxerga que há outra parte que auxilia na manutenção das relações de dominância, constituída por várias instituições que legitimam as práticas capitalistas. O discurso surge, na fala de Fairclough, relacionado ao debate sobre ideologia, o que nos permite relacioná-lo à noção de superestrutura, ou seja, o discurso é responsável por articular as ideias que buscam dar legitimidade para a exploração ou, para sermos mais restritos na interpretação do trecho, das ideias que buscam naturalizar as práticas da classe dominante, inclusive as que identificamos decorrentes da lógica da produção econômica. Até o momento, podemos defender que há o predomínio de uma análise fundamentada no marxismo por razões como a utilização das categorias de classe dominante e classe dominada e a referência a uma estrutura de poder que considera o Estado burguês como uma expressão do sistema

capitalista. Esse movimento do pensamento faircloughiano colabora para compreender uma afirmação existente neste livro, que está no cerne do problema dessa dissertação:

> Power relations are not reducible to class relations. There are power relations between social groupings in institutions, as we have seen, and there are power relations between women and men, between ethnic groupings, between young and old, which are not specific to particular institutions. One of the problems in analysing contemporary capitalism is how to see the connection between class relations and these other types of relation. On the one hand, there is no simple transparent connection between them which would justify reducing these other relations to class relations, by seeing them as merely indirect expressions of class. On the other hand, class relations define the nature of the society, and have a fundamental and pervasive influence on all aspects of the society, including these other relations, so that it is not acceptable to regard gender, race and so forth as simply parallel to class. I shall regard class relations as having a more fundamental status than others, and as setting the broad parameters within which others are constrained to develop, parameters which are broad enough to allow many options which are narrowed down by determinants autonomous to the particular relation at issue. (FAIRCLOUGH, 1989, p. 28)

Ao final deste parágrafo, Fairclough atribui importância fundamental a uma análise que seja capaz de conjugar a visão crítica acerca das relações de classe, argumentando que estas têm um potencial crítico amplo, capaz de configurar parâmetros que podem colaborar com a análise dos demais tipos de exploração, dos demais recortes de poder. O trecho em sua totalidade é esclarecedor do quanto a visão de Fairclough não é reducionista, do quanto ele não deixa de considerar que outros tipos de relações de poder existem. Isso nos leva mais uma vez à hipótese inicial de que existe uma visão conciliatória entre pós-estruturalismo e marxismo em torno de certas noções, uma tentativa de conjugar essas diferentes demandas sociais, mas sem se apartar da questão de classe. Haveria, então, aliado a uma perspectiva marxista de poder que estaria centrado na estrutura econômica da sociedade, o poder em uma nova perspectiva, como algo manifesto de diferentes formas. Emerge em seu texto a questão das identidades, pois quando o autor se refere às relações de poder manifestas entre diferentes sujeitos, assume a desigual posição social existente, por exemplo, entre homens e mulheres, negros e brancos, índios e brancos, heterossexuais e homossexuais, etc., ponto que as correntes de pensamento pós-estruturalistas explorarão intensamente e cujas maiores contribuições partem dos trabalhos de Foucault.[24]

[24] Vê-se isso principalmente em *Microfísica do poder* (2008).

A tensão que acabamos de evocar da citação de Fairclough pode ser atestada ainda com uma colocação de Clare Walsh[25] no livro *Gender and discourse: Language and Power in politics, the Church and organisations* (2001). A autora considera que Fairclough marginaliza a questão de gênero em detrimento da questão de classes. Porém, conforme argumentado acima, considerando o excerto em sua totalidade, o que é existe está mais próximo de uma proposta de aproximação dessas diferentes formas de compreender o poder e não do predomínio de uma "economistic tendency", conforme sugere Walsh (p. 27), ainda que uma das críticas que se faz no presente trabalho resida justamente nesse ponto: o afastamento gradual de Fairclough de uma visão que seja capaz de conjugar de maneira mais profunda outras formas de opressão à questão de classe, a qual deve ser centralizada.

Antes de tratar da ideologia em *Language and Power*, cabe esclarecer que, para o marxismo, essa categoria está estreitamente relacionada à noção de poder: o poder fundamenta-se na dominação de classe, e considerando que a produção econômica regula a dinâmica entre base e superestrutura, é nesta última camada que a ideologia opera (Musse, 2005, p. 388). Para os pós-estruturalistas, por outro lado, a noção de ideologia perde importância (Eagleton, 1991):

> Não vejo quem − na direita ou na esquerda − poderia ter colocado este problema do poder. Pela direita, estava somente colocado em termos de constituição, de soberania, etc., portanto em termos jurídicos; e, pelo marxismo, em termos de aparelho do Estado. Ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas. Contentava-se em denunciá-lo no "outro", no adversário, de uma maneira ao mesmo tempo polêmica e global: o poder no socialismo soviético era chamado por seus adversários de totalitarismo; no capitalismo ocidental, era denunciado pelos marxistas como dominação de classe; mas a mecânica do poder nunca era analisada. Só se pôde começar a fazer este trabalho depois de 1968, isto é, a partir das lutas cotidianas e realizadas na base com aqueles que tinham que se debater nas malhas mais finas da rede do poder. Foi aí que apareceu a concretude do poder e ao mesmo tempo a fecundidade possível destas análises do poder, que tinham como objetivo dar conta destas coisas que até então tinham ficado à margem do campo da análise política. Para dizer as coisas mais simplesmente: o internamento psiquiátrico, a normalização mental dos indivíduos, as instituições penais têm, sem dúvida, uma importância muito limitada se se procura somente sua significação econômica. Em contrapartida, no funcionamento geral das engrenagens do poder, eles são, sem dúvida, essenciais. **Enquanto se colocava a questão do poder subordinando-o à instância econômica e ao sistema de interesse que garantia, se dava pouca importância a estes problemas.** (FOUCAULT, 2008, p. 5-6, grifo nosso).

[25] Professora na University of Bedfordshire, que possui trabalhos voltados para os estudos do discurso e as questões de gênero.

Na citação acima, de autoria de Foucault, vemos que há uma expansão do conceito de poder que descentraliza a questão econômica e descarta completamente ser a ideologia uma categoria relevante, polemizando nas entrelinhas com a perspectiva marxista. Isso fica claro, sobretudo, ao final da citação, momento em que Foucault estabelece uma tensão entre a concepção de poder com base na instância econômica e a sua própria concepção, que expande a abrangência dessa noção para aquilo que determinada visão economicista não teria dado muita importância.

Também neste capítulo de Fairclough há uma divisão da noção de poder importante para a elaboração de sua teoria discursiva, que busca estabelecer três formas da relação entre poder e discurso: poder no discurso (*power in discourse*), poder por trás do discurso (*power behind discourse*) e luta social no discurso (*social struggle in discourse*). Tais formas estão relacionadas às premissas das ACD faircloughiana que visam conjugar as teorias sociais a uma análise linguística meticulosa.

A noção de *poder no discurso* refere-se às interações desiguais e transculturais de dimensão face a face e ao poder do discurso midiático, que Fairclough relaciona a aspectos econômicos da organização da sociedade, identificando o produtor deste tipo de conteúdo como engendrado no processo de massificação do discurso, da transformação do discurso em *commodities* que o então consumidor interpreta.

A noção de *poder por trás do discurso* está relacionada à ordem do discurso faircloughiana[26], a qual tem origens na concepção de Foucault, ainda que reformulada. Além disso, ela se relaciona com as questões contextuais do processo de estandardização das línguas e a desigualdade de acesso aos discursos, o que revela uma adesão a uma perspectiva de poder muito próxima à noção fragmentária observada em Foucault, uma vez que assume que o poder pode existir nos mais diferentes tipos de relações que apresentem desigualdades. A título de ilustração, o exemplo dado na ocasião foi o da relação entre um médico e seu paciente, que geralmente possuem desigual acesso a determinados conhecimentos. Para sustentar essa discussão, o autor cita o conceito de capital cultural de Bourdieu, ao qual já havia se referido ao longo do mesmo capítulo, destacando a sua potencial contribuição quando comparado à noção de capital no sentido estritamente econômico. Apesar da analogia, o desenvolvimento deste conceito por Bourdieu, para o posicionamento que se constrói nessa dissertação, distancia-se da perspectiva marxista, uma vez que dá ênfase às trocas simbólicas da sociedade; é o que

[26] Nessa dissertação não nos aprofundaremos na concepção de ordem do discurso faircloughiana.

vemos em “Os três estados do capital cultural”. Em vez de buscar compreender as relações sociais a partir das relações de produção da sociedade capitalista, Bourdieu parte do simbólico para tentar explicar as relações sociais. Bourdieu também é questionado pela tradição marxista, o que ressoa na obra *Sobre o Estado*, em que ele expõe mais claramente seu posicionamento sobre a teoria marxista e busca se contrapor às críticas a ele dirigidas fundamentando uma oposição contundente ao que chama de economicismo:

> Os programas simples são perigosos: sucumbem muito facilmente a certa forma de economicismo. **Toda uma tradição marxista reduz o processo de acumulação à sua dimensão econômica, e a acumulação a uma acumulação de recursos materiais.** Por exemplo, diz-se que o Estado começa com a concentração de recursos que possibilitam uma redistribuição: mas pensa-se somente nos recursos econômicos. Ora, tudo o que eu disse dá a entender que há outra forma de acumulação — igualmente importante, senão mais — que possibilita a acumulação de recursos econômicos. (BOURDIEU, 2012, p.146, grifo nosso)

O prefácio dessa edição brasileira, redigida por Sérgio Miceli, leva o título de “Materialismo do simbólico”, e propõe, como indica o próprio título, que há um potencial materialista na perspectiva de Bourdieu, dando indícios de que sua obra apresentará um tom crítico em relação ao materialismo histórico-dialético marxista face à polêmica instituída entre os autores.

Para finalizar a discussão acerca da noção de poder por trás do discurso, cabe dizer que o que intencionamos com essas aproximações a Bourdieu é apresentar que existem limitações em sua identificação com Marx, e o fato de Fairclough recorrer ao autor francês, portanto, não é necessariamente indicativo de uma inclinação marxista, ainda que, ao mencionar o capital simbólico, ele reconheça, por exemplo, que há uma dominação de classe (o que Bourdieu também faz).

O tópico de *lutas sociais no discurso* aponta que o poder aparece em interações discursivas entre quaisquer indivíduos e grupos sociais. Essa compreensão secundariza a perspectiva de classe e, do ponto de vista marxista, é possível defender que o poder esteja fundamentalmente associado ao desenvolvimento histórico da estrutura econômica da sociedade, resultando em uma análise que se ocupa tanto das especificidades de diferentes grupos sociais quanto de seu percurso ao longo do desenvolvimento do sistema capitalista (que tende a se chocar com os objetivos da classe dominantes). Em outras palavras, a despeito de toda contribuição do pensamento pós-estruturalista para análise do poder manifesto na esfera microssocial, o recorte de classe mostra-se imprescindível em razão de sua capacidade de atravessar os demais tipos de opressão, sendo ainda o que

diretamente oferece possibilidades de reestruturar a sociedade capitalista e as relações sociais e econômicas desiguais impulsionadas pela opressão da classe dominante. Trata-se de uma crítica muito semelhante à contida no último trecho citado de Fairclough, ainda que seja difícil de apreendê-la no conjunto de sua obra, sobretudo em razão da multiplicidade de perspectivas diferentes (e, por vezes, conflitantes) das teorias sociais que são constantemente conjugadas.

3.2 Discourse and Social Change (1992)

No livro posterior, *Discourse and Social Change*[27], a contribuição de Marx é muito menos evidente e há, de certa forma, um rompimento abrupto com a forma como as proposições marxistas apareciam em sua obra anterior. As afirmações sobre poder em *Language and Power*, que demonstravam uma intenção de aproximação com a perspectiva marxista de poder – considerando que uma leitura estratificada dessa categoria deveria aparecer em segundo plano, visto que uma abordagem socioeconômica da sociedade deveria se sobrepor –, passam a estar associadas apenas a Foucault, atribuindo-se grande importância justamente às novas possibilidades de leitura do poder e de sua associação com a linguagem ensejadas pelo teórico francês:

> A teoria social em décadas recentes atribui à linguagem um lugar mais central na vida social (ver Thompson, 1984). Primeiro, na teoria marxista, Gramsci (1971) e Althusser (1971) enfatizam o significado da ideologia na reprodução social moderna, e outros como Pêcheux (1982) identificam o discurso como a forma material linguística preeminente da ideologia (ver no Capitulo 1, o item "Pêcheux"; entendo por 'reprodução' os mecanismos por meio dos quais as sociedades mantêm suas estruturas sociais e relações sociais ao longo do tempo). Segundo, Foucault (1979) ressalta a importância das tecnologias em formas modernas de poder e está claro que estas são exemplificadas centralmente na linguagem (ver, no Capitulo 2, o item "Da arqueologia a genealogia"). Terceiro, Habermas (1984) focaliza a colonização do 'mundo da vida' pelos 'sistemas' da economia e do Estado, que considera em termos de um deslocamento de usos 'comunicativos' da linguagem - orientados para produzir a compreensão - por usos 'estratégicos' da linguagem - orientados para o sucesso, para conseguir que as pessoas realizem coisas. (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], p. 24).

Dessa forma, a centralidade do pensamento marxista para a concepção de poder, que estava presente em seu primeiro livro, cede lugar a Foucault. O marxismo surge

[27] Foi consultada ao longo da pesquisa a edição brasileira: Fairclough, N. *Discurso e mudança social*. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Os trechos presentes nesta seção também foram retirados desta edição.

apenas em sua relação direta com a ideologia e na herança da perspectiva sobre hegemonia do marxista Gramsci. Contudo, como pudemos observar anteriormente, é fundamental para o debate contemporâneo entre os marxistas e os pós-estruturalistas as diferenças de compreensão do poder. Em *A ideologia alemã*, Marx e Engels propõem o poder como expressão da classe dominante sobre aqueles que não o detém:

> Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (MARX; ENGELS, [1845-1846] 2007, p. 48).

Apesar de a noção de poder marxista não se esgotar nessa discussão, uma vez que ela é abordada de maneira complexa ao longo de toda obra de Marx e Engels, é possível afirmar que está indispensavelmente relacionada à classe social: detém o poder quem detém os meios de produção material e intelectual. Por sua vez, como já tratamos aqui, Foucault dispensa o foco nas relações econômicas, as quais, porém, podem ser tomadas como essenciais para tratar não apenas das relações de classe, como também das reivindicações subjacentes de questões identitárias, que podem ser abarcadas por uma visão sistêmica, econômica e estrutural, que entenda no desenvolvimento histórico do capitalismo a produção e a reprodução das diferentes formas de opressão que revelam que, mais do que identitárias, elas estão no cerne do sistema capitalista. Na discussão do último livro de Fairclough que constitui o nosso corpus de pesquisa (*Analysing Discourse*, 2003), apontamos como uma crítica semelhante a essa surge embrionária em Marx e o quanto é possível desenvolver essas temáticas à luz do pensamento marxista[28].

Ainda em *Discourse and Social Change*, há um capítulo no qual Fairclough analisa detidamente concepções foucaultianas que, para ele, dialogam com os propósitos de sua ACD. Dentre as convergências percebidas, encontra-se a noção de poder:

> O trabalho de Foucault representa uma importante contribuição para uma teoria social do discurso em áreas como a relação entre discurso e poder, a construção discursiva de sujeitos sociais e do conhecimento e o funcionamento do discurso na mudança social. (FAIRCLOUGH, 2003 [1992], p. 62).

[28] Longe de ser uma novidade, isso já foi realizado por diversos autores, como Eric Williams (1944), Florestan Fernandes (1965), Heleieth Saffioti (1967), Étienne Balibar e Imannuel Wallerstein (1988), Nancy Fraser (2009), Alexandra Kollontai (2011), para citarmos alguns teóricos que caminharam entre as relações de raça e gênero respaldando-se em um aporte teórico marxista, tecendo críticas tenazes ao modo de produção capitalista e a forma como este contribui para a existência das desigualdades focalizadas em suas obras.

Cabe direcionar o olhar para o entendimento da ambiguidade do posicionamento de Fairclough acerca da noção de poder. Como podemos entender este movimento de assumir que a concepção foucaultiana pode ser problemática em alguns aspectos e, mesmo assim, apropriar-se dela no desenvolvimento da sua teoria social do discurso? Ao final do capítulo dedicado a Foucault, Fairclough aponta algumas de suas reservas em relação ao pensamento foucaultiano. Na primeira delas, ele aponta que a concepção gramsciana de poder é superior à de Foucault por associar-se à noção de hegemonia, o que evita desequilíbrios como uma visão unilateral sobre poder que retira o foco sobre a prática e a luta. Por prática, considerando que estamos partindo de uma abordagem ancorada na Análise Crítica do Discurso, Fairclough parece referir-se a uma concepção material de discurso, inclusive avaliando como confusa a noção de prática discursiva foucaultiana. O termo "confuso" usado por Fairclough é resultado de uma observação do caráter de abstração da realidade material contido em Foucault:

> Esses problemas parecem estar ligados à ausência de um conceito de prática nas análises de Foucault, abrangendo a ausência do texto e da análise textual. Por prática eu entendo os exemplos reais das pessoas que fazem, dizem ou escrevem coisas. **Foucault (1972), de fato, refere-se à prática, quando introduz o conceito de prática discursiva, mas ele define de forma confusa como regras que subjazem à prática real: uma prática discursiva é "um sistema de regras anônimas, históricas".** (p. 117). Em outras palavras, a prática é reduzida ao seu inverso, a estruturas, usando esse termo no lato sensu dos recursos que são subjacentes e necessários para a prática (tanto quanto são produtos dela) (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], p. 83, grifo nosso).

Assim, a prática social para Fairclough reconheceria as condições materiais de produção do discurso, por meio das quais, em contraposição ao anonimato pressuposto por Foucault, é possível reconhecer "as pessoas reais" por trás do seu desenvolvimento. Por fim, para Fairclough (2001 [1992], p. 83-84), essa ausência de um estudo sobre a prática em Foucault não possibilitaria um estudo sobre os mecanismos detalhados de transformação, o que a concepção de poder desenvolvida por Gramsci permitiria, por estar associada ao conceito de hegemonia e por considerar a produção do senso comum e as alianças que garantem a estabilidade do sistema capitalista. As suas objeções a Foucault também reconhecem como um efeito negativo o papel que o discurso assume na constituição dos sujeitos sociais, uma vez que na perspectiva pós-estruturalista estes seriam radicalmente moldados pelo discurso:

> Minha reserva final sobre Foucault relaciona-se a sua percepção valiosa das propriedades constitutivas do discurso. Embora eu aceite que tanto os objetos quanto os sujeitos sociais sejam moldados pelas práticas discursivas, eu desejaria insistir que essas práticas são constrangidas pelo fato de que são inevitavelmente localizadas dentro de uma realidade material, constituída, com objetos e sujeitos sociais pré-constituídos. Os processos constitutivos do discurso devem ser vistos, portanto, em termos de uma dialética, na qual o impacto da prática discursiva depende de como ela interage com a realidade pré-constituída. Com respeito aos objetos, talvez seja útil usar ambos os termos referência e significação: o discurso inclui referência a objetos pré-constituídos, tanto quanto a significação criativa e constitutiva dos objetos. **Aqui, de novo, as análises da prática real e do texto real são um corretivo importante ao exagero de Foucault sobre os efeitos constitutivos do discurso [...]** (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], p. 87, grifo nosso).

Neste sentido, Fairclough não adere plenamente à ideia foucaultiana de que o sujeito seja construído pelo discurso. Ele se mostra, mais uma vez, consciente de que existem limitações na perspectiva pós-estruturalista e dá indícios de que sua visão é distinta quanto à consideração da materialidade efetiva das práticas sociais, saindo em defesa de uma leitura dialética sobre o impacto do discurso na constituição dos objetos e sujeitos para corrigir o "exagero de Foucault". Além desse aspecto, a discussão presente no excerto tangencia a questão da resistência dos sujeitos. Uma vez que não se admite que os sujeitos são pré-construídos em relação ao discurso e, portanto, não estão demasiadamente submetidos a esta instância, pode-se considerar um nível maior de agência e potencial de transformação sobre as práticas tanto sociais, quanto discursivas. Assim, o sujeito faircloughiano mostra-se menos fragmentado e menos compelido pelo discurso do que sugere o pensamento pós-estruturalista. A despeito disso, uma das características das metanarrativas que é combatida pelo pensamento científico pós-moderno é a defesa por um sujeito racional e atuante, capaz de atingir a emancipação (Callinicos, 1991, p. 7). Neste ponto, Fairclough se aproxima muito da crítica marxista, mas sem abandonar completamente o referencial teórico foucaultiano.

3.3 Critical discourse analysis (1995)

Em *Critical discourse analysis*, Fairclough dá continuidade à sua exposição dos limites do pós-estruturalismo; em determinados momentos o autor recorre à bibliografia marxista para respaldar seu ponto de vista. É o caso da crítica ao abandono do conceito de ideologia na pós-modernidade:

> A more fundamental attack on ideology comes from post-structuralist and post-modernist theory. One line of argument here is that any form of ideological critique presupposes that the critic has privileged access to the truth, whereas any such claim to truth or knowledge is (as Nietzsche (1886/1990) argued) really just a coded 'will to power' (Foucault 1979). [...] Another line of attack comes from a different quarter. Baudrillard has argued that in postmodernity the distinction between image and reality has collapsed, so that we are living in a hyperreality where it is impossible for instance to separate the images of war on TV and the actual thing (Poster 1988, Norris 1992). Social life has emptied of meaning. Correspondingly, the concept of ideology, which presupposes a distinction between appearance and reality, is superseded. There is an element of truth in Baudrillard's analysis, but he has unjustifiably generalized tendencies in certain domains of social life as absolutes for social life as a whole (Eagleton 1991) (FAIRCLOUGH, 1995, p. 16 - 17)

A esta altura do presente trabalho, já sabemos que a ideologia é uma categoria fundamental da ACD faircloughiana. Com os trechos anteriores, no movimento de contrapor-se ao abandono dessa categoria de análise, o autor revela uma afinidade com a crítica marxista (citando Eagleton) e, por meio desta, busca respaldar a importância de que a análise ideológica, sendo assim denominada, ainda exista. Fairclough enxerga os dois momentos de ataque à noção de ideologia na pós-modernidade localizados principalmente em dois autores: Baudrillard, que é menos significativo em sua obra como um todo, e Foucault, que é basilar para o desenvolvimento de certos aspectos de sua teoria discursiva.

Um questionamento que nos cabe, então, é como enxergar a inclusão de Foucault (a qual está longe de se esgotar, pois é um referencial teórico que se mantém em seus trabalhos seguintes) e, ao mesmo tempo, a permanente crítica a este autor? Isso nos aponta que a postura que Fairclough assume não é de se posicionar radicalmente contra o pós-estruturalismo; afinal, ele considera que há contribuições na visão foucaultiana, o que pode ser depreendido em sua discussão sobre a noção de ordem do discurso, que parte do – mas não se limita ao – pensamento de Foucault.

Decorrente da presença do pensamento foucaultiano em Fairclough está a necessidade de nos apropriarmos de sua teoria discursiva de maneira consciente em relação aos entraves existentes entre as diferentes vertentes das ciências humanas (marxismo e pós-estruturalismo). Assim, podemos pensar detidamente como vamos inclui-lo em nossas pesquisas, os conflitos daí decorrentes e em que medida suas ideias correspondem ao nosso próprio posicionamento como pesquisadores.

Considerando que em *Critical discourse analysis* há uma permanência de aspectos da perspectiva marxista que aparecem em suas obras anteriores, recuperemos brevemente

a discussão sobre ideologia, a fim de dar continuidade à análise dessa categoria no livro em questão. Em sua primeira obra, ressaltamos que há uma compreensão de ideologia como o que é responsável por naturalizar e ocultar as práticas da classe dominante (muito próxima a de ideologia enquanto falsa consciência[29], sem expandir a compreensão do conceito e associando-o à noção de hegemonia e poder – poder, ideologia e hegemonia surgem, então, como conceitos dialeticamente relacionados). Tal visão, estritamente quanto à noção de ideologia, é mantida em *Discourse and Social Change*[30]. Já em *Critical discourse analysis*, além da permanência da relação entre poder, ideologia e hegemonia e do tom crítico ao abandono da ideologia pelo pós-estruturalismo que citamos anteriormente, o que irá distinguir sua compreensão sobre ideologia é uma marcada oposição à definição deste conceito como apenas uma forma de ver o mundo; Fairclough defenderá que a noção de ideologia estaria mais próxima a de falsa consciência, na medida em que cabe a uma teoria com postura crítica assumir o seu caráter pejorativo "como um meio pelo qual as formas de poder são reproduzidas"[31]. Nesse sentido, Fairclough defende compreender ideologia como aquilo que perpetua uma forma de dominação, com a pretensão de alinhar-se, como o próprio autor destaca em suas referências teóricas no trecho abaixo, à perspectiva de Marx e Engels:

> A more indirect way of attacking ideological critique is to use the concept of ideology in a neutral way, without its critical edge (Thompson 1990), as virtually synonymous with 'worldview', so that any group has its particular ideology corresponding to its interests and position in social life. What makes a theory critical is that it takes a 'pejorative' view of ideology as a means through which social relations of power are reproduced. Some critical theories

[29] Cabe ressaltar que ideologia enquanto falsa consciência não é a única leitura possível para o fenômeno ideológico do ponto de vista marxista e foi profundamente revisitada e reformulada ao longo dos anos, discussão que pode ser conferida em *Ideologia* (1997 [1991]), de Terry Eagleton, que faz um levantamento histórico da ocorrência desse significado de ideologia em diversos autores. No entanto, apesar das inúmeras restrições que Eagleton negocia para o uso da noção de ideologia enquanto falsa consciência, ele não defende que essa acepção seja completamente descartável: "Falsa consciência pode significar não que um conjunto de idéias seja realmente inverídico, mas que essas idéias são funcionais para a manutenção de um poder opressivo, e que aqueles que as defendem ignoram esse fato." (p. 35). O autor também se apoiará em Zizek (1989) em sua análise: "Ao que parece, a ideologia dominante já se conformou com o fato de que seremos céticos em relação a ela e, assim, reorganizou seus discursos de acordo com isso. O porta-voz do governo anuncia que não são verdadeiras as acusações de corrupção disseminada dentro do Conselho de Ministros; ninguém acredita nele; ele sabe que ninguém acredita nele, sabemos que ele sabe disso, e ele sabe que sabemos também. Enquanto isso, a corrupção prossegue — e é esse exatamente o ponto que Zizek opõe à conclusão de que a falsa consciência é, portanto, uma coisa do passado. Uma forma tradicional da crítica à ideologia admite que todas as práticas sociais são reais, mas que as crenças utilizadas para justificá-las são falsas ou ilusórias. Mas, segundo Zizek essa oposição pode ser invertida. Pois se a ideologia é ilusão, então é uma ilusão que estrutura nossas práticas sociais; e dessa maneira a "falsidade" está naquilo que fazemos, não necessariamente naquilo que dizemos." (p.47). Dessa forma, aceitaremos em Fairclough essa noção como uma herança do pensamento marxista, afinal o autor relaciona ideologia enquanto falsa consciência como àquilo que contribui para a manutenção da dominação, como podemos depreender a partir do trecho que será analisado a seguir.

[30] Essa permanência ocorre apesar do deslocamento em relação à noção de poder nesta obra e do foco na perspectiva foucaultiana de discurso. Podemos argumentar isso, porque, ao mesmo tempo, o autor mantém os referenciais teóricos marxistas que embasam as noções de ideologia e hegemonia.

[31] Definição utilizada por Fairclough no trecho a seguir.

> also stress ideology as falsification (or 'false consciousness', Marx and Engels 1976). In my view, particular representations and constructions of the world are instrumental (partly in discourse) and important in reproducing domination, they do call for investigation and critique, and the force and specificity of the concept of ideology has come from its deployment in the critique of these particular processes. If the concept of ideology is to be used, it should be used critically (FAIRCLOUGH, 1995, p. 17).

A análise que o autor articula nos dois trechos acima é muito semelhante à que Eagleton desenvolve em determinado momento do livro *Ideologia*. Nesta obra, Eagleton (1997) avalia que, na produção dos pós-estruturalistas e pós-modernistas, a noção de ideologia "evaporou"[32], sendo abandonada por completo em Foucault. Para justificar essa afirmação, o autor destaca três doutrinas da pós-modernidade que se voltaram a promover o descrédito do conceito de ideologia, as quais tangenciam os motivos apresentados por Fairclough no momento em que cita Eagleton: (1) a relativização da noção de verdade, (2) a herança nietzschiana para a concepção do saber e (3) o colapso da relação entre imagem e realidade[33] (Eagleton, 1997, p. 11). Existe, portanto, uma intersecção com a perspectiva marxista (da qual Eagleton faz parte) à sua teoria discursiva.

Essa influência intelectual de Eagleton também seguirá presente nas obras posteriores e, desde já, fundamentará a associação entre ideologia e poder na visão de Fairclough. Além disso, torna-se significativo que, ao defender a relação entre ideologia e poder na perspectiva marxista, Fairclough refute a flexibilização da noção de poder que há em Foucault, o que remonta à atenção que temos dispensado à tensão entre o marxismo e o pós-estruturalismo:

> In tying ideology to social relations of power, I am alluding to asymmetrical relations of power, to domination. Foucault's work in particular has popularized a different understanding of power as a ubiquitous property of the technologies which structure modern institutions, not possessed by or attached to any particular social class, stratum or group (Foucault 1979). My concern is that this sense of power has displaced the former, more traditional one, and more importantly has helped divert attention from the analysis of power asymmetries and relations of domination. An important objective for critical analysis is the elision of power/domination in theory and analysis. (FAIRCLOUGH, 1995, p. 17).

Fairclough explicita como um dos objetivos da análise crítica a supressão do poder enquanto relações de dominação, definição posta em tensão frente à perspectiva foucaultiana, aqui enfocada negativamente pela descentralização das questões de classe.

[32] O termo está em destaque, pois é o mesmo utilizado por Eagleton (1991, p. 11).
[33] Esta última que podemos entender como uma problemática relacionada à questão da representação, discutida detidamente na seção 2.1 desta dissertação.

Nesse trecho a tensão entre pós-estruturalismo e marxismo é explicitada, e Fairclough intenciona posicionar-se frente a ela fazendo críticas a Foucault e isolando uma das questões principais desse conflito.

É em continuidade à essa colocação que Fairclough lança mão do conceito de ideologia com a intenção de atribuir unidade à noção de poder (o que em Foucault não existe, à medida em que o poder para este autor é estratificado e a ideologia é um conceito que foi descartado), avaliando positivamente as contribuições da perspectiva marxista-gramsciana:

> If ideology is tied to power and domination, it has within the Marxist tradition more specifically been tied to class power and domination, including power exercised by the state on behalf of a dominant social class. Recent forms of Marxism which have emphasized (and in some cases over-emphasized) the ideological moment in social reproduction have conceptualized power in terms of Gramsci's concept of hegemony, which foregrounds the winning of consent in the exercise of power. There has also been a relative backgrounding of social class as the focus has shifted to the role of ideology in securing domination especially in gender relations, and in relations between cultural/ethnic groups. It is necessary to extend one's understanding of the role of ideology in this way, but I would stress that the concern in most analysis is with social relations of domination within a social system which is capitalist, and dominated by - but not reducible to - relations of class. I believe it is misleading to focus upon, for instance, gender relations (or for that matter class relations) without attention to their functioning within the social system (and therefore to how gender intersects with class, ethnicity, etc.) (FAIRCLOUGH, 1995, p. 17-18).

Por fim, a partir de considerações teóricas acerca da definição de poder somada à categoria de ideologia e hegemonia advindas sobremaneira do pensamento gramsciano, nesta obra o debate em relação às lutas sociais parece tentar ser resolvido por uma visão que defende que as questões de raça ou gênero devem ser analisadas como parte integrante do capitalismo, de modo que estariam, portanto, subordinadas à lógica de funcionamento deste sistema, visão semelhante a que constava predominantemente em sua primeira obra.

3.4 Discourse in Late Modernity (1999)

Outra obra fundamental para a discussão, uma vez que carrega consigo o posicionamento teórico do pensamento faircloughiano especificamente relacionado às problemáticas da pós-modernidade, é *Discourse in Late Modernity*, cuja autoria é compartilhada com Lilie Chouliaraki, professora de Mídia e Comunicação da London

School of Economic and Political Science, que desenvolve trabalhos sobre a espetacularização do sofrimento na representação de tragédias humanitárias.

No capítulo "Social life and critical social science", os autores discutem a noção de prática social, considerando as relações de poder que a intermedeiam. Primeiramente, ancora-se a noção em Althusser (1969) e Althusser e Balibar (1970), entendendo que cada prática pode, simultaneamente, articular as múltiplas posições sociais e seus efeitos determinantes na estruturação da sociedade, o que, segundo Hall (1996), relaciona-se às noções de base e de superestrutura marxistas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1995, p. 24). Nessa leitura, as práticas sociais seriam responsáveis, então, pela articulação entre base e superestrutura, e o que determinaria as práticas, por sua vez, seriam as relações de poder. Assim, como vimos também em outras de suas publicações, para Fairclough a concepção marxista parece não bastar, de modo que o autor recorre à perspectiva de poder pós-estruturalista (reconhecendo suas limitações e propondo mais claramente uma associação das visões marxista e foucaultiana):

> In this sense, we agree with the post-structuralism view that all social practice is embedded in networks of power relations, and potentially subordinates the social subjects that engage in it, even those with 'internal' power. At the same time, we believe that the view of modern power as invisible, self-regulating and inevitably subjecting ('bio-power', Foucault 1977) needs to be complemented with a view of power as domination i.e., a view of power that acknowledges the overdetermination between 'internal' and 'external' practices, and establishes causal links between institutional social practices and the positions of subjects in the wider social field. Otherwise, it can collapse into structural determinism and anti-humanism which leaves no space for agency in social practices (Fraser, 1989, Bourdieu and Wacquant 1992 47-8, Fowler 1997 on Bourdieu and Foucault, Bernstein 1990, 134) (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1995, p. 24).

No trecho acima, os autores destacam um aspecto importante acerca do poder no pós-estruturalismo: a visão moderna de poder[34] é "invisível, autoregulável e inevitalmentente sujeita", uma problematização que dialoga com a crítica marxista (Eagleton, 1998, p. 26; Jameson, 2009, p. 51-53; Callinicos, 1993, p. 107-112). Em contrapartida, em vista dessa problematização da noção de poder, Chouliaraki e Fairclough (1995, p. 24) sugerem um movimento de complementação da visão pós-estruturalista de poder com uma visão de poder enquanto dominação, mais próxima do marxismo, já que buscam considerar "as práticas sociais institucionais e as posições dos sujeitos no campo social mais amplo", indicando como uma consequência da visão de

[34] No trecho, tal noção está relacionada à discussão foucaultiana sobre "bio-poder".

poder pós-estruturalista justamente a falta de espaço de agência. Isso, para além de indicar uma proximidade com a visão marxista, remonta a uma crítica que aparecia de maneira muito semelhante em *Discourse and Social Change* (1992), quando da ressalva de Fairclough em relação às propriedades constitutivas do discurso em Foucault, que admitem o sujeito como um produto das práticas discursivas. [35]

É uma constante ao longo das publicações de Fairclough evidenciar as limitações da contribuição de Foucault e da corrente pós-estruturalista para a análise do poder, ao passo que, ainda assim, essa perspectiva é incorporada. É o que vimos acontecer com a noção de ideologia, por exemplo, a qual Fairclough assume na perspectiva marxista, reconhecendo as limitações do pós-estruturalismo quanto a abordagem (ou mesmo a ausência) deste conceito. Vimos isso também com a negação de Fairclough a uma compreensão radical do discurso como produtor da realidade.[36] E, apesar desses traços limitadores, Fairclough não descarta por completo o pensamento pós-estruturalista[37].

Em Chouliaraki e Fairclough (1995), há pouco sobre a importância do pensamento foucaultiano para a estruturação do pensamento pós-moderno quando dos momentos de crítica a este período, e isto é um tema relevante para a crítica marxista, que considera a pós-modernidade um fenômeno social e busca estudá-la desde uma perspectiva sociológica que dê conta de abordar suas problemáticas. Nesta obra, ao se pensar em conciliar visões, descarta-se o radicalismo de oposição ao pós-estruturalismo, o que surge como uma tônica na crítica marxista em Callinicos (1993), Eagleton (1991) e Jameson (1991).

Faço referência a um problema teórico que está relacionado a uma discussão fundamentalmente política, que implica conflitos por modos de ver a sociedade que muito influenciam as mobilizações sociais que surgem a partir de determinadas concepções da realidade. Callinicos (1993), na ocasião de nos apresentar a defesa que faz Paul Patton, professor de filosofia americano e membro do partido democrata, de Foucault e Deleuze, nos propõe uma síntese que evidencia o caráter evidentemente político desse debate:

> La defensa de Foucault y de Deleuze ofrecida por Patton pone de relieve las fuentes políticas de sus ideas: el rechazo, posterior a 1968, por parte de muchos de los intelectuales franceses de izquierda, de toda perspectiva de transformación social global, como reacción a las frustradas esperanzas revolucionarias y al surgimiento de los "nuevos movimientos sociales"

[35] Ver seção 3.2.
[36] Estes são temas discutidos detidamente no Capítulo 2 da presente dissertação.
[37] Como já vimos, o pensamento pós-estruturalista assume, na verdade, um caráter fundamental no pensamento do autor, implicando no surgimento de categorias, como a de *ordem do discurso*.

> (feministas, homosexuales, ecologistas, nacionalistas negros, etc.). Patton sostiene que la experiencia de estos movimientos muestra que "el cambio en las relaciones sociales existentes no necesariamente está mediado por la totalidad. Las condiciones que mantienen la opresión pueden ser modificadas fragmentariamente". Este juicio político resume la evolución de muchos de los miembros de la generación de 1968 en el transcurso de los años setentas, que comenzaron siendo militantes de grupúsculos revolucionarios, se dedicaron luego a campañas monotemáticas y de allí pasaron a la socialdemocracia, proceso que asumió una forma particularmente concentrada en Francia debido al colapso súbito y traumático del partido comunista francés bajo el impacto del partido socialista revivido por François Mitterrand. La denuncia del marxismo como filosofía del Gulag, presentada por los nouveaux philosophes exmaoístas en 1976-77, es un acontecimiento carente de toda importancia intelectual pero dotado de un alto contenido político, pues señala el paso de la intelectualidad francesa-marxista durante una generación a las filas de la socialdemocracia y del neoliberalismo (CALLINICOS, 1993, p. 110).

Essa crítica contextualiza o surgimento da perspectiva pós-estruturalista no pós-68, na França, oferecendo-nos uma leitura sobre quais acontecimentos políticos formaram um terreno prolífico para a consolidação de uma visão de poder fragmentada. Assim, tal discussão extrapola as paredes da academia e possui raízes no reconhecimento do fim de processos revolucionários e na adesão à visão social-democrata, marcada pelo princípio da conciliação de classes.

Há outros autores que poderiam sustentar essa oposição radical da noção de poder entre Marx e Foucault. Como exemplo, Terry Eagleton (1997 [1991]), que assim discute a noção de poder em Foucault:

> Segundo Michel Foucault e seus acólitos, o poder não é algo restringido a exércitos e parlamentos: é uma rede de forças bastante arraigada, intangível, que entremeia nossos gestos mais sutis e nossos mais íntimos enunciados. Nessa teoria, limitar uma ideia de poder a mais óbvia manifestação política seria em si uma mudança ideológica, obscurecendo suas operações, de caráter complexo e difuso. Pensar sobre como o poder permeia nossas relações pessoais e atividades rotineiras consiste em um ganho político precioso, como o feminismo, por exemplo, não tem sido lento em reconhecer; mas isso carrega um problema para o significado de ideologia. Porque se não há valores e crenças que não se conectam com o poder, então o termo ideologia ameaça se expandir para o ponto de fuga. Qualquer palavra que cubra tudo perde suas vantagens e desvanece em um som vazio. Para que um termo tenha significado, deve ser possível especificar o que, em determinadas circunstâncias, contaria como o outro dele - o que não significa necessariamente especificar algo que seria *sempre* e *em toda parte* o outro. Se o poder, como o próprio Todo-Poderoso, é onipresente, então a palavra ideologia deixa de destacar qualquer coisa em particular e se torna totalmente desinformativa - se qualquer parte do comportamento humano, incluindo a tortura, pudesse contar como um exemplo de compaixão, a compaixão se reduziria a um significante vazio. Fiel a essa lógica, Foucault e seus seguidores efetivamente abandonam completamente o conceito de ideologia, substituindo-o pelo termo mais amplo "discurso" (EAGLETON, 1997 [1991], p. 7-8) 18.

Eagleton aponta que Foucault abandona a noção de ideologia ao propor sua concepção de poder, que, na verdade, é substituída por uma noção mais abrangente de "discurso". Ou seja, a ideologia cede lugar ao discurso, repercutindo na visão de poder como algo que ocorre "sempre e em toda parte", não havendo uma preocupação em delimitar o que é a prática social e o que a prática discursiva.[38] Partindo desse ponto de vista, é relativamente difícil considerar que seja possível conciliar visões opostas como demonstram ser a de Marx e de Foucault. A saída que Fairclough apresenta para esse embate é reconhecer a importância da categoria de ideologia[39] (abdicada pelo pós-estruturalismo) e de hegemonia (de base marxista-gramsciana, que Fairclough admite enquanto "o que fundamenta o consentimento no exercício do poder"[40]), além de constantemente fazer ressalvas ao modo como ele incorpora a perspectiva pós-estruturalista na sua teoria discursiva, insistindo, por exemplo, no argumento de que a visão pós-estruturalista de poder necessita ser complementada ou na capacidade de agência do sujeito, que excede a compreensão de que ele seria resultado das práticas discursivas.

3.5 Analysing Discourse (2003)

Analysing Discourse se constitui com o objetivo de ser um aporte para as pesquisas em diferentes áreas das Ciências Humanas que se confrontem com questões relativas à linguagem, assim como também objetiva auxiliar estudantes e pesquisadores na área dos estudos da linguagem que estejam interessados em incorporar as teorias sociais em seus trabalhos. Nesta obra, além das noções centrais de poder e ideologia, destacaremos brevemente o posicionamento de Fairclough acerca da noção de dialética, o que nos parece central tendo em vista o objetivo da pesquisa de entender seu pensamento na tensão entre pós-estruturalismo e marxismo, aprofundando a compreensão de qual dessas correntes respalda seu entendimento sobre a dialética, conceito fundamental para o método marxista.

[38] Essas observações encontram um respaldo nas reflexões sobre hipótese marxista de inflação do discurso e na problemática da relação entre a prática material e a prática discursiva, ambas discutidas ao final do Capítulo 2 da presente dissertação.
[39] Noção que Fairclough admite enquanto um fenômeno que possui a função de naturalizar/manter/reproduzir as práticas da classe dominante (1989, p.27; 1992, p.7; 1995, p.16-17; 1999, p.24, 2003, p.9).
[40] Cf. Fairclough, Norman. *Critical Discourse Analysis*: The Critical Study of Language. Harlow: Longman, 1995: "Recent forms of Marxism which have emphasized (and in some cases over-emphasized) the ideological moment in social reproduction have conceptualized power in terms of Gramsci's concept of hegemony, which foregrounds the winning of consent in the exercise of power.".

No capítulo “Social, discourse and text analysis”, Fairclough utiliza como referencial teórico para discutir o caráter dialético do discurso as ideias de Foucault, considerando esse caráter dialético não como um elemento que Foucault tenha abordado diretamente, mas que teria sido desenvolvido em sua obra. Mais especificamente, Fairclough destacará em Foucault (1994, p. 318) o desenvolvimento de três eixos que estariam dialeticamente relacionados (relations of control over things, relations of action upon others e relations with oneself):

> Foucault (1994: 318) makes distinctions which are very similar to the three aspects of meaning, and he also suggests the dialectical character of the relationship between them (though he does not use the category of **dialectics**) […]. First, Foucault’s various formulations point to complexity within each of the three aspects of meaning (which correspond to Foucault’s three ‘axes’): Representation is to do with knowledge but also thereby ‘control over things’; Action is to do generally with relations with others, but also ‘action on others’, and power. Identification is to do with relations with oneself, ethics, and the ‘moral subject’ […] Secondly, although the three aspects of meaning need to be distinguished for analytical purposes and are in that sense different from one another, they are not *discrete*, not totally separate. I shall say, rather differently from Foucault, that they are dialectically related, i.e. there is a sense in which each ‘internalizes’ the others (Harvey, 1996a). (Fairclough, 2003, p. 28, grifos do autor)

Fairclough abre a discussão sobre dialética a partir dos três eixos de Foucault para, posteriormente, apresentar que sua perspectiva se diferencia da do filósofo francês exatamente por ser dialética, o que pode, em um primeiro momento, parecer contraditório. Porém, é possível dizer que Fairclough trabalha com termos que *asseveram* esse caráter dialético que ele observava em Foucault (“they are not *discrete*, not totally separate”) para acentuar a sua divergência em relação ao pensamento foucaultiano. Assim, mais uma vez, ele intenciona marcar uma proximidade com a perspectiva marxista, desenvolvendo, inclusive, um diálogo com as ideias do geógrafo marxista David Harvey, que dedica um capítulo da sua obra *Justice, Nature and the Geography of Difference* (1996) ao estudo da dialética do discurso.

Em *Analysing Discourse*, a discussão sobre a pós-modernidade também segue presente de maneira explícita na introdução, no tópico “Social research themes”. Nele, o autor anuncia que um dos temas abordados será o “**hybridity** or the blurring of social boundaries as a feature of what some social theorists call ‘postmodernity’”, citando Jameson (1991) e Harvey (1990) como referências (Fairclough, 2003, p. 7, grifo do autor). Logo, o hibridismo, categoria que é declaradamente em Fairclough uma contribuição das teorias sociais, é atribuído à noção de gênero discursivo faircloughiana

(Fairclough, 2003, p. 34), o que nos indica a forte influência dos autores citados acima sobre sua teoria discursiva:

> A number of social researchers and theorists have drawn attention to ways in which social boundaries are blurred in contemporary social life, and to the forms of 'hybridity' or mixing of social practices which results. This is widely seen for instance as a feature of 'postmodernity', which writers such as Jameson (1991) and Harvey (1990) view as the cultural facet of what I am calling new capitalism. One area of social life where hybridity has received particularly intense attention is media – the texts of mass media can be seen as instantiating the blurring of boundaries of various sorts: fact and fiction, news and entertainment, drama and documentary, and so forth (McLuhan 1964, Silverstone 1999). The analysis of interdiscursive hybridity in texts provides a potentially valuable resource for enhancing research based upon these perspectives, offering a level of detailed analysis which is not achievable within other methods. (FAIRCLOUGH, 2003, p.35)

Tal influência ocorre de modo que o olhar sobre os estudos do discurso é moldado por uma percepção crítica à pós-modernidade, quando da observação de que a categoria de hibridismo se aplica também aos fenômenos da linguagem. Essas reflexões podem se firmar a partir do excerto acima, no qual Fairclough exemplifica, a partir da linguagem midiática, como as transformações das relações na pós-modernidade implicam mudanças também nos textos produzidos.

Após considerarmos as permanências do conflito entre pós-estruturalismo e marxismo, vamos à análise da noção de poder. A noção de poder em *Analysing Discourse* aparece inicialmente constituindo o significado de ideologia:

> Ideologies are representations of aspects of the world which can be shown to contribute to establishing, maintaining and changing social relations of power, domination and exploitation. This 'critical' view of ideology, seeing it as a modality of power, contrasts with various 'descriptive' views of ideology as positions, attitudes, beliefs, perspectives, etc. of social groups without reference to relations of power and domination between such groups. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 9)

Mas, além de constituir o significado de ideologia, as relações de poder aparecem como traços distintivos de uma visão específica sobre a ideologia, que Fairclough denomina como uma visão crítica. Eagleton (1997 [1991], p. 16) destaca dois significados para esse complexo conceito: o primeiro diz respeito ao estudo da ideologia como uma ilusão, uma "falsa cognição", o que estaria bastante adequado para a perspectiva de ideologia como falsa consciência em *Language and Power*. O segundo diz respeito ao estudo da ideologia considerando a função que as ideias assumem na vida social.

Podemos argumentar que a visão de ideologia apresentada em *Analysing Discourse* adequa-se à segunda perspectiva identificada por Eagleton, uma vez que Fairclough define ideologia como o que contribui para manter ou alterar as relações de poder na sociedade, estabelecendo, assim, uma ligação entre a dinâmica de funcionamento da vida social e a ideologia. Ambos os casos enquadram-se em uma herança marxista, conforme observado por Eagleton. Algo que corrobora essa constatação é a fonte que Fairclough cita para essa visão do conceito de ideologia: *meanings in service of power*, formulação do teórico marxista Thompson (1990), que é o ponto de partida para relacionar ideologia e linguagem e para uma defesa que se demonstra central pra sua ACD: a defesa de que o texto pode ser considerado à luz de seus efeitos nas relações de poder (Fairclough, 2003, p. 9).

A força do caráter relacional que Fairclough atribuía à sua noção de dialética revela-se na maneira como ele aprofunda a relação entre ideologia e texto, o que, enquanto uma contribuição aos estudos da ACD, consideramos muito importante apontar:

> Moreover, if ideologies are primarily representations, they can nevertheless also be 'enacted' in ways of acting socially, and 'inculcated' in the identities of social agents. Ideologies can also have a durability and stability which transcends individual texts or bodies of texts – in terms of the distinctions […] they can be associated with discourses (as representations), with genres (as enactments), and with **styles** (as inculcations). (FAIRCLOUGH, 2003, p. 9, grifo do autor)

Nesse trecho, a noção de ideologia é associada às categorias de discurso, gênero e estilo, uma relação que é conduzida por uma tradição marxista de pensamento, uma vez que considera o efeito das ideologias sobre as relações sociais e ainda sua estabilidade e durabilidade (o que pode ser interpretado como uma abertura para a percepção histórica dos fenômenos sociais, a qual está no cerne do método de análise de Marx[41]).

[41] A defesa por uma visão historicizante dos processos sociais é, em Jameson (1996 [1991], p. 13-14), uma crítica contundente ao pensamento científico na pós-modernidade: "É mais seguro entender o conceito do pós-moderno como uma tentativa de pensar historicamente o presente em uma época que já esqueceu como pensar dessa maneira. Nessas condições, o conceito ou exprime (não importa se de modo distorcido) um irreprimível impulso histórico mais profundo ou efetivamente o reprime e desvia, dependendo de lado da ambiguidade nos colocamos.". Cabe ressaltar que Jameson (2008, p. 451) vê mesmo Foucault (um autor localizado entre os pós-estruturalistas que ressalta a perspectiva histórica em alguns de seus trabalhos, como é o caso dos tomos de *História da Sexualidade*) como um autor que propagou um distanciamento dessa perspectiva metodológica, junto a Deleuze e Guattari: "[...] the most systematic statement of the repudiation of historicism has been made by Foucault (in The Order of Things and The Archaeology of Knowledge), and the most systematic statement of the repudiation of interpretation is expressed in the Anti-Oedipus of Deleuze and Guattari". Ainda para Jameson (2008, p. 458), o método arqueológico de Foucault é que denota seu afastamento de uma perspectiva histórica, ao passo que, em seu cerne está, na verdade, a defesa por uma análise sincrônica, ainda que seja localizada no curso da história: "What must be added to both these affirmations is that such synchronic models do not discredit History in any absolute sense as an object of study and representation, but rather determine a new and original form of historiography, a structural permutation in the latter's narrative form or trope".

A obra *Analysing Discourse* ainda reflete o giro de Fairclough ao realismo crítico. Dentre suas menções ao poder nesta obra, uma autora citada é Margareth Archer, professora e pesquisadora acerca do realismo crítico, linha teórica que possui como fundador Roy Bhaskar, o qual também está presente entre suas referências. A filosofia de Bhaskar possui influência do marxismo, o que é analisado por diversos autores[42]. Neil Curry[43], por exemplo, argumentará que o Realismo Crítico aproxima-se de um pós-marxismo "que resiste à inversão pós-moderna" (2000, p. 97), o que ainda coloca essa proposta filosófica na esteira do pensamento marxista, uma proximidade que é relevante apontar, tendo em vista o tema dessa dissertação e a importância das ideias de Bhaskar em Fairclough.

A menção à categoria de poder a partir do Realismo Crítico surge para postular a ideia de que os agentes sociais são relativamente livres e possuem seu próprio "poder causal", no sentido de que têm muita liberdade de agir sobre os textos e os eventos sociais, um poder que não é redutível ao que possuem as práticas e as estruturas sociais. Isto pode indicar que Fairclough assume uma visão moderada acerca do determinismo das estruturas sociais e seus efeitos sobres os agentes sociais, uma vez que estes teriam a possibilidade de agir ao moldar os textos localizados em eventos sociais que se realizam sob coerções de práticas e de estruturas sociais:

> Social agents are not 'free' agents, they are socially constrained, but nor are their actions totally socially determined. Agents have their own 'causal powers' which are not reducible to the causal powers of social structures and practices (on this view of the relationship between **structure and agency**, see Archer 1995, 2000). Social agents texture texts, they set up relations between elements of texts. There are structural constraints on this process – for instance, the grammar of a language makes some combinations and orderings of grammatical forms possible but not others (e.g. 'but book the' is not an English sentence); and if the social event is an interview, there are genre conventions for how the talk should be organized. But this still leaves social agents with a great deal of freedom in texturing texts. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22, grifo nosso)

Partindo do que pode ser identificado como uma visão determinista moderada, ainda que recorrendo ao realismo crítico, e não mais diretamente trazendo Marx para dialogar com suas proposições, podemos interpretar que Fairclough infere uma participação ativa dos sujeitos nos eventos sociais (bem como nos textos produzidos nestes eventos), de modo que os agentes sociais não devem, portanto, ser considerados

[42] Cf. Brown, A., Fleetwood, S., Roberts, J. (Eds.). Critical Realism and Marxism. London: Routledge, 2002.
[43] Professor da University of Brighton.

como um mero produto do discurso, mas sim potenciais produtores por meio de suas práticas. Essa visão é reforçada à medida que reconhecemos o uso do termo agência em seus trabalhos, o qual não é uma herança de Foucault (que também utiliza amplamente este termo), o que fica claro a partir das citações a Archer no excerto acima. Para além de uma questão meramente terminológica, queremos fixar que o realismo crítico se opõe às as proposições teóricas da pós-modernidade[44] e às contribuições desta corrente a uma perspectiva construtivista social que, na sua versão mais radical, ignora que a realidade preexista ao discurso.

Ciente dessa crítica ao construtivismo e apresentando uma visão determinista moderada, Fairclough é firme ao se opor ao construtivismo radical:

> Contemporary social science has been widely influenced by 'social constructivism' – the claim that the (social) world is socially constructed. Many theories of social constructivism emphasize the role of texts (language, discourse) in the construction of the social world. These theories tend to be idealist rather than realist. A realist would argue that although aspects of the social world such as social institutions are ultimately socially constructed, once constructed they are realities which affect and limit the textual (or 'discursive') construction of the social. We need to distinguish 'construction' from 'construal', which social constructivists do not: we may textually construe (represent, imagine, etc.) the social world in particular ways, but whether our representations or construals have the effect of changing its construction depends upon various contextual factors – including the way social reality already is, who is construing it, and so forth. So we can accept a moderate version of the claim that the social world is textually constructed, but not an extreme version (Sayer, 2000). (FAIRCLOUGH, 2003, p. 8).

Archer (2000, p. 54) entende o construtivismo social como uma perspectiva que cresceu sob a égide da pós-modernidade, e Fairclough, ao incorporar o realismo crítico, faz uso não apenas de categorias provenientes dessa corrente da filosofia, como também solidifica sua própria perspectiva crítica à pós-modernidade, de maneira distinta à que realiza em seu primeiro livro[45]. Existe, portanto, um deslocamento da crítica que se enunciava priorizando a perspectiva de classe, ou seja, recortando tematicamente o objeto de crítica de sua ACD, para uma crítica que se propõe mais direcionada à concepção de que a realidade é produzida pelo discurso.

Nesse processo de transformação da sua teoria discursiva, é possível dizer, então, que, primeiramente, Fairclough incorpora uma perspectiva de poder que propõe uma

[44] Ver referência a Neil Curry (2000, p. 97), que trouxemos anteriormente.
[45] Naquele momento, claramente influenciado pelo marxismo, pressionando uma polarização entre a luta de classe e os outros tipos de lutas sociais (ainda que com uma visão fugidia pelas apreciações concomitantes de Foucault, como um prenúncio da conciliação que viria a tomar corpo em suas demais obras).

hierarquização temática (secundarizando os demais recortes, tratando apenas da questão de classe), buscando aos poucos flexibilizar essa compreensão a partir da admissão da perspectiva fragmentária de poder do pós-estruturalismo na tentativa de resolver o impasse entre marxismo e pós-estruturalismo. No entanto, nessa dissertação, já vimos com Eagleton (1996 [1991], p.21) que a crítica marxista não precisa recorrer a essa estratégia de hierarquizar as lutas sociais, o que nos possibilita considerar que Fairclough tenha construído parte de sua visão sobre poder com base em uma polêmica não necessariamente central. Assim, falta uma visão totalizante, que conjugue um recorte temático que priorize a compreensão de que o capitalismo assevera as diferentes formas de opressão e que proponha uma crítica tenaz à ideia de que o discurso seja o produtor da realidade, e não a estrutura socioeconômica da sociedade localizada no plano do desenvolvimento histórico do sistema capitalista. Essa é a principal forma, do ponto de vista da crítica marxista, de confrontar o capitalismo, o que não significa abandonar a reivindicação dos diversos movimentos sociais que se formaram e se consolidaram nos séculos XX e XXI em oposição à ideia de movimento operário que vigorava no século XIX e ainda no XX, mas sim de realocá-los na perspectiva da luta proletária ao enfrentar um inimigo comum.

Em *Ideologia Alemã*, por exemplo, Marx esboça uma crítica ao patriarcalismo e à escravidão a partir das fases de desenvolvimento da divisão do trabalho, a qual seria responsável por caracterizar as relações sociais em determinada sociedade:

> A divisão do trabalho no interior de uma nação leva, inicialmente, à separação entre o trabalho industrial e comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, e, com isso, à separação da cidade e do campo e à oposição entre os interesses de ambos. Seu desenvolvimento posterior leva à separação entre trabalho comercial e [trabalho] industrial. Ao mesmo tempo, por meio da divisão do trabalho no interior desses diferentes ramos, desenvolvem-se diferentes subdivisões entre os indivíduos que cooperam em determinados trabalhos. A posição dessas diferentes subdivisões umas em relação às outras é condicionada pelo modo como são exercidos os trabalhos agrícola, industrial e comercial (patriarcalismo, escravidão, estamentos, classes). As mesmas condições mostram-se no desenvolvimento do intercâmbio entre as diferentes nações.
>
> As diferentes fases de desenvolvimento da divisão do trabalho significam outras tantas formas diferentes da propriedade; quer dizer, cada nova fase da divisão do trabalho determina também as relações dos indivíduos uns com os outros no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho. (MARX, 2007 [1845-46], p. 89)

Em um momento anterior na mesma obra, Marx discute a correlação entre a divisão do trabalho e a propriedade privada, apontando que a dominação do homem sobre

a mulher e os filhos ocorre em função dessa lógica da propriedade, que ordena a divisão do trabalho:

> Com a divisão do trabalho, na qual todas essas contradições estão dadas e que, por sua vez, se baseia na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em diversas famílias opostas umas às outras, estão dadas ao mesmo tempo a distribuição e, mais precisamente, a distribuição *desigual*, tanto quantitativa quanto qualitativamente, do trabalho e de seus produtos; portanto, está dada a propriedade, que já tem seu embrião, sua primeira forma, na família, onde a mulher e os filhos são escravos do homem. A escravidão na família, ainda latente e rústica, é a primeira propriedade, que aqui, diga-se de passagem, corresponde já à definição dos economistas modernos, segundo a qual a propriedade é o poder de dispor da força de trabalho alheia. Além do mais, divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas – numa é dito com relação à própria atividade aquilo que, noutra, é dito com relação ao produto da atividade. (MARX, 2007 [1845-46], p. 89)

Destacamos, portanto, que, do ponto de vista marxista, os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos estão subordinados ao desenvolvimento histórico e econômico da sociedade, que determinam as formas e os tipos de relações sociais. Ainda que uma crítica à condição da mulher ou à escravidão já vigente nos países colonizados não tenha sido o foco de Marx, esses tópicos podem ser desenvolvidos no horizonte da perspectiva marxista, inclusive considerando que o próprio autor já os apresenta de forma embrionária[46]. Julgamos que essa maneira de conjugar os interesses de grupos sociais aparentemente diferentes e isolados possibilita um ponto de vista totalizante (ao qual tanto nos referimos ao longo deste trabalho), que possibilite não dispersar as lutas sociais, mas sim canalizá-las enquanto uma força única contra o avanço do sistema capitalista.

3.6 Resgate crítico

Este capítulo centrou-se em analisar as categorias de poder e de ideologia no horizonte das teorias sociais utilizadas por Norman Fairclough sob a ótica da tensão entre marxismo e pós-estruturalismo. Ao longo da explanação, tornou-se um imperativo passar por outras categorias, como dialética e hegemonia, na medida em que se mostravam estreitamente ligadas ao objetivo inicial apresentado.

Quanto ao posicionamento de Fairclough em relação às duas correntes de pensamento citadas acima, a análise demonstrou haver uma complexa movimentação ao longo de suas publicações. Esses deslocamentos abrangem um momento inicial em que o

[46] Ver Nota 8, onde destaco autores que desenvolveram trabalhos neste horizonte crítico.

autor apresentava uma perspectiva marxista polêmica[47], mobilizando a noção de poder quanto à centralidade da luta de classe em detrimento da luta de demais grupos sociais, vista também como necessária, mas secundarizada. Ao distanciar-se desse posicionamento sobre poder, o autor passa a defender uma perspectiva conciliatória entre o marxismo e outras teorias sociais em certa medida conflitantes, como é o caso do pós-estruturalismo, cujo principal representante (tanto na obra de Fairclough, quanto, de maneira mais ampla, para a pós-modernidade) é Foucault.

Justificamos essa constatação com base na associação à perspectiva marxista que se encontra de maneira evidente já em *Language and Power*, quando o autor alega o seguinte: "class relations define the nature of the society, and have a fundamental and pervasive influence on all aspects of the society", contrapondo-se na sequência à ideia de os recortes de gênero e raça possam ser vistos como paralelos à questão de classes. É um debate sensível, e uma alegação que pode ser compreendida como um apagamento dos demais tipos de opressão ou mesmo uma homogeneização das lutas sociais. No entanto, considerando o cotexto em que essa alegação está localizada, temos já indícios de uma visão, na verdade, conciliatória, de modo que o autor demonstra apreço pelas concepções foucaultianas de relativização do poder, uma referência que ganhará força tanto em *Language and Power* (no desenvolvimento dos conceitos de *poder no discurso, poder por trás do discurso* e *lutas sociais no discurso*) quanto ao longo de suas demais obras, apartando-se gradualmente de uma abordagem marxista de poder.

Dado que nos interessa entender a ACD faircloughiana na corda tesa do embate entre o marxismo e o pós-estruturalismo, o fato de Foucault ser uma constante em sua obra é algo a se destacar, porque mais do que a questão da estratificação do poder, ganhou corpo ao longo desta pesquisa uma crítica à constituição do pensamento pós-estruturalista e seu caráter relativamente idealista – conforme debatemos no capítulo 2 –, leitura que influenciou diretamente a escrita do capítulo 3. É nesse sentido que anteriormente apontamos que há um grau de distorção do marxismo quando Fairclough menciona a priorização do recorte de classes; este debate, como afirma Eagleton, não deve ser necessariamente uma questão central:

> Entretanto, na esquerda política, existem aqueles que ficam apreensivos com toda essa questão de decidir entre o mais e o menos central. Não será apenas uma tentativa sub-reptícia de marginalizar certas lutas de poder que foram

[47] Ver menção a Eagleton (1991, p.21) que surge logo na sequência, em que discutimos acerca da escolha inicial de Fairclough pela hierarquização das lutas sociais.

> indevidamente negligenciadas? Será que realmente queremos traçar uma hierarquia de tais conflitos, reproduzindo assim um hábito de pensar tipicamente conservador? (EAGLETON, 1996 [1991], p. 21)

Nesse sentido, parece mais produtivo para uma discussão como a que esta pesquisa se propõe (que não é apenas teórica, como também política) denotar o afastamento da perspectiva materialista histórico-dialética que há no pensamento pós-estruturalista na medida em que este compreende o discurso como produtor da realidade. Isso, para o posicionamento que aqui busca se construir, dificulta o processo de compreensão das estratégias de transformação social que não estejam localizadas no discurso ou se realizem pelo discurso, ou seja, é preciso que se pergunte mais quais são as práticas efetivas (e seu lugar na ordem econômica) que contribuem para a manutenção das relações de poder, tal como elas se apresentam no capitalismo. Além disso, o alto grau de relativização da noção de poder difundida pelas teorias pós-estruturalistas dificulta que se possa identificar o foco da luta anticapitalista, fazendo parecer cada vez mais utópica qualquer possibilidade de desarticulação desse sistema socioeconômico.

Apesar da intenção de transformação social da ACD, é central em Fairclough, principalmente desde *Discourse and Social Change*, a concepção foucaultiana de discurso. Nesta obra, o autor analisa detidamente essa abordagem, demonstrando haver grande influência de Foucault em sua teoria discursiva sobretudo no que tange à concepção de poder, o que fica claro quando Fairclough faz uma análise do "poder moderno" com base em Foucault para sugerir "que o discurso e a linguagem são de importância central nos processos sociais da sociedade moderna" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 76). Mas, como temos argumentado, tal centralidade deve ser vista com cautela, uma vez que ela própria pode ser compreendida como um vestígio da predominância da interpretação pós-estruturalista dos fenômenos sociais.

Em *Discourse in Late Modernity*, Fairclough, junto a Chouliaraki, demonstra estar ciente de que existe uma tensão entre as perspectivas marxista e pós-estruturalista, as quais surgiam paralelamente desde sua primeira obra. Aliás, *Discourse in Late Modernity* surge em um contexto no qual um embate entre essas correntes já existia. Como exemplo, podemos citar o artigo "Merely cultural", de Judith Butler, no qual a pesquisadora se posiciona frente a críticas marxistas contrárias ao pensamento pós-estruturalista. É datada desta época também boa parte das obras marxistas que utilizamos como referência ao longo da dissertação (referimo-nos aqui a estes autores dos anos 1990 que produziram uma vasta contribuição para se pensar o marxismo frente ao fenômeno da pós-

modernidade, como Jameson, Callinicos, Eagleton e Anderson). Fairclough, no desenvolvimento de sua ACD, acompanha este debate e propõe-se a valorizar as contribuições de ambas as correntes de pensamento, afastando-se de uma visão mais radical que parecia haver em seu primeiro livro quando da priorização das questões de classe, abrindo margem para interpretações de seu pensamento como "economicista", tal como frequentemente o marxismo é também acusado de ser. Assim, *Discourse in Late Modernity*, que se propõe a pensar a pós-modernidade de maneira principal, traz o posicionamento de Fairclough e Chouliaraki frente a este embate que se tornou tão relevante nas ciências humanas, mas um posicionamento de natureza conciliatória.

É importante notar que, mesmo estando essas correntes de pensamento em pleno debate, a posição conciliatória de Fairclough pode ser explicada pelo quão crescente foi, ao mesmo tempo, uma resposta cada vez menos radical para o impasse no âmbito político. Não por acaso, os anos 1990 marcaram um período de dissolução completa da União Soviética, posterior à queda do muro de Berlim, promulgando não apenas o fim das utopias, como também a emergência de lideranças políticas progressistas, que possuíam em seus discursos não mais a efervescência da luta de classes, mas uma proposta de conciliação dos interesses da burguesia e do proletariado, com propostas reformistas que incorporaram enormemente em suas pautas as políticas identitárias que emergiram a partir da perspectiva pós-estruturalista; era a vez da *inclusão* de certas demandas sociais no sistema capitalista, mas sem previsão alguma de realizar ações que se propusessem a derrubar essa ordem econômica, tirando de campo tanto o discurso quanto a prática revolucionários. Dessa forma, a crítica marxista mostra-se como uma resistência, produzindo, ainda que na esfera acadêmica, um conteúdo que buscava dizer o contrário da tônica dos tempos identificados por alguns como pós-modernos.

Por fim, *Analysing Discourse* sintetiza possíveis contribuições da teoria do discurso desenvolvida por Fairclough aos estudos discursivos, bem como aos estudos sociológicos que se proponham a trabalhar com a dimensão do discurso. Neste livro, de caráter bastante didático pela sua intenção de expor os parâmetros de análise da ACD faircloughiana a pesquisadores de diferentes áreas, o marxismo torna-se ainda menos presente, de modo que, em seu lugar, surge o realismo crítico, uma corrente de estudos que, em Fairclough, parece ser apreendida como um contraponto ao pós-estruturalismo, mais especificamente na relação entre discurso e realidade. Como argumentado no item 3.5, o realismo crítico rejeita uma abordagem construtivista radical da realidade como aquilo que é produzido pelo discurso. No entanto, uma novidade é a atenção dispensada

por Fairclough à dialética do discurso, que surge marcando a relação entre os diferentes componentes que constituem essa noção, de modo que vemos a dialética do discurso imersa na noção de ordem do discurso, ou seja, estreitamente relacionada ao pensamento foucaultiano. Ao tratar das práticas sociais, Fairclough aborda a dialética a partir de Harvey (cf. Fairclough, 2003, p. 25), mas não se aprofunda em uma perspectiva marxista da noção, o que pode causar um certo estranhamento acerca da centralidade que a dialética possui no artigo "Marx as a critical discourse analyst", uma vez que o conceito aparece pouco localizado no pensamento marxista ao longo de sua obra.

Poder e ideologia em *Analysing Discourse* são categorias cujos contornos são mais difíceis de delinear, na medida em que o poder passa a ser visto como aquilo que pode ser estabilizado, mantido ou modificado pela ideologia. Em resumo, e utilizando as palavras de Fairclough, a ideologia passa a ser vista como uma "modalidade do poder", o que autor considera ser uma visão crítica do termo, visto que não a compreende apenas como diferentes formas de ver o mundo. Com base em Eagleton (1997), argumentamos que essa perspectiva de ideologia pode ser avaliada como uma herança marxista em razão dessa compreensão de ideologia como o que está a serviço do poder, o que ocorre em Fairclough sobretudo pelo resgate de uma contribuição thompsoniana de ideologia como *meaning in service of power* (Thompson, 1990, p. 7). Posteriormente, Fairclough associa o conceito de ideologia à noção de ordem do discurso, o que marca uma diferença importante em relação ao desenvolvimento dessa noção em Foucault, visto que a ideologia é uma categoria dispensada no desenvolvimento teórico foucaultiano. É importante ressaltarmos também o quanto a discussão sobre poder, em determinados momentos[48], resultou na visão de um sujeito menos fragmentado que o sujeito pós-estruturalista, um sujeito menos compelido pelas práticas discursivas e com maior potencial de agência.

Após este panorama comparativo, é possível considerar que a trajetória teórica de Fairclough é marcada por um constante diálogo com a obra foucaultiana, ainda que pontualmente perpassada por uma visão marxista, como a que está reiteradamente presente na discussão sobre ideologia ou nas ressalvas a Foucault quanto ao papel do discurso na construção da realidade. Dessa forma, por não haver uma oposição radical entre marxismo e pós-estruturalismo em sua obra, caminhamos para a compreensão de que há um movimento crescente de conciliação entre essas correntes, o que fica explícito

[48] Ver seção 3.2.

em *Discourse in Late Modernity*, obra na qual o autor propõe claramente uma relação de complementaridade ao argumentar sobre a hierarquia das lutas socais.

De maneira geral, a partir da análise das categorias de poder e ideologia nas cinco obras selecionadas, pode-se concluir que Fairclough apresenta uma visão moderada tanto em relação ao pós-estruturalismo quanto ao marxismo, incorporando elementos de ambas as correntes de pensamento e mostrando-se cada vez mais ciente das tensões que existem entre elas.

Por fim, torna-se relevante apontar que não parece mais haver um movimento de conciliação em Fairclough se consideramos a publicação de "Marx as a critical discourse analyst" (2002)[49], que busca assemelhar a ACD ao método crítico marxista, e, principalmente, quando das colocações mais atuais de Fairclough sobre a necessidade de uma postura mais radical da ACD, afim de que essa possa efetivamente contribuir com a transformação social, que deve ser também radical (Fairclough, 2018, p.15)[50].

[49] Ainda que este artigo tenha sido publicado um ano antes de *Analysing Discourse*, é compreensível que tal questão não aparecesse neste livro pelo seu caráter didático, que está mais preocupado em oferecer um suporte a diferentes pesquisas que estejam lidando com a dimensão do discurso do que fundar novos conceitos e expor os posicionamentos da ACD faircloughiana diante de determinada polêmica.

[50] Vamos nos ater ao caráter político dessa discussão logo a seguir, nas Considerações finais, uma vez que ele extrapola os objetivos desse capítulo.

Considerações finais: limites da convivência entre Marx e Foucault no interior de uma teoria discursiva

> Não nos surpreenderia, portanto, num tempo como esse, ver a esquerda política obcecada pela epistemologia, embora só mesmo um cínico pudesse suspeitar que esse fascínio mórbido se constituísse uma forma de desvio político. Questionar se o significante produz o significado ou vice-versa, embora sem dúvida seja importante, não foi bem o que tomou de assalto o Winter Palace ou derrubou o governo de Heath. Mas sempre existem condições políticas para esse desvio político. Quando um movimento radical vem fazendo progressos, há grandes chances de sua prática estar condicionando diretamente sua epistemologia. Em tempos assim, não é necessária nenhuma teoria esotérica para se reconhecer que o mundo material é no mínimo real o bastante para se agir sobre ele e alterá-lo; ou que ele é também, na maior parte do tempo, fechado e autônomo o suficiente para resistir às intenções dos outros em relação a ele; ou que nossas doutrinas teóricas ou desejos políticos talvez precisem submeter-se a uma remodelação para se adaptarem às suas demandas imperiosas.
>
> (Terry Eagleton, *As ilusões do pós-modernismo*, 1996 [1991], p. 18)

O excerto de Eagleton exposto acima poder ser lido como um questionamento o caráter fundamentalmente epistemológico dessa dissertação, afinal, o que realizamos são análises da obra de Fairclough partindo de um referencial teórico marxista e problematizando a influência de determinado pensamento pós-moderno, mais especificamente a forte presença foucaultiana na obra do autor britânico. Discuto[51], assim, questões relativas ao significante como produtor do significado, utilizando, inclusive, a própria obra de Eagleton como base[52]. No entanto, sua fala abre olhos para a importância de tratar dos *limites* de uma análise como a que me propus realizar, que de fato se chocam com a importância dos acontecimentos políticos atuais: a crise do capitalismo e sua decorrente ascensão de diversos regimes de extrema direita ao redor do mundo que sobem ao poder para sustentar o vigor que ainda resta a este sistema econômico. A direita possui um programa político que está atento a estes momentos emergenciais do sistema, colocando em prática medidas econômicas que vão incidir de maneira severa sobre a vida da classe trabalhadora, com reformas trabalhistas e previdenciárias e políticas de privatização que tendem a assolar principalmente os países subdesenvolvidos, os quais estão em condição de apenas obedecer aos mandos e desmandos dos países centrais, ou, então, insubordinar-se, uma hipótese que perdeu sua força ao longos dos anos em razão de uma crescente atmosfera de pessimismo, a qual, conforme vimos no primeiro capítulo,

[51] O uso da 1ª pessoa do singular surge neste capítulo pelo seu caráter ensaístico. Neste caso, meu posicionamento assume contornos de crítica de maneira explícita.
[52] Ver seção 2.1.

pode ser associada ao desenvolvimento do pensamento pós-moderno, em razão de seu caráter fragmentário, que dispersa as luta sociais, tornando a superação do capitalismo uma ideia meramente utópica, além da supressão teórica da ideologia e a alegação do "fim do homem", ideias presentes na obra de um dos maiores representantes do pós-estruturalismo: Michel Foucault.

Assim, apesar de esta pesquisa não tocar central e efetivamente nas decisões políticas, na condição do trabalhador, nas estratégias políticas da direita no Brasil ou numa possível ausência de um programa político de esquerda capaz de desarticular o atual governo, considero que sua tímida contribuição está em evidenciar que a dimensão que a análise do discurso alcançou nos últimos tempos está relacionada à emergência das teorias pós-modernas em um contexto histórico-social de transformações do sistema capitalista muito específicas. Nesse sentido, a colocação de Eagleton no início desse capítulo, na verdade, acaba nos sendo consonante, uma vez que ele aponta que as condições políticas influenciam determinada epistemologia, e essa pesquisa talvez não tivesse existido se eu não me questionasse a respeito de como a ACD faircloughiana dialoga com a realidade social e qual a base de sua compreensão de transformação social. Ou ainda, se eu não me questionasse a respeito de como a minha atividade como analista crítica do discurso dialoga com a desigualdade que assola o mundo e com os princípios socialistas que considero potencialmente capazes de levar a cabo uma transformação social.

O marxismo moderado de Fairclough

Dentre os autores de ACD, Fairclough é um dos mais conhecidos no Brasil, mas o que realmente motivou um estudo de sua produção foi a possibilidade de identificar, desde *Language and Power*, certa influência marxista. A forma como Fairclough compreende a estrutura social, por exemplo, está respaldada nos estudos marxistas; o autor assume que vivemos uma sociedade dividida entre classe dominante e classe dominada e, assim, dá centralidade para a leitura de que ainda vivemos sob uma luta de classes, o que não é uma questão menor quando se está realizando um estudo sobre as teorias sociais que fundamentam sua teoria social do discurso. Ocorre que, já nessa obra, enuncia-se uma tensão entre o marxismo e o pós-estruturalismo a partir do momento em que surge uma leitura de poder baseada em Foucault, sugerindo um impasse: nem todas

as formas de luta estão baseadas no princípio de classe, pois torna-se relevante também tratar de questões como gênero, raça e sexualidade.

Fairclough explicita essa tensão e passa a argumentar em torno da centralidade da luta de classes em relação às demais lutas, o que, no entanto, não parece ser um debate sobre o qual a esquerda deva se debruçar desta forma, hierarquizando as lutas sociais, uma luz que Eagleton nos oferece. A questão, conforme Eagleton argumenta, não é tratar do que é mais ou menos central neste caso. Eagleton (1996 [1991], p. 21) problematiza a centralidade dessa discussão, considerando que houve, sim, uma negligência em torno das demandas de determinados grupos sociais, de modo que promover uma hierarquia entre temas seria reproduzir uma postura que ele considera até mesmo conservadora[53]. O percurso dessa pesquisa mesmo parece apontar mais para questionar *como* são discutidos esses diferentes recortes: a perspectiva pós-estruturalista, desde Foucault, tende a considerar estas questões com base no ideal regulatório, uma repetição de normas, que coloca a realidade material como um produto de uma reprodução de discursos que são normativizados. Uma consequência desse movimento do pensamento pós-estruturalista é justamente a centralidade que o discurso adquire ao longo do tempo, o que foi observado pelos autores marxistas que utilizamos em nosso trabalho[54]. Reside, neste ponto, uma possibilidade de nos desvencilharmos da ideia de sustentar uma hierarquia entre os problemas sociais, expandindo a discussão para algo muito importante para o marxismo: as implicações negativas do pensamento pós-estruturalista que se assemelham às premissas de um idealismo filosófico, algo como o que foi o ponto de partida para o surgimento do materialismo histórico-dialético, que se fez pela oposição de Marx e Engels ao idealismo hegeliano.

Por outro lado, essa hierarquização entre a luta de classes e as lutas identitárias é um tema inerente ao debate entre o marxismo e a pós-modernidade, uma vez que um dos principais argumentos da crítica marxista é de que a fragmentação das lutas sociais surge especificamente neste momento da história. As implicações dessa fragmentação[55] seriam as profundas alterações no modo como se organizavam as lutas sociais anteriormente a esse período, quando se podia notar o protagonismo do movimento operário, em detrimento da dispersão das lutas advindas com os novos movimentos sociais. Deve-se enfrentar essa discussão, mas é preciso estarmos atentos ao que Eagleton assinalou,

[53] Para mais, ver item 3.6.
[54] Ver Capítulo 2.
[55] Ver Capítulo 1, no qual, ao definir a pós-modernidade, trato da questão da fragmentação.

evitando encerrar este debate negligenciando as demandas de grupos sociais específicos. Argumentamos em na seção 3.2 dessa dissertação sobre trabalhos que aliaram os propósitos socialistas a questões de gênero, raça e sexualidade, dispensando a necessidade de proceder à bibliografia pós-estruturalista para falar sobre cada um desses temas ou mesmo aos estudos interseccionais, os quais se fizeram também sob as premissas da pós-modernidade[56]. Volto a esse debate da hierarquização das lutas sociais posteriormente, focalizando a relação entre os estudos do discurso e as estratégias políticas.

Continuando na tentativa de compreender de que modo Fairclough se posiciona em relação ao pós-estruturalismo e o marxismo, a partir do segundo livro de Fairclough (*Discourse and social change*), pode-se defender que há uma menor influência marxista em relação ao que era possível enxergar em *Language and Power*. A sua compreensão sobre a estrutura social parece se deslocar, não havendo mais uma reflexão aprofundada sobre a divisão de classes nos termos utilizados pela teoria marxista. Se consideramos isso, há de fato uma ruptura brusca quanto à compreensão de estrutura social, afinal, o debate de classes perde espaço, e a contribuição marxista fica restrita à noção de ideologia e de hegemonia a partir de Althusser e Gramsci, influências que já constavam na primeira obra, e à presença de conceitos como *comodificação* e seus efeitos sobre o discurso, argumentados a partir de Marx. Por outro lado, a relação entre Foucault e a análise do discurso ganha um capítulo e, neste momento, Fairclough parece incorporar a análise da estrutura social foucaultiana, considerando o "poder moderno" e outras contribuições. No entanto, Fairclough demonstra reconhecer as limitações da leitura de Foucault, o que faz com que a hipótese desta pesquisa, baseada na existência de uma tensão entre o posicionamento pós-estruturalista e marxista, permaneça possível:

> As fraquezas relevantes no trabalho de Foucault têm a ver com as concepções de poder e resistência, e com questões de luta e mudança. Foucault é acusado de exagerar a extensão na qual a maioria das pessoas é manipulada pelo poder; ele é acusado de não dar bastante peso à contestação das práticas, às lutas das formas sociais entre si, às possibilidades de grupos dominados se oporem a sistemas discursivos e não-discursivos dominantes, às possibilidades de propiciar a mudança nas relações de poder mediante a luta, e assim por diante (Lecourt, 1972: Macdonell, 1986). Não é que Foucault ignore tais questões: ele está interessado na mudança, por exemplo, quando dedica todo um capitulo (Foucault, 1972) a mudanças e transformações, em que enfatiza com vigor que

[56] Apesar de claramente avançar em direção a uma leitura que destaca o fato de que vivemos em sociedade de classes, os estudos interseccionais mantiveram, em sua epistemologia, a centralidade do discurso e a ênfase na questão da representação, não superando, portanto, o caráter idealista do pós-estruturalismo. Apesar de restrito ao recorte de gênero, o texto "Feminismos interseccional e da reprodução social: rumo a uma ontologia integrativa", de Susan Ferguson (2017), apresenta um posicionamento semelhante a esse em relação aos estudos interseccionais, que pode servir como base para um aprofundamento desse debate.

> as regras de formações discursivas definem não objetos e conceitos estáticos, mas os campos de suas possíveis transformações. E, em Foucault (1982), há uma discussão detalhada das formas de luta. Mas na totalidade de seu trabalho e nas análises principais, a impressão dominante é a das pessoas desamparadamente assujeitadas a sistemas imóveis de poder. [...] Esses problemas parecem estar ligados à ausência de um conceito de prática nas análises de Foucault, abrangendo a ausência do texto e da análise textual. Por pratica eu entendo os exemplos reais das pessoas que fazem, dizem ou escrevem coisas. Foucault (1972), de fato, refere-se à prática, quando introduz o conceito de prática discursiva, mas ele a define de forma confusa como regras que subjazem à prática real: uma prática discursiva é "um sistema de regras anônimas, históricas" (p. 117). Em outras palavras, a prática é reduzida ao seu inverso, a estruturas, usando esse termo no *latu sensu* dos recursos que são subjacentes e necessários para a prática (tanto quanto são produtos dela). (FAIRCLOUGH, 2002, p. 83)

Apesar de considerar que Foucault não deixou de tratar de questões relativas a mudanças, lutas e resistências, Fairclough, no trecho acima, demonstra uma incorporação moderada deste autor, ao defender que há limitações em seu desenvolvimento teórico, as quais dialogam com pontos que a crítica marxista também considera problemáticos: (1) a compreensão do **discurso como produtor da realidade** criticada pelos marxistas, que pode ser associada à crítica faircloughiana da compreensão das **práticas enquanto estruturas** (afinal, Fairclough questiona a definição foucaultiana de prática discursiva como "regras que subjazem à prática real"); (2) a **postura pessimista pós-moderna** identificada pelos marxistas, que pode ser relacionada à problematização **da resistência e do assujeitamento** trazida por Fairclough; e (3) a **dimensão exagerada do conceito de poder** (cuja abrangência se expande demasiadamente), que a crítica marxista explora praticamente da mesma forma[57].

Considerando estes paralelos traçados acima, apesar de *Discurso e mudança social* marcar um deslocamento da compreensão de estrutura social de Marx para Foucault, as observações de Fairclough em relação ao autor francês apresentam um potencial de diálogo com a crítica marxista, que corrobora, mais uma vez, a leitura de que em sua obra podemos evidenciar tensões entre o pós-estruturalismo e o marxismo, apesar de não parecer possível identificar que a visão do autor britânico se enquadre a qualquer uma dessas duas visões. Assim, não existe uma adesão completa a nenhum dos lados, e o fato de ambas as correntes estarem presentes, encaminha nossa leitura para a compressão de que sua obra, além de apresentar as tensões, sugere uma conciliação[58].

[57] Cf. Eagleton (1997, p. 20). Vimos ainda, na seção 3.4, que a ausência de contornos claros para a definição de poder (ou ainda a compreensão de que o poder incide sobre as mais diversas relações, sem definir exatamente em que circunstâncias) está relacionada à supressão da noção de ideologia em Foucault.
[58] Ao final, faremos considerações acerca das implicações deste movimento conciliatório.

Conseguimos ver que esse movimento conciliatório se mantém ao longo das obras analisadas e, mesmo que Fairclough constantemente justifique as diferentes visões associadas, é difícil de apreender como é possível que autores de vertentes tão opostas em certos aspectos convivam em sua teoria social do discurso. Desde o primeiro livro publicado por Fairclough, Foucault mostra-se como uma influência fundamental também através da noção de *ordem do discurso*, a qual Fairclough não incorpora de maneira irrestrita (uma vez que a modifica, incorporando à sua compreensão a noção de ideologia, por exemplo[59]). Essa noção percorrerá toda sua obra, sofrendo algumas modificações que a caracterizarão como uma noção propriamente faircloughiana. Por sua vez, os autores que constituem o nosso referencial teórico marxista para discutir a pós-modernidade (como Terry Eagleton e Fredric Jameson) são eventualmente mencionados em Fairclough, determinando que sua obra está em diálogo com outras produções da mesma época, o que pode ser mais um indício da presença da tensão entre pós-estruturalismo e marxismo em sua teoria social do discurso (afinal, a tensão existia e estava sendo posta por diferentes autores, em diferentes lugares do mundo; era um debate vivo, e que permanece vivo nos dias de hoje, motivando a escrita dessa dissertação e de outros trabalhos que tratam deste tema[60]). Essas referências, assim como Foucault, também surgem desde sua primeira obra, mobilizando as noções de poder e de ideologia, além de respaldar discussões sobre a pós-modernidade enquanto um conceito/fenômeno.

Ainda que a referência aos autores marxistas ocorra de maneira pontual, há momentos em que elas indicam uma tomada de posição muito importante por Fairclough em torno do debate entre marxismo e pós-estruturalismo, como é o caso das alusões a Eagleton em *Critical Language Study*, por exemplo. Discuti, na seção 3.3, que, nesta obra, Fairclough acirra a oposição entre as duas correntes de pensamento, expondo que, dentre os limites do pós-estruturalismo, está o abandono da ideologia, uma noção basilar na ACD faircloughiana. Detendo-nos um pouco mais sobre este ponto, nesta obra, Fairclough busca delimitar a abrangência da própria noção de ideologia apoiando-se em Eagleton:

> As Eagleton (1991) points out, this book was a useful corrective to the tendency of culturalist versions of Marxism to overstate the role of ideology in social reproduction, but it considerably underestimates the contemporary potency of ideology. (FAIRCLOUGH, 1995, p. 16)

[59] Cf. Fairclough (1992).
[60] Recuperarei essa discussão ao final dessas considerações.

É possível considerar que, ao fazer isso, Fairclough está atento às possibilidades de autonomização do conceito (neste caso, especificamente, do conceito de ideologia), demonstrando uma afinidade com a crítica marxista e expondo de maneira clara as correntes com as quais ele se coloca em oposição: o que ele considera como "culturalist versions" do marxismo e o pós-estruturalismo. Considero este ponto crucial, porque não se trata apenas da citação a um autor marxista para fundamentar um ponto de vista; trata-se do reconhecimento de que um conceito precisar ter seus limites bem definidos, uma discussão que alcança uma das principais críticas de Volóchinov e de Jameson à autonomia do conceito, e dialoga também com a problemática da definição do signo, o que o pós-estruturalismo fragilizou ao reforçar a ideia de que um signo se define pela sua diferença[61].

Essa questão da definição pela diferença é ainda o que dá força à tese pós-moderna de que a ciência deve se legitimar através dos jogos de linguagem, que encontramos na obra de François Lyotard (2009 [1979])[62].

Por outro lado, Fairclough não nega que a linguagem deva gozar de certa centralidade nas ciências humanas. Em sua primeira obra já emerge o tema polêmico da virada linguística a qual muitos teóricos (marxistas e pós-modernos) se referem:

> Some people refer to 'the linguistic turn' in social theory – though more recently, writers on 'postmodernism' have claimed that visual images are ousting language, and have referred to postmodernist culture as 'postlinguistic'. It is not just that language has become perhaps the primary medium of social control and power, though that is noteworthy enough; language has grown dramatically in terms of the uses it is required to serve, in terms of the range of language varieties, and in terms of the complexity of the language capacities that are expected of the modern citizen. If, as I shall argue, ideology is pervasively present in language, that fact ought to mean that the ideological nature of language should be one of the major themes of modern social science. (FAIRCLOUGH, 1989, p. 2)

Apesar de não problematizar a centralidade da linguagem isolando-a enquanto um aspecto da pós-modernidade (como o faz os autores marxistas que tomamos como referência), para justificar a virada linguística, Fairclough pontua que a ideologia está imersa na linguagem. Neste momento, é possível que estabelecer um diálogo entre

[61]Cf. Eagleton, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 192-193: "Se o estruturalismo separou o signo do referente, esse pensamento - freqüentemente mencionado como "pós-estruturalismo" - dá um passo além: separa o significante do significado. Outra maneira de dizer o que se expôs acima é afirmar que a significação não está imediatamente *presente* em um signo. Como a significação de um signo depende daquilo que ele *não* é, tal significação está sempre, de alguma maneira, ausente dele. A significação, se assim quisermos, está dispersa ao longo de toda uma cadeia de significantes e não pode ser facilmente fixada; ela nunca está totalmente presente apenas em um signo, mas é antes uma espécie de constante oscilação de presença e ausência.".

[62] Essa crítica foi aprofundada no Capítulo 2.

Fairclough e Volóchinov, teórico que defendia que a palavra era um fenômeno ideológico por excelência[63]. Assim, ainda que do ponto de vista marxista se possa argumentar que faltou tratar de forma crítica essa questão (refiro-me à dimensão que os estudos da linguagem alcançaram nas ciências humanas), Fairclough mantém certa afinidade com o marxismo. Ademais, como pudemos ver ao longo de todo o Capítulo 3, sua noção de ideologia considera uma bibliografia marxista e dialoga intensamente com seu papel na reprodução da dominação de classe na sociedade capitalista.

Em *Discourse in Late Modernity*, os autores (Chouliaraki e Fairclough) se aprofundam na temática da pós-modernidade, como o próprio título já indica[64], mostrando o quão relevante é essa polêmica para a Análise Crítica do Discurso. Já apontamos a centralidade da discussão sobre a produção da realidade material através do discurso, uma forte tese pós-estruturalista. Ao longo desta pesquisa, conseguimos ver alguns momentos em que Fairclough contesta essa ideia, apesar de utilizar constantemente autores do pós-estruturalismo. Nesta obra especificamente, o autor reitera essa oposição ao caráter constitutivo do discurso sobre a realidade:

> It is important to recognize the social import of discourse without reducing social life to discourse – a reductionism characteristic of postmodern views of the social world that is a constant risk and temptation for discourse analysts. CDA has set out a dialectical view of the relationship between discourse and other, extra-discursive, facets of the social world. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1995, p. 6)

Ao produzir este tipo de crítica, Fairclough e Chouliaraki recaem em uma questão de extrema importância para a crítica marxista em relação à pós-modernidade, demonstrando seu afastamento de uma concepção de discurso construtivista radical, apesar de utilizar Foucault, autor que foi fundamental para essa forma de compreender a realidade. Portanto, podemos entender que a contribuição de Foucault em Fairclough possui limitações que devem ser ressaltadas para que se compreenda de que modo autores tão diferentes são utilizados em sua ACD. Ainda sobre este ponto especificamente, nesta obra Fairclough estabelecerá que é importante que o discurso seja incorporado à ciência social crítica desde que parta de uma visão não idealista, que reduza a vida social ao discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1995, p. 28). Dessa forma, é possível defender que *Discourse in Late Modernity* propõe aproximações à crítica marxista

[63] Mencionamos a citação em que isso ocorre ao final da seção 1.2.2.
[64] Modernidade tardia e pós-modernidade são conceitos equivalentes.

resultantes do reconhecimento das limitações das teorias pós-estruturalistas, o que vai se estender também à crítica sobre a concepção foucaultiana de poder[65].

As estratégias políticas e a questão do discurso

Na esteira da discussão sobre o poder, conforme já argumentado no Capítulo 3 da dissertação, Fairclough foca na hierarquização das lutas sociais; há algo relevante acerca disso que não discuti nesta pesquisa (porque extrapola o objetivo de estudar as influências pós-estruturalistas e marxistas na obra de Fairclough), que é a relação entre as questões relativas à representação e sua importância para os movimentos identitários. Este ponto resguarda possibilidades de diálogo com a crise da representação da qual tratamos na seção 2.1 e tem muito contribuir para o debate entre marxismo e pós-modernidade, que certamente vai além do ambiente acadêmico, fazendo-se presente também no centro das discussões dos movimentos sociais, entre militantes e partidos de esquerda.

Uma reflexão alternativa para este debate é discutir *como* estamos lidando com as demandas dos movimentos identitários, em vez de colocá-las em xeque hierarquizando as lutas sociais, porque isso, tratado desta forma, significaria colocar em xeque também as reivindicações de grupos historicamente negligenciados, como reconhece Eagleton (1996 [1991], p. 21). É relevante, por exemplo, que se sinalize quando estas demandas (como por representatividade) acabam apenas ecoando premissas em torno das liberdades individuais, remetendo a um discurso liberal-progressista. Não é a primeira vez que certas bandeiras em torno das liberdades individuais acabam tornando-se uma estratégia das camadas burguesas ou pequeno-burguesas para atrapalhar a compreensão pela classe trabalhadora de que vivemos em uma sociedade essencialmente de classes, sendo extremamente necessário que estejamos atentos a como conduzir as necessidades de grupos sociais específicos sem ceder ao menor avanço do capitalismo[66]. Apesar de não ser a primeira vez que nos deparamos com a apropriação de certos lemas escolhidos pela

[65] Cf. Chouliaraki e Fairclough (1995, p. 24).

[66] Um exemplo dessa estratégia podemos retirar de *La Revolución Rusa*, de Rosa Luxemburgo (2017, p. 35-44). Nele, a autora pontua algumas escolhas equivocadas do partido bolchevique por apoiar as demandas de movimentos nacionalistas-separatistas. Ela discorre em dado momento sobre o caso da Ucrânia, cujas ideias de emancipação territorial nasceram da cabeça de uns poucos intelectuais burgueses, mas que, aos serem postas em foco pelo partido de Lenin, inflaram-se, tornando-se centrais para grande parte da população ucraniana que se deixou levar pelas aspirações destes grupos. Assim, de maneira contrária ao que previa Lenin, a Ucrânia não tornou-se uma aliada da Revolução Russa, e sim um braço direito do Império alemão, impulsionando uma contrarrevolução. Para sustentar esse ponto de vista, a autora e militante comunista destaca a importância que a Ucrânia teve anteriormente para a formação de uma classe trabalhadora ativamente engajada na luta revolucionária, fundamental para que ocorresse a própria Revolução Russa. Tal estratégia burguesa acometeu também outros países pequenos do Leste Europeu, cujo apoio à Revolução Russa era definidor para a permanência e expansão do socialismo.

esquerda[67], é de maneira particular que vemos isso ocorrer na pós-modernidade, a partir de aspectos que pontuamos algumas vezes nessa dissertação, como a mudança no cenário político (com a divisão dos movimentos sociais e a sobreposição das questões relacionadas à subjetividade) e a inflação do discurso, esta última estreitamente relacionada à compreensão do discurso como produtor da realidade, ideia forjada pelo pós-estruturalismo que fortalece o entendimento de que o foco da lutas sociais é uma questão discursiva, de representação, simbólica.

Considerando a capacidade de incorporação pelo sistema capitalista das demandas de certos movimentos sociais, talvez possa caber à ACD a tarefa de analisar esses momentos de apropriação dos discursos progressistas por igualdade enquanto estratégias de marketing que visam, principalmente, maior lucratividade, expandindo seus mercados consumidores. Apesar de essas estratégias atenderem às demandas por representatividade, alterando apenas em alguns aspectos a realidade material, esses discursos estão longe de dar conta de transformar a vida dos milhares que vivem na periferia do capitalismo e cujas condições de vida estão submetidas à relação patrão-empregado, corroborando, muitas vezes, com as aspirações meritocráticas, como é o caso da celebração do empreendedorismo feminino, por exemplo. Possivelmente isso muda a vida daquela mulher empreendedora (cuja história de superação social pode, sim, ser reconhecida), mas a torna alguém que vem a assumir uma posição dominante em relação aos seus empregados, sejam eles homens ou mulheres, brancos ou negros, extraindo a mais-valia de seu trabalho, independentemente do nível de regularização dessa relação empregatícia. O mais longe que conseguimos levar essa discussão é que esta mulher servirá como um modelo para as demais que nela quiserem se inspirar, como se houvesse um lugar ao sol para todos no sistema capitalista.

Não se deve condenar necessariamente que a ascensão destes grupos sociais ocorra, mas deve-se questionar até que ponto este movimento transforma efetivamente a vida das demais pessoas pertencentes a estes grupos. Face a isto, deslocando a nossa discussão especificamente para realidade brasileira, cabe pensar o que significa a vitória de um candidato de (extrema) direita que desferiu inúmero golpes às reivindicações dos movimentos identitários durante as últimas eleições presidenciais (ou seja, que venceu apesar desses inúmeros ataques). O que esses expressivos resultados nos levam a crer, para além das análises acerca de outros possíveis cenários de disputa nas eleições? Trata-

[67] Em alusão à nota anterior, refiro-me aqui ao lema pela autodeterminação das nações escolhido pelos bolcheviques.

se apenas da manipulação de uma mídia igualmente conservadora ou uma atitude irrequieta dos grupos dominantes pelo lugar alcançado por mulheres, pessoas LGBTs e negros em determinadas esferas da vida social? E o que nos diz sobre este debate o descontentamento de boa parte da população com as medidas tomadas pelos governos anteriores, que buscaram construir uma conciliação entre burguesia e proletariado, apesar das medidas propostas em relação às políticas identitárias? Não intenciono responder objetivamente a nenhuma destas perguntas, mas entendo que elas formam parte do cenário no qual esta pesquisa foi desenvolvida e, de certa forma, podem ser abordadas, do ponto de vista teórico, por alguns dos temas de que tratei, como a crise da representação, a inflação do discurso ou os reflexos da pós-modernidade na configuração dos movimentos sociais.

Por fim, a obra de Fairclough nos mostra que encontrar um "justo meio" entre pós-estruturalismo e marxismo resulta em uma proposta de conciliação que pode não ser compreendida positivamente tanto por marxistas quanto por pós-estruturalistas, como nos revelam os posicionamentos de Eagleton (com críticas tenazes ao pós-estruturalismo foucaultiano, uma das principais referências teóricas de Fairclough) ou Clare Walsh (que produziu uma crítica diretamente endereçada a Fairclough, classificando-o até mesmo como pertencente a uma "economistic tendency" [2001, p. 27]). No entanto, uma vez que este autor permanece vivo e produzindo novos textos, vale observar que, recentemente, ele parece tentar resolver este impasse com publicações como "Marx as a critical discourse analyst", artigo em que argumenta em favor de reconhecermos sua ACD próxima às ideias marxistas, ou mesmo com a defesa por uma postura mais radical da ACD, no artigo "CDA as dialectical reasoning", publicado em 2018.

Combina-se a essa tomada de posição um contexto político em que o debate entre pós-estruturalismo e marxismo volta ao centro das discussões, após a derrota de governos progressistas em diversos lugares do mundo que, apesar de defenderem um discurso conciliatório em relação às classes sociais e multicultural em torno do conceito de pluralidade, tão caro às teorias pós-modernas e também ao pensamento liberal, não foram suficientes para conter as contradições do capitalismo, cedendo lugar ao conservadorismo mais espúrio que, para além de atacar os grupos sociais historicamente oprimidos, mostra-se o único capaz de assegurar o avanço desse sistema socioeconômico, desferindo ataques cada vez severos a toda a classe trabalhadora a fim de garantir o lucro das grandes corporações.

Propus de maneira enfática nessa dissertação que Fairclough buscou forjar, ao longo de toda sua obra, uma conciliação entre ideias e autores marxistas e pós-estruturalistas, buscou encontrar um "justo meio" para tratar deste debate. No entanto, isso resultou em um posicionamento teórico e político que se dilui na tensão e, dessa forma, não a resolve. Para avaliar essa constatação, proponho um diálogo com as ideias de Rosa Luxemburgo que constam no fragmento do texto *A revolução russa* (1991) que constitui a epígrafe do presente trabalho: transformar a realidade social e superar o capitalismo requer que abandonemos a busca por um "justo meio" e tomemos decisões que sejam capazes responder prontamente ao menor anseio revolucionário; somente assim conseguiremos construir um cenário no qual nos pareça cada vez mais possível a ideia de uma revolução.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **For Marx**. London: Allen & Unwin, 1969.

ALTHUSSER, Louis. Ideology and ideological state apparatuses. In: **Lenin and philosophy and other essays**. New York: Monthly Review Press, 1971.

ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. **Reading "Capital"**. London: New Left Books, 1970.

ANDERSON, Perry. **The origins of postmodernity**. London: Verso, 1998.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Trad. Marcus Penchel. São Paulo: Verso, 1999.

BALIBAR, Etienne; WALLERSTEIN, Immanuel. Race, Nation, Class: Ambiguous Identities. **Science and Society**, n. 56 (4), p. 482-484, 1992.

BERNSTEIN, Basil. **The Structuring of Pedagogic Discourse**. London: Routledge, 1990.

BERNSTEIN, Basil. **Pedagogy, Symbolic Control and Identity**. New York: Taylor and

Francis, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Cambridge: Polity Press, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **Language and Symbolic Power**. Cambridge: Polity Press, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado:** Cursos no Collège de France (1989-**92).** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BROWN, Andrew; FLEETWOOD, Steve; ROBERTS, John (Eds.). **Critical Realism and Marxism**. London: Routledge, 2002.

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter*:*** On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. Merely Cultural. **Social Text**, vol. 15, n. 3-4, p. 265-277, 1997.

CALLINICOS, Alex. **Against postmodernism:** a marxist critique. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1990.

CALLINICOS, Alex. **Contra el postmodernismo:** una crítica marxista. Bogotá: El Ancora, 1993.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity:** rethinking critical discourse analysis. Edinburgh University Press, Edinburgh, UK, 1999.

CURRY, Neil. Marxismo, Pós-Marxismo e Realismo Crítico: reflexões acerca do debate Bhaskar/Laclau. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 97-116, abr. 2014.

EAGLETON, Terry. **Ideology:** An Introduction. London: Verso, 1991.

EAGLETON, Terry. **Ideologia:** uma introdução. Trad. S. Vieira e L. C. Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/ Editora Boitempo, 1997.

EAGLETON, Terry. **Ilusões do pós-modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. São Paulo: Zahar, 1998.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura:** uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. Longman, Essex, UK, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and Social Change**, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis:** The Critical Study of Language. Harlow: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. Discourse, social theory, and social research: The discourse of welfare reform. **Journal of Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UNB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse:** Textual Analysis for Social Research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. CDA as dialectical reasoning. **The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman; GRAHAM, Philip, Marx as critical discourse analyst: the genesis of a critical method and its relevance to the critique of global capital. **Estudios de Sociolingüística**, vol. 3, n. 1, 2002.

FERGUSON, Susan. Feminismos interseccional e da reprodução social: rumo a uma ontologia integrativa. **Cadernos Cemarx**, n. 10, 2017, p. 13-38

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus Ed.: EDUSP, 1965.

FOCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Trad. M.T.C. Albuquerque e. J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOCAULT, Michel. 'What is enlightenment?'. In: n P. Rabinow (ed.) **Michel Foucault: Essential Works Vol. 1 (Ethics)**, Harmondsworth: Penguin, 1994.

FOCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25ª ed. Trad. Roberto Machado. Ed.Graal. Rio de Janeiro, 2008.

FRASER, Nancy. Feminism, capitalism, and the cunning of history. **New Left Review**, n. 56, 2009.

HALL, Stuart. Signification, representation, ideology: Althusser and the post-structuralist debates. **Critical Studies in Mass Communication**, 2:2, 91-114, 1996.

HARVEY, David. **The Condition of Postmodernity**. Oxford: Blackwell, 1990.

HARVEY, David. **Justice, Nature and the Geography of Difference**. Oxford: Blackwell, 1996.

JAMESON, Fredric. **Postmodernism or the cultural logic of late capitalism**. Durham: Duke University Press, 1991.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. Trad. Maria Elisa Cevasco e Iná Camargo Costa. São Paulo: Ática, 1996.

JAMESON, Fredric. **The ideologies of theory**. Londres e Nova Iorque: Verso, 2008.

JAMESON, Fredric. **Valences of the dialectic**. Londres e Nova Iorque: Verso, 2009.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista:** por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe: estudos da dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1923].

LUXEMBURGO, Rosa. **A revolução russa**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LUXEMBURGO, Rosa. **La Revolución Rusa**. Madrid: Akal, 2017.

LYOTARD, Jean François. **La condition postmoderne:** rapport sur le savoir. Paris: Editions de Minuits, 1979.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MARTINS, Marcos Francisco. Pós-modernidade: uma negação ontológica, gnosiológica e axiológica a serviço da manutenção da hegemonia. **V Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**. HISTEDBR – UNICAMP, 2001.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Global, 1985 [1847].

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007 [1845-1846].

MELO, Iran Ferreira. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e interseções. **Revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, linguística e literatura**, n. 11, 2009.

MUSSE, Ricardo. **A dialética como discurso do método**. Tempo social: revista de sociologia da USP. v.7 n.1. São Paulo, 2005.

MUSSE, Ricardo. O debate marxista sobre a pós-modernidade. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, 2012.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria**. Trad. José Carlos Orsi Morel. São Paulo, Ícone Editora, Tomo I, 2003.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. p. 185-208, set. 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes:** mito e realidade. 1967. Tese (Livre-Docência em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP).

THOMPSON, John Brookshire. **Studies in the Theory of Ideology**, Cambridge: Polity Press, 1984.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideology and Modern Culture:** Critical Social Theory in the Era of Mass Communication. Cambridge: Polity Press, 1990.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

WALSH, Clare. **Gender and Discourse:** Language and Power in Politics, the Church and Organisations. London: Routledge, 2001.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 4, p. p. 223-243, set. 2010.